

O PADRE DEVE SER CASADO?

O CELIBATO ECCLESIASTICO DEFENDIDO

POR

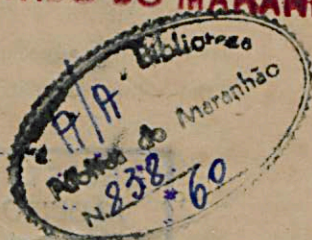
D. S. Castello Branco.

Presbytero da diocese do Maranhão, (Brasil),
Professor no Seminario Episcopal de S. Antonio,
Doutor em Direito Canonico
pela Academia Pontificia de S. Apolinario, em Roma,
e Bacharel em Theologia pela Universidade
Catholica de Paris.

SEGUNDA EDICAO

REVISTA E AUGMENTADA PELO AUCTOR

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO



MARANHÃO-1884.

Typ. do Frias.

EXCELSA VIRGEM DAS VIRGENS, RAINHA DO
CLERO, MARIA SANTÍSSIMA.

Aqui me tendes prostado aos vossos pés offerando este humilde trabalho, primeiro fructo de meus estudos, primeiro passo nas santas obras do zelo.

*Quando de vossos ministros recebia eu os primeiros estudos e o desenvolvimento d'aquella fé em Jesus-Christo e aquelle filial amor para convosco, que se imprimi-
ão em minha alma com as aguas do baptismo, nas-
ceu-me o desejo de offerecer-vos um dia o meu primeiro
trabalho litterario.*

*Agora que com a idade e o serviço do altar se tem
aumentado os motivos de minha gratidão e amor para
convosco, venho, com esta humilde oblação, realisar o
que em minha infancia-me apparecia como sonho de
realização. Feliz me julgo e adoro os designios da Pro-
videncia permittindo que meu primeiro trabalho seja
cisamente destinado á defesa dos soldados de vosso
exército, sob cujo estandarte milito, e á exaltação da vir-*

tude que vos foi mais cara e que mais vos elevou aos olhos do Altissimo, a angelica castidade.

Bem sei que longe está de ser digno de vós tão imperfeito trabalho, mas é sempre agradavel á um coração materno o que é offerecido pela simplicidade de um coração filial.

E' pobre a offerta porque o auctor é pobre. Mas, engrandecida e fecundada pelas benções que alcançareis de vosso divino Filho para o auctor e sua obra, est produzirá algum bem, já fortificando os que se impo serão o tão nobre sacrificio do celibato, já esclarecendo o espirito dos que attacão tão injustamente este san clero do qual sois Rainha.

APPROVAÇÃO EPISCOPAL

Illm.^o e Revm.^o Sr. Dr.—Li com toda a attenção sua obra sobre o Celibato Ecclesiastico, da qual V. Revm. teve a delicadeza de offerecer-me um exemplar, solicitando ao mesmo tempo minha approvação.

Esta publicação, Revm.^o Sr. Dr., primicias do bello e raro talento com que Deos o enriqueceo, como um raio de luz veio augmentar o brilho da mais preciosa pedra cravada na corôa que orna a fronte do sacerdote catholico, e de todos quantos pelo seu estado são obrigados á lei do celibato. Os principios de doutrina expostos por V. Revm. com tanta lucidez e habilidade produzirão certamente optimas impressões nos seus leitores em geral, especialmente nos ecclesiasticos, que lendo-os, sentir-se-hão inflammados no desejo de conservar sempre limpido e fulgido o rico diamante de sua corôa virginal -- o Celibato Ecclesiastico.

Não tendo encontrado em todo o seu livro uma só phrase que se opponha ás verdades da fé, e aos bons costumes, não duvido nem hesito um instante em approval-o, recommendando geralmente sua leitura.

Permitta Deus que sua obra obtenha o desejado successo, e V. Revm. os fins que teve em vista escrevendo-a.

Agradecendo o exemplar que offereceu-me, queira, acceitar Sr. Dr. minhas felicitações, e com ellas as expressões de minha benevolencia e do meu particular affecto que consagro a V. Revm. de quem subscrevo-me.

S. Luiz, 26 de março de 1884.

Humilde servo em N. S.

✠ ANTONIO, Bispo do Maranhão.

H. M. D. G.

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

I

A Igreja impõe aos padres, e á aquelles que de um modo mais immediato se preparão ao sacerdocio, pela ordenação *in sacris*, a lei do *celibato*; ou antes, a Igreja apresenta como condição aos aspirantes à ^su-
cia de Christo e serviço do altar a guarda perpetua da castidade. Como soberana ella pode propor esta condição aos que querem se pôr ás suas ordens; com plena liberdade, cada um pode acceita-la ou rejeita-la, e, fazer ou não tal compromisso, conforme sentir-se ou não chamado por Deus ao estado ecclesiastico.

Porque impõe a Igreja esta condição ?

A resposta é facil. A Igreja impõe o celibato aos seus ministros para manter no curso dos seculos seus

altares acima dos altares do paganismo e acima dos altares do judaismo. Ella impõe o celibato para ver com seus proprios olhos realisar-se no sanctuario a perfeição de um conselho evangelico, que sem isso seria talvez banido da terra ou enterrado vivo na escuridão do claustro ou nas profundezas do deserto.

Ella impõe o celibato para continuar no meio dos povos, muitas vezes dissolutos, o espetaculo da abnegação mais completa que possa ser praticada por frageis creaturas.

Ella impõe o celibato afim de perpetuar sob os raios do sol evangelico essa gloriosa rivalidade com os anjos, mais felizes que invejosos de uma tal concurrencia da parte dos homens. Ella impõe o celibato para dar à Virgem-Mãe uma longa serie de imitadores em sua virgindade, como ella lhe dá a mystica reprodução do Verbo divino.

Ella impõe o celibato para manter-se em uma justa liberdade e independencia dos poderes invasores.

A Igreja impõe emfim o celibato aos seus ministros, porque comprehende quanto d'ahi pode resultar de gloria para Deus, honra para si-mesma, merito para o sacerdote, dignidade para o seu ministerio, recursos para o seu apostolado, proveito para as almas.

II.

Fundada em tantos e tão graves motivos, parece bem natural que a lei do celibato fosse tratada com

respeito por todos os que se glorificão de pertencer ao Evangelho, e que o incredulo, que recusa partilhar nossa fé, reconhecesse ao menos o qué ha de logico e puro no celibato ecclesiastico, attenta á condição e á missão do sacerdocio catholico.

Parece bem natural; todavia não é assim. Sobre todos os pontos de nossas crenças, sobre todas as regras da disciplina romana e da moral catholica, a impiedade, o scisma, a heresia, a paixão, a fatuidade de uma sciencia tacanha, a corrupção dos costumes, a prevenção caprichosa e a leviandade de espirito levantarão duvidas e crearão obstaculos; porem poucas materias excitarão tanta contradicção, poucas questões forão tão debatidas e vulgarisadas como a do celibato ecclesiastico.

Sempre, e hoje mais do que nunca, em todas as nações christãs, e no Brasil mais talvez do que em muitas outras, a questão do casamento dos padres tem sido uma questão cheia de grande actualidade e de não menor importancia.

Amigos e inimigos da Igreja sempre della se occuparão, os primeiros para dêfende-la, os segundos para attaca-la.

Sabio ou ignorante, deputado ou eleitor, velho ou moço, homem ou mulher, todos julgão-se *ex-professo*, entre os nossos adversarios, habilitados a discutir essa questão e á pronunciar sobre ella uma sentença, tanto mais peremptoria ás vezes. quanto maior é a inaptidão e incompetencia desses juizes improvisados.

que invadindo uma esphera alheia querem julgar sobre uma causa que não é de sua alçada.

Nos livros, nos jornaes, nos *parlamentos nacionaes*, nas conversações, nas viagens, nas reuniões, por toda parte onde o assumpto versa sobre a Igreja ou sobre o clero, é raro que não seja agitada a questão do casamento dos padres.

Esta regra é quasi infallivel se a presença de um ecclesiastico, sobre tudo de um joven aspirante ao sacerdocio, vem avivar a memoria ou excitar a loquacidade de certas pessoas que teem por systema fallar de tudo sem entender de nada.

As regras do decoro são muitas vezes esquecidas, as mais acerbas calumnias, os mais negros e falsos juisos, as mais duras accusações são fulminadas contra a conducta dos padres cujo crime é sacrificar-se pelo bem do proximo; e contra a Igreja que com suas leis sanciona um tal sacrificio.

Os primeiros são alcunhados d'hypocritas, *jesuitas*, e incapazes de sustentar o juramento de castidade que fiserão em face dos altares.

A segunda é accusada de tyranna e intoleravel impondo aos seus ministros um jugo *impossivel*,

Neste intuito as objecções refervem, e os inimigos do clero e da Igreja condemnão o celibato em nome da theologia, em nome da lei natural, em nome da lei divina positiva, em nome da sociedade, em nome da moral, em nome do proprio clero.

O que ha de mais doloroso ainda, é ver-se, de tem-

pos á tempos, sinceros ou pretensos amigos do clero partilhar taes erros, commungar taes principios. Não é com effeito tão raro ouvir se dizer: Na verdade é sublime a carreira sacerdotal, é sublime a vocação ecclesiastica, não ha ministerio mais nobre do que o ministerio do padre catholico, *mas...* o padre deveria ser casado.

E' este o ponto final que todos encarão, considerando o celibato como jugo cruel, sem se lembrar que alem das forças humanas existe a graça divina, essa graça que não falta aos filhos de Deus, essa graça que é dada em proporção relativa á grandeza da lotta e sublimidade do sacrificio.

III

Mas donde vem? qual a causa dessa guerra tão viva contra uma instituição que por sua natureza, e attenta a missão da classe sacerdotal, não deveria merecer senão a sympathia e a approvação geral? Nada mais simples.

Essa hostilidade é filha da politica cega e oppressiva que trabalha dia e noite por encadear, com algemas de amor terreno e de interesses materiaes, esses corações generosos, destinados á respirar do lado do ceu e á pregar o desprendimento do mundo.

Essa guerra deriva do fundo de depravação do mundo que ama o prazer e não ama a cruz de Jesus-Christo, do mundo que aceita o peccado e repelle a

penitencia; do mundo *dissoluto*, diante do qual o celibato religioso ergue-se como um espelho terrível que reflete seus vícios, como um obstáculo que choca todos os seus prazeres, como um censor austero que semeia a amargura no meio de sua volúpia. O celibato é para o mundo o que o remorso é para a consciência; o mundo não o quer, o odeia, o detesta, o repelle, o hostiliza.

Essa guerra nasce ainda de uma inveja secreta que não pode supportar ao seu lado uma superioridade moral, e de odio secreto contra a religião cuja *influencia* diante dos povos se quereria diminuir, e si fosse possível paralisar, casando o padre e abaixando-o ao nível da vida hominum; enfim essa guerra provem de uma *pusilanimidade* de coração que para desculpar suas próprias faltas trata de impossibilidade, de chimera, e, si necessario fôr, de hypocrisia, uma perfeição e um sacrificio cujo desejo, cuja generosidade só as almas nobres podem sentir, mas cuja importancia salta aos olhos de todos.

IV

Soldado de Jesus-Christo e alistado em sua casta milicia, compenetrado da necessidade do *celibato ecclesiastico*, como pode e deve ser todo catholico e todo homem que compenetra-se da missão que é reservada ao padre catholico, o meu coração doia-se ao ler nos jornaes, encontrar nos livros, ou ouvir nas conversa-

ções as torpes calumnias, as mentiras e as anedoctas ridiculas adredes formuladas contra esta nobre instituição da Igreja de Jesus-Christo.

O meu ardor redobrou quando, ha alguns mezes apenas, eu lia nos jornaes brasileiros os ataques que no parlamento nacional tinham sido feitos contra o celibato ecclesiastico.

Dominado pelo zelo que se accende junto aos altares, fortificado por uma convicção enraizada no mais intimo de minha alma, julguei opportuno escrever algumas linhas em favor de uma causa tão nobre quão combatida. Ella é causa da Igreja, ella é a causa do clero, ella é a minha causa.

V

E' esse pequeno trabalho que, longe da patria, entrego agora sob a protecção divina à publicidade.

Elle é sem duvida muito inferior ao que exige a grandesa de tão nobre causa e muito superior ás forças do que o empreendeu e realisa.

Mas a verdade não se serve dos grandes defensores senão com largos intervallos; ella contenta-se em geral dos fracos defensores que se achão ao alcance, segundo as necessidades dos tempos e lugares, porque seu triumpho não depende d'elles, mas dos proprios elementos de defesa que a verdade contem em si mesma. Eis o que me anima.

Tratarei a questão summariamente, mas sob todos

os aspectos que podem offerecer algum interesse: sob o ponto de vista historico, apologetico, theologico, politico, philosophico e social.

Não pretendo addusir uma doutrina nova, os documentos que invoco são do dominio de todos, os motivos de apreciação que apresento são hauridos em principios certos, em factos notorios e em autores que profusamente tratarão da materia.

Procurarei todavia supprir pela ordem, claresa, precisão, escolha dos argumentos e distribuição das materias o que pode faltar de novo e original quanto a these em geral; foi este principalmente o meu cuidado e o meu trabalho.

Possa este pequeno volume contribuir para fazer cahir os injustos e numerosos prejuizos que reinão no mundo contra o celibato dos padres. Possa este pequeno trabalho esclarecer e animar os jovens aspirantes ao sacerdocio, que ahi encontrarão os principaes fundamentos desta santa lei que os obrigará mais tarde. Possão estas linhas emfim fortalecer nossos irmãos na estima e amor do seu estado, e ministrar-lhes facilmente as armas com que se podem defender dos assaltos que cada dia se dirigem contra o celibato do clero.

Não ambiciono outro successo; elle é justo. Deus o abençoará.

Paris 2 de Abril, de 1883.

PADRE J. S. CASTELLO-BRANCO

DUAS PALAVRAS SOBRE A SEGUNDA
EDIÇÃO.

A facil aceitação que encontrou em Portugal a primeira edição desta obra levou-nos a deixal-a toda ahi, ao mesmo tempo que animou-nos a dar desde logo segunda edição destinada, à circulação no Brazil.

Aproveitando dos conselhos e observações feitas por pessoas habilitadas, que leram o nosso trabalho sobre o celibato, corrigimos o que pareceu necessario e reforçamos por novos documentos a nossa these.

Vae esta segunda edição precedida de uma honrosa carta de approvação e animação que dignou-se dirigit-nos nosso distincto Prelado o Exm. Sr. D. Antonio Candido de Alvarenga.

Si nosso livro não merece os encomios dispensados por S. Exc. em sua favoravel apreciação, agradecemos-os como uma prova de que o preclaro Prelado maranhense não recusa a sua alta consideração

e animação aos esforços bem intencionados dos padres de sua diocese.

Collocamos de novo nosso trabalho sobre a guarda da Divina Providencia para os mesmos fins que tinhamos em vista na nossa primeira edição.

Ainda que não tivesse sido posta em circulação no Brazil nosso trabalho sobre o celibato, um distincto redactor da «Civilisação», á quem por dever haviamos particularmente offerecido um exemplar, não duvidou desde logo emittir o seu juiso sobre o livro, juiso que por muito valioso aqui reproduzimos em abono desta segunda edição.

«BIBLIOGRAPHIA.—O Rvd.^o padre Dr. J. S. Castello-Branco, que acaba de concluir seus estudos ecclesiasticos na Europa, publicou um interessante livro, que tem por titulo:

O PADRE DEVE SER CASADO ?

E' um trabalho methodico e que abona a esclarecida intelligencia do joven Sacerdote.

O livro contem 24 capitulos e acha-se dividido em tres partes.

A primeira é a parte *historica*. Nella o autor, em quadros breves, mas cheios de interesse, synthetisa a pratica e sentimentos de todos os povos com relação ao celibato ou á virtude da castidade sacerdotal.

A segunda parte é *apologetica*. Ahi o Rvd. Padre Castello-Branco desenvolve uma serie de demonstra-

ções bellissimas e preva á saciedade, ser impossivel conceber-se o Padre, sem a virtude da castidade, porque as suas funcções de *Sacrificador*,

Juiz,

Medianeiro

Doutor e Mestre.

Pastor e Apostolo, não as pode elle desempenhar semo auxilio da castidade.

A terceira parte do trabalho é *polemica*. Para as pessoas que ousam atacar o celibato, firmando-se em razões de conveniencia, é uma das partes mais momentosas do livro.

Ahi estão magistralmente respondidas todas as objecções de certos advogados *officiosos*...

O confronto que o auctor faz do clero catholico e celibatario, com as seitas e nucleos orientaes em que permite-se o casamento aos Padres, é d'uma força esmagadora em favor da celibato ecclesiastico.

Creemos que o livro do Revd. Padre Castello-Branco prestará bons serviços ao Clero e esmagará os declamadores que fallam de tudo sem estudar cousa alguma. (Civilisação de 9 de junho de 1883, n. 145).»

Seminario Episcopal de Santo Antonio, Maranhão
30 de Abril de 1884.

PADRE DR. J. S. CASTELLO-BRANCO.

O PADRE DEVE SER CASADO ?

PRIMEIRA PARTE

O Celibato Ecclesiastico justificado pela
tradição universal.

O CELIBATO ANTES DO CHRISTIANISMO

Em todos os tempos, em todos os logares e em todos os povos, a ideia do sacerdocio, do ministerio do altar, do serviço do culto esteve sempre ligada á ideia de pureza e de castidade.

Do Oriente ao Occidente, do Septentrião ao Meiodia, todas as nações do orbe estão d'accordo n'este sentimento.

Os mais antigos povos da Asia, os Egypcios, os Gregos e os Romanos, deixarão entrever atravez seus erros e superstições, atravez seu culto, muitas vezes vergonhosamente grosseiro, uma veneração mysteriosa ao sentimento e á pratica da virtude da pureza, sobretudo no serviço da Religião.

Todos concordão em consideral-a como um perfume precioso, como um aroma celeste, *unico capaz de tornar agradaveis aos olhos da Divindade as offerendas feitas pelas mãos dos homens.*

O Christianismo fez da castidade o que deve ser uma virtude nas mãos de uma Religião divina. Mas, ainda que a castidade com todos os seus encantos, com todos os seus prodígios, com todo o seu esplendor e atractivos seja obra do Christianismo, ainda que elle a tenha elevado ao seu mais alto gráu de perfeição, isto é á *continencia absoluta*, e á *virgindade* guardada por amor de Deus, todavia é incontestavel que o mundo antigo concorreu para o preparativo do material do grande templo que mais tarde o Christianismo ergueu ao *celibato religioso*.

Pode-se dizer que a ideia de pureza e sobretudo de pureza sacerdotal foi para o mundo antigo um sonho fagueiro que o consolou em uma noite de horrores; uma esperança risonha que o acompanhou no meio de uma tempestade de crimes.

O *celibato ecclesiastico*, no Christianismo é a realisação d'essa ideia sublime, d'esse pensamento mysterioso sobre a castidade, espalhado em todo o universo e arraigado no coração de todos os povos

Pouco importaria, para a defeza do celibato ecclesiastico e ganho da nossa causa, que o judeu carnal e o pagão corrupto não tivessem conhecido o precioso dom da castidade voluntaria e livre, da continencia guardada por amor de Deus.

O catholicismo poderia justificar sua crença e a Igreja sua legislação n'este ponto fundados em sua propria tradição, que remonta aos tempos apostolicos. Isso bastaria. Mas, a gloria que traz consigo uma antiguidade que remonta á noite dos tempos, não deixará de dar nova força e realce aos nossos argumentos.

E' porisso que em defesa do celibato ecclesiastico,

e para solemne justificação da lei da Igreja que o constitue obrigatorio aos seus ministros, vamos invocar a a tradição dos povos.

Esse trabalho um tanto arido nos servirá todavia de valioso documento e nos levará á seguinte conclusão: Si em todos os tempos e em todos os lugares a ideia do sacerdocio esteve sempre ligada a ideia de pureza, si os povos antigos o que podião faser segundo a natureza do seu sacerdocio para realisar este principio de pureza, fiserão,—*á fortiori*, deve-se comprehender a necessidade da pureza do sacerdocio christão que tem cada dia a exercer funções infinitamente mais santas, mais puras do que qualquer sacerdocio até hoje existente.

Esse trabalho nos ensinará tambem que a causa do celibato não é uma causa particular á Igreja; mas uma causa de todos os tempos, de todos os logares e de todos os povos.

Para romper com a Igreja sobre este ponto, é preciso romper com a humanidade inteira.

CAPITULO I

O celibato entre os judeos.

I.—Comecemos por interrogar esse povo que na orthodoxia, como sob tantos outros pontos de vista, mereceu as honras de primeiro povo do mundo, essa nação d'escolha, unica onde por tantos seculos conservão-se intactas as tradições primitivas.

Cousa estranha ! estranha contradicção ! Um ligeiro olhar lançado sobre a legislação, costumes, promessas e esperanças judaicas parecem um solemne desmentido á toda ideia favoravel ao celibato, em uma nação cujo testemunho por si só teria um valor inapreciavel !

Com effeito, tudo na legislação e costumes judaicos parece á primeira vista inspirar uma indifferença profunda, se não um odio pronunciado ao estado celibatario.

Assim o estado de viuvez era uma vergonha, o estado virginal era acompanhado dos mais ardentes desejos da chegada do dia das nupcias, e, parece incrível, *os sacerdotes erão casados.*

Era digna de lastima a virgem que morria quando

melhor lhe sorria a esperança de deixar pelos laços do hymineu uma geração. Que exemplo mais eloquente que o da filha de Jephté! Victima do voto imprudente de seu pae, ella resigna-se á sua triste sorte, mas pede o praso de quarenta dias para ir *chorar sua virgindade* sobre uma montanha. Os que julgão que ella fora immolada de um modo sangrento, dizem que a jovem judia considerava como maior infelicidade que a morte o morrer sem posteridade; os que pensão, porem, que ella fora votada á virgindade e ao serviço do altar, dizem que fora isto um sacrificio extraordinario, e que é natural que a filha de um principe e de um principe victorioso experimentasse uma dor atroz em submetter-se á tal voto.

Eis qual era a condição da vida celibataria entre os judeus.

II.—Entremos no exame de factos tão excepçionaes.

A que será devido esse pouco ou nenhum desenvolvimento do celibato entre os judeos? Esta circumstancia será filha realmente de odio ou mesmo pouco amor ao estado celibatario, ou á outras causas excepçionaes, á direcção e intervenção sensivel da providencia para um fim particular?

Sem duvida o facto do mediocre desenvolvimento do estado celibatario sob a primeira alliança foi devido á *missão singular, especial* e inteiramente *providencial* confiada ao povo hebreu.

Poderíamos apresentar como primeira causa do pouco desenvolvimento do celibato religioso entre os judeos a promessa que Deus fizera á Abrahão *que a sua descendencia se multiplicaria como as estrellas do céu e os grãos de areia que cobrem as praias do mar.*

Havia portanto, neste privilegio um acto manifes-

tamente providencial e a reprodução da raça de Abrahão, que pela sua multiplicação sem rival devia encher de temor os Pharaós do Egypto, convinha á realisação da palavra de Deus.

Mas a grande causa, o motivo capital do amor a vida conjugal entre os hebreus foi o ardente, e mais ou menos pronunciado desejo, que cada familia nutria de servir um dia de berço ao Messias, ao Redemptor do mundo, tambem promettido ao venerando patriarcha Abrahão.

A expectativa era geral e o estado celibatario, voluntario ou obrigatorio, era uma triste exclusão das esperanças do povo e um opprobrio aos olhos de todos.

A' tribu de Judá sem duvida estava reservada a honra de fornecer o sangue que devia correr um dia nas veias do Christo promettido, mas ás outras tribus restava a gloria de offerecer á feliz progenie que devia erguer-se em torno do sceptro chamado a governar a terra; ás outras tribus restava a esperança de participar no nascimento do Libertador pelas allianças com a tribu privilegiada de Judá.

III.—Taes erão as condições da nação judaica sob o ponto de vista que examinamos.

Pois bem; apesar de tantas promessas e esperanças que terião um dia realisação infallivel, apesar desse desejo ardente que cada membro de um povo inteiro nutria de preparar o berço do Filho de Deus, apezar de tudo, digo, a ideia da castidade, guardada livremente por *amor de Deus* e em honra de seus altares, não desappareceu do seio do povo eleito, mas sobreviveu á todos esses instinctos tão profundos de familia.

Deus mesmo quiz que assim fosse.

A *Lei* consagrava esta ideia santa, e o povo judeo sabia distinguir o heroismo desta virtude do merito vulgar das alianças ordinarias e sabia honrar o celibato nas differentes formas pelas quaes elle se manifestasse.

E senão vejamos.

Segundo as Escripturas a *viuvez* é digna de especial protecção do céu; as lagrimas que cahem de suas faces sobem ao céu e commovem o coração de Deus.

Para evitarmos prolixidade, deixamos de indicar os numerosos textos do Antigo Testamento, em que se achão assignaladas as benções de que da parte do céu é digna a viuvez, assim como as attenções e louvores que lhe são devidos da parte dos homens. Mas, quem quizer examinar os numerosos textos que na *Lei* e nos Prophetas são consagrados a viuvez, terá uma ideia exacta do prestigio que na Antiga Alliança era concedido a esse respeitavel estado.

De que homenagens com effeito não foi ella digna nas pessoas da viuva de Sarepta, que deu abrigo ao propheta Elias e que pela sua grande caridade mereceu de Deus, pela intercessão do mesmo propheta, a graça da resurreição de um filho, fallecido durante a estada do servo do Senhor? E que direi de Judith a joven libertadora de Bethulia? Como esquecer a heroica mãe dos Machabeus? E Anna, a prophetisa, a octogenaria do templo, que estabelece por assim dizer a cadeia de união do seu estado entre antigo e o Novo Testamento?

Todos estes exemplos são outras tantas provas de que o estado de viuvez voluntaria, que é uma das manifestações do celibato religioso, existia entre os

hebreus, não como objecto de opprobrio mas como objecto de veneração

Desejariamos dar por extenso todas as paginas cheias de unção e de encomios consagradas pelas Santas Escripturas ás notaveis heroínas que assignalamos, porém na impossibilidade de fazer mais, recordemos ao menos alguns traços das que se referem a Judith: «Tu és a gloria de Jérusalem, a alegria d'Israel e a honra de nossa nação», disião-lhe os judeos depois da victoria de Bethulia, «porque operaste com bravura varonil, e teu coração fortificou-se, porque *amaste a castidade* e porque depois de teres perdido o teu esposo não quiseste te unir a um outro. *Foi por isso que o senhor abençoou-te e que serás bemdita eternamente.* Em outro logar: «Havia tres annos e meio que Judith era viuva. Ella fisera construir um aposento retirado, onde habitava recolhida com as pessoas que a servião; e tendo um cilicio sobre os rins, jejuava perpetuamente, excepto aos sabbados, nos primeiros dias do mez e nas grandes festas d'Israel. Judith era extremamente bella e seu marido lhe deixara grandes riquezas, grande numero de servos e propriedades, onde tinha numerosos rebanhos. *Era estimadissima de todos e ninguem ousava fallar contra ella.*» (Liv. de Judith).

Estas palavras não precisão de commentarios; vê-se claramente pela simples narração que se a castidade não era commum entre os hebreus, era ao menos estimada e admirada nos que a praticavão.

IV.—O sacerdocio na antiga alliança era casado, é verdade. Assim era necessario á um sacerdocio heredita-

rio; á um sacerdocio limitadado á uma tribu, á uma familia.

Mas quanta pureza não era exigida ao sacerdocio levitico mesmo em tal estado? Que multidão de determinações leaes para regular os direitos e deveres de sacerdote e esposo, para que uns não invadissem a esphera das funcções do outro, tanto quanto era isso possivel em tão difficil posição?!

Sim; apesar de casado, o sacerdocio judaico pagou seu tributo em favor do celibato, tributo relativamente pequeno, é verdade, mas sempre tributo. A continencia era obrigatoria aos sacerdotes que por seu turno erão chamados ao exercicio das funcções santas; e de tão estreito rigor era ella que ia até á pena capital em caso d'infracção.

«Fallae á Arão e seus filhos, dizia o Senhor, afim que elles não toquem, em certo tempo, nas abluções sagradas dos filhos d'Israel, para não manchar o que elles me offerecem e que é consagrado. Eu sou o Senhor. Disei-lhes isto, á elles e para a sua posteridade: «Todo homem de vossa raça em que se encontrar a mancha conjugal e que approximar-se das cousas consagradas e offerecidas ao Senhor, perecerá em face do Senhor.» (Lev. c. xxii.)

Além disso o sacerdote judeu não podia esposar nem uma viuva, nem uma mulher repudiada, nem uma cortesã; devia esposar uma filha virgem de sua raça. Se dermos fé ao Talmud, o summo sacerdote não podia ter senão uma esposa, em quanto que a polygamia era permittida á todo o resto da nação.

Accrescentemos que os levitas podião consagrar-se para sempre ao serviço do altar e guardar assim uma

castidade perpetua. A lei mesmo parecia convidá-los. (Deut. xviii § 6.

V.—Emfim a *Virgindade* mesma teve entre Judeos seus sectarios, raros, é verdade, porém notaveis. Por exemplo, no IIº livro dos Machabeus c. 3, v. 19, se falla das *virgens* que vivião no templo entregues ao estudo da lei santa e aos exercicios da oração.

Entre os homens o celibato teve altos representantes: Abel, cuja innocencia tornava tão agradaveis aos olhos de Deus os seus dons; Melchisedec, magestosa figura do sacerdocio de Christo; Josué, o digno successor do Legislador dos Hebreus, Elias, o grande propheta que por um privilegio inaudito escapou á lei da morte, Eliseo Daniel, Jeremias, João Baptista, sanctificado no seio materno e digno precursor do Messias, forão celibatarios.

Emfim toda Lei antiga dos judeos não era mais do que uma cadeia de *oraculos e symbolos*, presagios da realidade na lei nova. A virgindade tambemahi encontra os seus.

E' facil reconhecê-la com os Padres da Igreja, nessa sublime allegoria que tem o nome de *Cantico dos Canticos*, onde o author sagrado emprega a cada passo as mais vivas e tocantes imagens, que como symbolo da virgindade se encontrão na natureza.

O Propheta Zacharias prediz o vinho eucharistico que deve um dia germinar virgens: *Vinum germi-nans virgines* (Zach. IX, 17).

No propheta que merece mais que todos os outros ser chamado o vidente evangelico e messianico, achamos uma notavel propheta. Isaías annuncia que virá um tempo em que os pagãos não dirão mais: O senhor me dividiu e me separou de seu

povo, e em que o eunuco não deverá mais dizer:
Não sou mais do que uma arvore esteril.

E porque os pagãos ou os gentios não terão mais a se lastimar de sua separação do povo escolhido, nem os eunucos, isto é, os infecundos não terão mais a chorar a sua esterilidade ?

O mesmo propheta explica-se, dizendo aos primeiros, isto é, aos gentios que se elles ligarem-se ao Senhor para adoral-o, amarem o seu nome e permanecerem firmes á sua alliança, o mesmo Senhor aceitará com benevolencia seus holocaustos e victimas, admittindo-os ao seu templo universal; aos segundos, isto é, aos eunucos ou infecundos: que se forem fieis á alliança do Senhor e fizerem sua vontade, o mesmo Senhor dar-lhes-ha, em sua casa e dentro de seus muros, um lugar e um nome melhor que dos filhos e das filhas, um nome que não perecerá jamais.

Notemos, com o douto Doellinger, que aos *pagãos, gentios* ou *estrangeiros* é promettido somente que Deus os admittirá á seus altares aceitando com benevolencia seus sacrificios; quanto aos eunucos por amor do Senhor, isto é, eunucos da alma mais que do corpo, esses podem entrever um favor mais elevado: Elles alcançarão na casa de Deos, a Igreja, ministerio e dignidade, e a falta de prole lhes será ricamente recompensada. «Lançando tão solemne-mente seus olhares sobre a grandesa e gloria futura da egreja, o propheta, continúa Doellinger, não poudo ter pensado nss eunucos relativamente em pequeno numero que se achavão então na còrte de alguns reis da Asia. Como seria possivel prometter a taes eunucos em particular, uma situação tão dis-

tincta na Igreja ? Nem tambem pensou, em geral nos eunucos que existião entre os pagãos, porque elle estabelece precisamente a distincção entre os *pagãos* e os *eunucos*.» Elle comprehende nestes ultimos os que não contrahirão matrimonio e não teem filhos.

O propheta lançou, pois, realmente um olhar divino sobre o interior da Igreja. Na visão do futuro elle intervio a multidão numerosa dos que se fizerão eunucos pelo reino dos Céos e dos quaes Jesu Christo faz menção não sem recordar as palavras de Izaias.

Foi ainda este mesmo propheta quem predisse em termos claros e precisos a maternidade virginal da que devia dar ao mundo o Christo: «Eis que uma Virgem conceberá e dará á luz um filho que se chamará Emmanuel, isto é, Deos é connosco.»

Poderia a virgindade ser elevada mais alto nas homenagens, quando não o fosse na pratica de um povo ?

Pelo primeiro dos oraculos de Izaias, o povo hébreu ligava sua salvação á esperanza de uma virgindade fecunda, e pelo segundo o mais bello titulo de sua gloria futura á uma esterilidade voluntaria e santa.

Não é, pois, o exemplo dos judeos que pode ser invocado contra o principio gerador e contra a legislação do celibato tal qual hoje a possuímos, embora, por especial disposição da Providencia, elles tivessem possuido poucos celibatarios

VI.—E' necessario, todavia prevenir uma objecção que desde já nos poderão apresentar e que poderá pelos inimigos do celibato ser repetida, quando passarmos ás tradições dos povos pagãos.

De que serve, direis vós, fazer intervir a *viuvez*, a *continencia* conjugal e os oráculos, á proposito do celibato dos padres ?

O que tem de *commum* com o sacerdocio catholico a *viuvez*, ou a castidade dos esposos ?

A resposta é facil e fundada sobre dous motivos. —O *primeiro* é que o principio que domina a questão de perseverança na *viuvez*, de continencia no casamento, e de virgindade temporaria ou perpetua, é o mesmo que serve de base ao celibato ecclesiastico—isto é: o principio de superioridade de um estado mais perfeito e puro sobre um estado que o é menos.

Esta superioridade consiste na voluntaria privação dos gosos aliás legitimos e sagrados da alliança conjugal: gosos da união de corações, gosos dos sentidos, embora para um fim mais elevado, gosos da paternidade e maternidade, gosos da vida domestica, gosos da transmissão de seu nome e de sua herança; gosos todos sacrificados no interesse de uma santidade maior e mais perfeita.

A abnegação pode ser, e é sem duvida, maior e mais appreciavel em um caso que no outro, maior na virgindade constante que na *viuvez*, a qual não roubaria aos encantos da vida senão alguns annos de uma existencia já descorada; mas o merito e a gloria de um sacrificio voluntario, estes existirão sempre, embora a duração da victoria sobre si mesmo não fôsse senão de um dia !

Pois bem, este merito e esta gloria que a antiguidade, quer judaica quer pagã, não recusarão á *viuvez* voluntaria, á continencia e á virgindade, embora forçada, com quanto maior rasão não devem ser revindicados por um celibato mil vezes mais livre, mais universal e mais generoso ?

O *segundo motivo* é que o celibato ecclesiastico, de facto, admitte em seu seio os tres elementos que acima indicamos—viuvez, continencia conjugal e virgindade.

Assim o viuvo, ao menos de primeiras nupcias, pode ser sacerdote, e o clero catholico conta muitos destes em sua milicia.—O esposo ainda em vida de sua esposa pode ser padre, sob a condição de reciproca separação e de um juramento que os obriga á uma continencia perpetua pela entrada da esposa em religião.

Todavia a Igreja procurou sempre de preferencia, e desde que poudesem empobrecer de ministros o sanctuario, compor seu clero de sacerdotes que nunca tivessem sido presos pelos laços do matrimonio. Sua maior ambição é ter ministros virgens de corpo e alma, desde o berço até o tumulo, e eis porque ella tão energicamente se esforça pela liberdade de seus seminarios.

Mas, ainda uma vez, digamos: a Igreja não exclue nem a viuvez nem a continencia, embora as receba com maior numero de provações.

Eis porque chamamos, em auxilio da disciplina do celibato ecclesiastico, os exemplos de veneração á viuvez voluntaria e continencia conjugal entre os hebreus e o faremos ainda no capitulo seguinte.

Taes exemplos provão de uma maneira brilhante os presagios do celibato religioso tal qual o revelou mais tarde o Christianismo.

CAPITULO III

O celibato entre os povos pagãos.

Parece estranho e á primeira vista irrisorio ir, atravez dos costumes dissolutos do paganismo, procurar exemplos e provas em favor do celibato religioso e da lei d'abenegação sobre a qual elle repousa.

Quando recorda-se o que era por toda parte, sob o ponto de vista moral, a idolatria; quando se pensa nas infamias de todo genero que manchavão da cabeça aos pés, esse grande corpo tão profundamente gangrenado pelo vicio; quando se pensa na immoralidade publica das arenas, dos theatros, dos jogos, dos templos e do culto dos deuses; quando lêem-se essas nojentas narrações que irritão o coração e fazem descer um suor frio das fronteiras mais aguerridas; em uma palavra, quando se sabe que a prostituição tinha altares sobre a terra e que monstruosidades sem nome tinham seu throno e representação no céu do polytheismo, naturalmente se pergunta se não ha loucura em procurar no meio dessa lama infecta, a flôr pura da castidade religiosa.

Não ! Apesar do infimo grão de baixesa em que

cahira o paganismo, apesar do seu culto que admitia toda sorte de abominações, apesar dos seus mesmos deuses, alguns dos quaes são considerados protectores do incesto e do adulterio, quando se desce um pouco ao fundo do estudo das diversas theogonias, não se tarda a conhecer que os mesmos pagãos honrarão a castidade, mesmo sob sua forma mais perfeita, a continencia absoluta.

Seria longo, fastidioso e mesmo inutil para o fim que temos em vista, fazer aqui um desenvolvimento detalhado de tudo quanto poderíamos encontrar no paganismo em favor do celibato.

Bastar-nos-ha apresentar alguns traços mais notáveis entre os mais importantes povos da antiguidade, que confirmão a veneração universal á castidade nas suas diferentes manifestações.

ROMA:—Seus historiadores, seus poetas, seus philosophos não teem senão uma voz para nos attestar que no pensamento do povo romano a ideia do sacerdocio e a ideia do celibato são duas ideias correlativas.

Interroguemos Tito-Livio. Elle nos diz que Numa para tornar santas e veneraveis as *vestaes* que elle consagrava ao culto (e das quaes ainda fallaremos) prescreveu-lhes a virgindade.—*Virginitate aliisque cæremonis venerabiles ac sanctas fecit*. O mesmo conta-nos ainda que o ambicioso Amulio, sob pretexto de honrar sua sobrinha, consagrou-a á Vestae e roubou-lhe toda a esperança de posteridade *por causa da virgindade perpetua*.—*Perpetua virginitate spes partus adimit*.—Emfim este mesmo historiador, fallando da vida intima de Alexandre-Severo, diz-nos: Desde a manhã, no oratorio consagrado aos deuses lares,

onde elle tinha reunido os retratos e effigies dos melhores principes e das almas mais santas, entre outras a de Apollonio, e (se der-se credito ao historiadôr de seu tempo) os de Christo, de Abrahão, d'Orpheu, nesse oratorio, digo. *si facultas esset, id est, si cum uxore non cubuisset, matutina hora rem divinam faciebat.*

Interroguemos os poetas: Horacio, dirigindo-se aos deuses no *carmen sæculare*, exclama: «O' deuses que deveis ser sempre honrados e que o sois sem interrupção, concedei-nos o que vos pedimos neste tempo sagrado, durante o qual, segundo os versos sybilinos, um hymno em honra dos deuses, aos quaes agrada-rão as sete collinas, *deve ser cantado p. r virgens es-collidas e jovens castos.*

Virgilio colloca nos Campos-Eliseos o sacerdote que sempre guardou a castidade—*Quique sacerdotes casti dum vita manebat.*

Tibullo exclama:

Vos quoque abesse procul jubeo discedite ab aris.

Queis tulit obscura gaudia nocte Venus. Casta placent Superis, casta cum mente venite. Et puris manibus sumite fontis aquam.

Em outro lugar:

Procul hinc, procul ite nocentes;

Insontes castosque voco.

Ovidio fallando da celebração das festas de Ceres, diz por sua vez:

Annua venerant cerealis tempora festi.

Secubat in vacuo sola puella toro.

Si depois de termos interrogado a historia e a poesia interrogamos a eloquencia, basta lêr o que diz o grande Cicero: «Nós devemos, diz elle, aos deuses

um culto cheio de respeito, culto optimo, santissimo, *castissimo*, que exige a maior piedade, *puresa*, integridade e incorrupção de coração e de voz.» Em outro logar de modo mais expressivo accrescenta: A lei ordena approximar dos deuses com *castidade*; castidade d'alma sem duvida, o que comprehende tudo e não exclue a castidade do corpo, somente é preciso convir que sendo a alma superior ao corpo, si se observa a castidade do corpo com maior rasão se deve observar a do espirito.»

GRECIA.—Apesar do racionalismo que acabou por pulverisal-a, a Grecia conservou a crença antiga. Os sacerdotes de quasi todas as divindades erão, por differentes formas, consagrados á um celibato mais ou menos longo.

Assim, entre os Tespios, o templo consagrado á Hercules era confiado á um sacerdote que devia permanecer celibatario até o fim da sua vida.

Os sacrificios offerecidos á Minerva erão feitos por uma donzella cujas funcções cessavão ao attingir á puberdade.

O templo de Diana era confiado á guarda de um sacerdote e de uma sacerdotisa, aos quaes era imposta por toda a vida a castidade e abstinencia não só do casamento, mas de tudo que podesse manchar a pureza da castidade.

A terra tinha por sacerdotisa uma mulher, que apenas recebia esse cargo se empenhava á guardar a castidade por todo o resto de seus dias. Para tal sacerdocio estavam inhabilitadas as que tivessem sido casadas duas vezes.

Embora adultero e immoral, o senhor do Olympo, na alta antiguidade, tinha por sacerdote um menino,

que apenas attingia a idade da puberdade era substituido por outro.

A' mesma impudica Venus, a Grecia não recusou honrar com um culto de continencia e celibato.

A theoria confirma a voz eloquente dos factos: Hesiodo disia: «*Quando sacrificardes aos deuses esforçai-vos por ser castos e puros.*»

A' entrada do templo de Epidauro lia-se: *Esse detestatum sancti qui limina templi ingreditur.*

E' de Plutarco o seguinte preceito; *Guardemo-nos, se quizermos ser fieis ás leis da cidade, de entrar nos templos dos deuses, de tocar nos sacrificios depois de ter usado dos direitos conjugaes.*

As Athenienses admittidas á celebração dos mysterios de Bacho pronunciavão o seguinte juramento: *Eu sou piedosa, pura, isempta de toda mancha e absteve-me do commercio dos homens.*

Emfim, resumindo o pensamento da Grecia inteira, o principe da eloquencia antiga, em alta voz, na praça publica, dizia: *Quanto a mim, estou persuadido que quem entra no santuario, quem toca as cousas santas e preside ao culto divino, deve ser casto, não somente durante um certo e determinado numero de dias, mas ainda toda a sua vida.*

Para completar o quadro da tradição dos antigos povos, sobre a doutrina e pratica do celibato religioso, poderíamos ainda citar o Egypto, onde os sacerdotes, apenas entravão no serviço dos deuses, cessavão todo commercio com as mulheres.

Poderíamos citar a Persia, onde as sacerdotisas consagradas ao culto devião ser virgens, assim como os sacerdotes do sol erão chamados — *eunucos do sol*; o que não precisa de commentarios.

Poderíamos citar as Indias, a China e o Japão onde as doutrinas concernentes ao celibato se uniformisavão.

Mas, bastão os testemunhos exhibidos, para termos uma ideia exacta do sentimento universal da antiguidade sobre a virgindade e celibato religioso.

Entretanto não é licito encerrar esta pagina sem mencionar de um modo particular, o mais honroso preito, a mais nobre homenagem rendida pelo paganismo ao celibato — *o collegio das Vestaes!*

Com effeito, nada mais famoso na antiguidade pagã, que essa instituição composta de seis jovens romanas, destinadas a manutenção perpetua do fogo sagrado.

A primeira d'entre ellas era chamada—*virgem maxima*. Todos se interessavão pela sua virgindade como pela sorte mesma do imperio. Para maior certesa de sua pureza, as vestaes erão escolhidas em tenra idade d'entre as mais nobres familias. Erão sorteadas á seis pelo menos ou á dez no maximo.

Por espaço de trinta annos erão obrigadas á uma virgindade de tal modo rigorosa, que soffria o horrivel castigo de sêr enterrada viva a que tinha a desgraça de romper seus votos!!

Mas tambem de quantas honras, de quantos privilegios não erão ellas rodeadas?

Quando ião ao capitolio erão cercadas com a pompa devida á uma soberana, precedidas de guardas e lictores; os consules lhe cedião o passo e os magistrados inclinavão a vara da autoridade diante dellas.

Nos circulos, nos espectaculos, e reuniões publicas, as vestaes tinhão logar de honra.

Si por acaso encontravão um criminoso conduzido ao suplicio, pelo facto mesmo, o perdão era concedido ao culpado. Ellas podião interceder por todos

os criminosos e intervir em todos os negocios. Muitas vezes as deliberações do senado forão paralisadas à pedido de taes sacerdotisas. Em uma palavra, as vestaes erão a gloria e passavão como o sustentaculo do imperio.

Diante de factos tão eloquentes, é claro, que a antiguidade pagã quiz vêr no celibato o canal ordinario das communicações divinas.

Porém isto ainda não è tudo.

O polytheismo fez mais do que aproximar do céu a castidade, elle povoou de virgens o mesmo céu, e quiz assignalar com o sello mysterioso da virgindade o que havia de mais donoso na mythologia.

Vesta, Minerva, Diana, Astréa, as Musas, as Graças são divindades virgens.

Assim o céu e a terra, na antiguidade pagã, rendem homenagem a castidade e portanto ao celibato religioso, que é uma de suas manifestações.

Na mente do mundo pagão, a justiça vingadora não podia ser exercida senão por mãos virginaes. E' por isso que o inferno mesmo tinha as suas virgens, não soffrendo penas, mas applicando castigos: taes erão as furias (1).

Eis ahi a doutrina da antiguidade, dos tempos e povos que precederão ao Christianismo, eis o facto geral, constante, universal!

Todos os povos: judeos, romanos, gregos, indios, persas, egypcios; a Asia, a Europa a Africa, emfim o

(1) Os documentos de que aqui nos servimos, para provar a tradição dos povos pagãos, são extrahidos, uns da importante obra de M.^{or} Pavy, sobre o celibato, da qual muito nos serviremos no curso deste trabalho; outros da obra do P. Berseau: *La science sacrée*. Nestas duas obras se acha a indicação exacta dos textos originaes.

mundo conhecido dos antigos, todos, apesar da distancia, logares e opposição de crenças que os separam, á voz unanime proclamão a continencia, a abstinencia dos laços conjugaes como a grande preparação precisa para approximar da divindade e participar dos mysterios da religião.

Todos proclamão a virgindade um dom celeste, uma victoria ganha sobre os sentidos, o canal dos oraculos celestes, e a mediação poderosa entre o homem e a divindade.

Os altares mais infames, os mysterios mais abominaveis, os sacrificios mais horrorosos são acercados de castas preparações, de sacerdotes continentes, de sacerdotisas virgens.

Si as funcções sacerdotaes são transitorias, a continencia o é tambem; si durão um anno, como na lei mosaica, de tal dura é tambem a abstinencia conjugal; si durão trinta annos, as vestaes são virgens durante trinta annos; emfim si as funcções são perpetuas, o hyeorophante e o chorybante, á'preço de uma barbara mutilação, os sacerdotes do Egypto e Ethyopia, por meio da reclusão, guardão a continencia perpetua.

A virgindade, sobre tudo a virgindade duradoura, gosa das maiores honras e insignes privilegios; os mais bellos genios a exaltarão; ella subio ao céu pagão para ser o apanagio dos deuses mais eminentes, a representação das sciencias e artes, e o symbolo das mais fortes e amaveis virtudes.

Tudo isto não era mais do que sombra ligeira, imagem descorada, e palido reflexo do que deveria ser o celibato no Christianismo. Que magnifico precedente para justificar a lei do celibato dos sacerdotes christãos, esse sentimento universal em favor da castidade.

Que solido fundamento em favor da lei ecclesiastica esta associação da ideia de pureza com a ideia de sacerdocio, de culto, de serviço do altar !

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CAPITULO III

O celibato no Christianismo.—Jesus-
Christo e a Virgem Maria.

Tão geral sentimento de respeito e amor á celeste virtude da castidade, honrava sem duvida a humanidade, de cujo coração, apesar de todos os seus desvarios, não se haviam ainda extinguido totalmente esses traços impressos pela mão divina, que fasiaõ recordar o venturoso estado do primeiro par.

Estava porem reservada á uma instituição mais nobre, ao Christianismo, a missão divina de converter esse instincto generoso e vago, esse sonho lisongeiro, essa esperança indefinida do genero humano, em veneranda realidade.

A elle estava reservada a gloria d'espancar as trevas que cobrião o velho mundo para mostrar-lhe a luz da verdade.

A' elle estava destinada a honra de rasgar o véo que impedia á humanidade a contemplação das cousas divinas.

Sim ! Só o Christianismo, essa religião santa que teve por fundador immediato o Filho de Deus humanado, poderia fazer, e fez, da castidade, o que deveria ser uma virtude tão nobre nas mãos de uma religião divina, e do celibato religioso um acto espontaneo, livre e permanente da vontade humana, transformado e como que divinizado pelo amor de Deus que o inspira.

E na verdade, quão grande é a distancia que vae da castidade pagã á virgindade christã. !

O paganismo, é exacto, reconheceu uma alta superioridade inherente ao celibato religioso e ergueu, como monumento eterno de veneração á virgindade, o *collegio das vestaes*

O paganismo, é certo, pelo seu ensino, e até certo ponto por sua legislação, tentou salvar o principio de dominação do espirito sobre a carne e collocar-o, pelos seus sentimentos e instituições, como nós o vimos, em uma arca santa.

Mas, ah ! governando esta arca sobre a face das ondas, elle não poudé nem diminuir o impeto, nem estreitar o leito, nem deter o curso da torrente de corrupção universal.

O paganismo honrou, sim, de certo modo a virgindade, mas elle nunca comprehendeu o verdadeiro caracter moral da continencia, e jamais conheceu a pratica dessa virtude, tal qual a entende o christianismo. A mesma castidade das vestaes não era mais do que uma castidade material, a castidade do corpo e não a castidade da alma; era uma castidade meramente

exterior, e não a castidade interior, que penetra até a raiz da alma, purifica seus pensamentos, seus sentimentos, seus desejos, sua vontade, todas as suas faculdades, e da qual a castidade do corpo não é mais que o effeito e como gloriosa irradiação.

As sociedades pagãs não podião comprehender e ainda menos praticar uma tal virtude. O materialismo do seu culto religioso, a corrupção e espantoso aviltamento das almas não lhes permittião elevar-se á essa altura divina. A castidade perfeita é uma planta que não pode germinar, crescer e viver senão em um solo purificado e fecundado pelo sangue do Cordeiro sem macula. O celibato, verdadeiramente casto e santo, é privilegio do Christianismo.

O Christianismo, com effeito, apenas faz a sua entrada no mundo, derriba o idolo da carne, condemna mesmo o desejo, mesmo o pensamento voluntario de um acto impuro.

E' Jesus quem falla. Virgem e filho da Virgem das Virgens, elle não falla senão de mortificações, abnegações, desprezo do mundo, morte de si mesmo.

Sem duvida Jesus prega a santidade, a integridade, a unidade, a indissolubilidade da união conjugal e a eleva á altura de um grande sacramento, mas colloca bem acima desse sacramento a continencia e a virgindade, e convida á sua participação as almas perfectas. Elle funda um sacrificio mysterioso e sem macula, no qual será ao mesmo tempo sacerdote e victimas, estabelece uma Igreja que antes de tudo deve ser pura, emfim ensina aos homens, resgatando-os pela sua morte, que a *cruz* é o unico caminho do céu.

A voz do filho de Deos não foi esteril. A sua palavra foi seguida de preciosos e abundantes fructos.

Mais feliz que a Roma dos consules e dos Cesares, o Christianismo vio sahir do seu seio, não um collegio de seis, mas innumeradas phalanges de castos varões e pudicas donsellas, que fornáo os mais preciosos florões de sua coróa.

O Christianismo viu surgir essas admiraveis pleiades de almas virgens em corpos virginaes, destinadas à guarda do fogo sagrado do amor divino, levadas não por uma imposição legal, mas por um acto espontaneo, que só Deos sabe inspirar, não por um tempo determinado mas por toda a vida, não por amor das honras mundanas, por mira dos bens temporaes, mas por uma abnegação sobrehumana, fundada nas recompensas celestes.

Deixemos porem, estes principios geraes que nos dão de um só lance de vista a ideia da virgindade christã. Desçamos ao fundo e vejamos o que Jesus-Christo, os santos martyres e doutores, a Igreja, emfim, pensarão da virgindade.

Não fallaremos da viuvez e da continencia, não só porque estas empallidecem diante da elevação d'aquella, mas ainda porque estão comprehendidas no mesmo principio de generosidade que a inspira.

Deus filho não pode ter da virgindade outra estima que Deos Pae, sendo a sabedoria das tres pessoas divinas a mesma, igualmente infinita em cada uma dellas.

Incarnando-se no seio de uma Virgem, vivendo virgem e morrendo sobre o Calvario com a tunica intacta da virgindade, Jesus-Christo mostrou ao mundo a maior prova de amor que elle poderia ter à tal virtude.

A encarnação do Verbo no seio de uma virgem

será, porem, para sempre, o facto providencial mais eloquente em favor da angelica virtude.

Assim como o filho de Deos era livre em se fazer homem para resgatar os homens, assim tambem era livre em escolher o seio maternal que lhe deveria communicar o sangue.

Ora qual será a mulher bemdita entre todas as mulheres sobre a qual cahirá a sua divina escolha? Não nos percamos nos falsos calculos da vaidade humana. A santidade,—eis a mais bella de todas as qualidades aos olhos de Deus,

Mas que especie de santidade quererá elle? O mundo viu tantas e tantas mulheres recommendaveis pela pratica de grandes virtudes...

Que caridade em Rebéca!

Que austeridade em Judith! Viuva jovem e rica, ornada de todos os encantos, ella traz um aspero cilicio, jejua sem treguas, vive na solidão do seu oratorio, somente na presença de Deus e dos anjos...

Que paciencia em Sara, filha de Rachel! Uma serva sua a insulta, a calumnia, a maldiz, chama-a de assassina de seus maridos. Ella sem reprimir, sem se queixar, sem mesmo corrigir a insolente, recolhe-se á seu oratorio e contenta-se de abrir seu coração a Deos e expor-lhe sua afflicção!

Que humildade e que sabedoria na piedosa Esther!

Rainha de um dos mais poderosos imperios, senhora do coração d'Assuero, ella desdenha tantas grandesas, despreza-as como o pó da estrada e não serve-se dellas senão para salvar o seu povo, que ella sabe ser o de Deus.

Emfim que devoção em Anna, a prophetisa! Ella guarda o templo noite e dia, serve o Senhor com

admiravel fidelidade desde sua infancia até a idade de octogenaria.

Quanta santidade ! Quanta perfeição !

Pois bem, o Filho de Deus, para testemunhar o seu amor infinito á angelica virtude da virgindade, não quiz ter por mãe nenhuma destas santas mulheres, quiz nascer de uma virgem. E que virgem ?

A mais perfeita que possa existir: uma virgem que, por privilegio inaudito, foi concebida sem peccado, uma virgem cheia dos mais sublimes dons de caridade, de espirito de sacrificio, de paciencia, de piedade, em uma palavra, de uma perfeição incomparavel, uma virgem, emfim, que, pelo maior e mais esuendo milagre, sendo Mãe do Filho de Deos, não cessou de ser virgem.

Jesus-Christo preferiu, pois, derrogar todas as leis da natureza, fazer tantos milagres, á nascer de outra mulher que não uma virgem.

Este acto da vontade do Verbo divino bastaria, só por si, para consagrar tão heroica virtude, mas o Filho de Deus quiz ir mais longe: em uma multidão de actos de sua vida, Jesus confirmou essa prova de amor, que elle dera em sua entrada no mundo.

E com effeito: não foi ainda por amor á virgindade, que elle quiz ter, por pae adoptivo, o varão preclaro e prudente, o casto José, protector e guarda, aos olhos do mundo, da pureza de Maria ?

Não foi por isso que elle quiz ter por precursor João Baptista, sanctificado no seio materno ?

Não foi finalmente por isso, que Jesus dedicou ao discipulo virgem a mais especial predilecção, fazendo-o representante da humanidade inteira, quando prestes a exalar o ultimo suspiro, constituiu a Virgem Maria, Mãe do genero humano ?

Certamente a eloquencia de taes factos está além de toda duvida.

Não contente com exaltar a virgindade com seu exemplo, Jesus quiz ainda preconisal-a com seu verbo divino que, inspirado aos autores sagrados, deveria passar, como pregoeiro immorredouro, às gerações futuras, quando a divina pessoa do Mestre desaparecesse aos olhos dos mortaes.

O sagrado Evangelho, esse codigo celeste de uma moral divina, deixa vêr aqui, ali e além, como preciosas perolas cravadas em um diadema de ouro, essas phrases de encomio, dirigidas pelo Salvador em favor da virgindade.

Jesus-Christo começa o sermão da montanha por estas palavras, que mudarão a face do mundo e fizerão succeder, á corrupção mais inaudita, o culto das mais sublimes virtudes:

«Felizes os puros de coração porque elles verão á Deos.»

Em outro logar, diz elle:

«Sêde perfeitos como vosso Pae celeste é perfeito.»

Si alguém quer ser meu discipulo tome a sua cruz e siga-me.»

Na parabola em que compara o reino do Evangelho á um festim, elle assignala os compromissos de um novo esposo como uma difficuldade á abraçar o jugo austero de sua lei.

Um dia, em presença dos phariseus, que procurão surprehendê-lo, Jesus proclama a abolição do divorcio e a indissolubilidade do matrimonio. «O que Deus unio, diz elle, que nenhum homem separe.»

Seus discipulos, admirados da elevação de tal dou-

trina ou talvez chocados pelas expressões do Salvador, expressões que tinham um som estranho aos ouvidos dos judeos, assustados de uma lei matrimonial tão rigorosa, manifestarão sua inquietação ao Salvador: *Si ita est non expedit nubere.*» Si assim é, si os laços do matrimonio são de tal modo estreitos que se não possam romper pelo divorcio, quando o estado conjugal torna-se duro a supportar, então é preferível não contrahir esses laços.»

«Non omnes capiunt verbum illud, sed quibus datum est» responde o divino Mestre, confirmando a reflexão de seus discipulos, como se respondesse: Dissestes a verdade; melhor é guardar a virgindade que contrahir os laços do matrimonio, mas nem todos comprehendem esta verdade, só aquelles á quem isto é dado. *«Non omnes capiunt verbum illud. sed quibus datum est.»*

Jesus eleva assim o celibato bem acima do casamento, sem todavia condemnar este ultimo estado, que Deus mesmo instituirá, que elle proprio constituirá um sacramento da lei nova, e acabava de fortificar proclamando a sua indissolubilidade.

É por isso que, para dissipar toda e qualquer duvida que podesse obscurecer o espirito dos discipulos, o divino mestre explica mais larga e claramente o seu pensamento, declarando que muitos são os casos em que se pode abster do estado conjugal, mas em um só caso essa abstenção é digna de louvor, isto é, quando a preferencia dada ao celibato é feita *propter regnum cælorum*. Ella é pois meritoria não em si, não porque os laços matrimonias sejam indissolúveis, não n' aquelles que por causa phisica de diversos generos nascerão incapazes de matrimonio (*eunuchi qui de matris*

utero sic nati sunt), não nos que, por barbara mutilação ou por maldade dos homens, são forçados ao celibato (*eunuchi qui facti sunt ab hominibus*), não, enfim, nos que subtraem-se ao matrimonio por motivos meramente humanos, mas nos que o fazem—pôr amor do reino dos ceos, *propter regnum caelorum*. É a estes, que tudo renunciação para melhor servir Deus e a Igreja, que Jesus promete contar no numero de seus discipulos, que promete dar em recompensa o centuplo neste mundo e a vida eterna no outro, como affirma positivamente o Salvador, nos seguintes e em muitos outros textos equivalentes:

«Aquelle que por amor de meu nome tiver deixado familia, mulher e filhos, *centuplum accipiet et vitam aeternam possidebit* (Matth. xix-29.» Si aquelle que vem a mim não está disposto a *deixar* pae, mãe, esposa, filhos, irmãos e irmãs, a propria vida, não pode ser meu discipulo.»

Eis ahi o estandarte da virgindade e do celibato religioso erguido bem alto por N. S. Jesus-Christo. Milhares de santas almas não tardarão á grupar-se em torno d'elle, porque si o esposo deixa pae e mãe para seguir a sua esposa, a alma virginal sabe tambem tudo deixar, e com ardor mais vivo ainda, para adherir á seu divino esposo.

MARIA VIRGEM. As imagens de Jesus e de Maria, desses dous corações tão estreitamente ligados por laços divinos, serão para sempre o maior memorial e a mais viva representação da virgindade no curso dos tempos. Ao testemunho de Jesus se acha, pois estreitamente unido o de Maria, que, embora anterior á aquelle na ordem dos tempos, segundo as disposições eternas da divina providencia, lhe é posterior, pois, o

testemunho de Maria recebe do de Jesus o seu merito.

Não é sem razão que Maria é exaltada e glorificada na Igreja com o título de *Virgem das Virgens, Rainha das Virgens*. Ninguém melhor o mereceu do que ella: desde o berço até o tumulto a pureza de Maria se revela em tudo.

Isenta de toda macula de peccado, desde o primeiro instante de sua concepção, Maria deveria ser, e foi verdadeiramente, o typo da virgindade mais perfeita que existir possa em uma creatura humana.

O acto solemne de sua dedicação ao Senhor, no momento mesmo em que todos os corações batião pela gloria de preparar o berço ao Redemptor do mundo, que era com anhelos esperado, constituiria, por si só, o maior sacrificio virginal que jamais se vio no mundo.

Mas não é ainda ahi que Maria apresenta o mais bello typo do amor virginal.

Não ! O Senhor lhe aguardava uma prova mais solemne.

O dia da salvação do mundo era chegado !...

O Senhor faz ouvir pelo anjo Gabriel a voz de sua misericordia infinita !... Seu Verbo, seu Filho vae descer das collinas eternas. Maria, fazendo um voto que a priva das esperanças da maternidade, exclue-se por consequencia da honra infinita de poder ser mãe do Verbo Eterno.

Pois bem ! Por isso mesmo que Maria por um sacrificio sem igual, subtrahira-se ás esperanças geraes, mereceu a graça inaudita de ser mãe de Deos !

Um divino mensageiro, baixando do Céu á terra, penetrando no asylo da Virgem de Judá, lhe annuncia tão sublime nova.

«Como se cumprirá, meu Deus, tão inaudito mysterio, pois que eu prometti permanecer virgem ?

Não me mostrastes por ventura, Senhor, que a virgindade é valiosissima á vossos olhos ?

Não me inspirastes guardal-a por vosso amor ?

Ser Mãe de vosso Filho, oh ! meu Deus, que gloria ! que felicidade ! Mas quero ser-vos fiel e não pertencer senão á Vós !

Si m'o ordenaes, estou prompta á obedecer-vos. Si me deixaes á escolha, permaneço virgem, caso seja preciso cessar de o ser, para tornar-me Mãe de vosso Filho.

A maternidade divina é uma honra incomparavel, a virgindade guardada por vosso amor é uma virtude sem igual.»

Oh ! que exemplo sublime de amor á esta virtude celeste ! !

Tão grande é a estima de Maria á virgindade que ella, por assim dizer, recúa diante da maternidade divina, si para possuil-a fôr necessario renunciar a virgindade.

Maria é causa, diz um piedoso auctor, que a Incarnação do Filho de Deos seja demorada alguns instantes. Sim ! continua elle, a Incarnação do Filho de Deus, este mysterio para sempre adoravel, que o mundo anhelava desde tantos seculos; por cujo cumprimento gemião e suspiravão os patriarchas e prophetas; a Incarnação do Verbo, que era a salvação do mundo e cuja chegada Maria, mais que ninguem, aspirava, esse acto supremo da misericordia divina, digo, foi detido um instante pelo virginal receio de Maria.

Deus assim o quiz; e por isso mesmo que Maria por amor de Deos, preferiu, por assim dizer, a virgin-

dade á tudo o que ha de mais sublime, ella mereceu ser ao mesmo tempo Mãe de seu proprio Deus, a mais excellente das mães, e a princesa, a rainha das virgens, o thesouro e a mãe da virgindade em todas as idades, o modelo e o abrigo de todas as almas puras.

CAPITULO IV

Os Apostolos.

I—Que Nosso Senhor Jesus-Christo tenha inspirado o celibato ecclesiastico é o que acabamos de vêr, nos elogios que elle dá a virgindade, na exhortação que elle faz á seus discipulos de tudo deixar, mesmo familia, por seu amor, e nas recompensas que em troca deste sacrificio lhes promette, nesta e na outra vida.

Que os apostolos tenham seguido este conselho, permanecendo uns no celibato em que já vivião, desprezando-se outros dos laços, embora os mais legitimos, para obedecer á voz do Mestre, e entregar-se livremente á pregação do Evangelho e trabalhos do apostolado, eis o que examinaremos neste capitulo, tendo principalmente em vista as difficuldades que sobre elle existem.

Em sua sublime linguagem sobre a grandesa da virgindade e premio que lhe é reservado N. S. Jesus-Christo exclamara: «Quem pode comprehender, comprehenda, *Qui potest capere capiat.*»

Pois bem, os discipulos, os apóstolos de Jesus, dirigidos e esclarecidos pela graça divina, comprehendirão, porque lhes foi dado comprehender, que, para melhor servir á Deus, lhes era necessaria a continencia. A doutrina e os actos de cada um delles o provão.

S. Paulo vae fallar em nome de todos. Não só o apóstolo das gentes trava duros combates contra a carne em sua própria pessoa, não só elle pede aos fieis que fação o mesmo contra os vicios e concupiscencias, mas estabelece em principio esta curta e expressiva maxima: «E' bom ao homem não ter communicação com a mulher.»

A doutrina é austera, mas elle accrescenta:

«Não é um preceito, mas um conselho que vos dou. Eu desejava que todos vós fosseis *livres como eu sou*, mas cada um recebe de Deus o dom que lhe é proprio, este de um modo, aquelle de outro... O que casa sua filha faz bem, o que não a casa faz melhor. Concernente á virgindade, não tenho nenhum preceito do Senhor, mas convido a pratica-la... O que é livre da união conjugal procura as cousas de Deus e põe todo o seu cuidado em agrada-lo...

«A mulher que não é casada consagra-se ao serviço do Senhor. vela pela pureza de seu espirito e de seu corpo, em quanto que a que contrahe casamento procura agradar seu esposo e vive para os bens da terra. Estaes ligados pelos laços do casamento? Não procureis rompê-los. O que o contrahe vive na preocupação de seus negocios, procura agradar sua esposa, e acha-se, desde logo, dividido em suas affeições e em suas obras. O que não tem esposa pelo contrario, não vive senão para Deus, não procura senão agrada-lo.»

Taes palavras dispensão todo e qualquer commentario.

Em breve, as veremos fecundadas pela graça e pela dedicação, repetidas pelos labios mais eloquentes da christandade, povoando o universo e gerando myriades de virgens, homens e mulheres, que são a honra do sanctuario e do claustro, a providencia dos infelizes, e a gloria da Igreja catholica em face dos povos.

Mas temos agora o direito de perguntar: quem pregava uma tal doutrina aos simples fieis não procuraria estabelecer-a entre os ministros da Igreja? entre aquelles que estavam destinados a servir de guia e de modelo aos fieis? Sim, devia.

E' o o mesmo apostolo quem accrescenta em termos expressos: «É preciso que o bispo seja irreprehen-sivel... *continente*, *pudico*... e que os diaconos sejam igualmente pudicos (1-Timoth. c.-v. 2-8) »

Em outro lugar: É preciso que o bispo seja sem crime.... *sobrio*... *continente* » (Tit. i, 7 8.)»

Inutil é dizer que o sacerdocio se acha implicitamente contido no titulo de bispo, porque, nos primeiros tempos, ou em rasão de escassez de subditos ou por causa do pequeno numero de fieis e da distancia em que se achavão, umas das outras, as communidades e parochias christãs, dava-se mais das vezes o amplo character de sacerdote e de bispo aos que as presidião.

Ouçamos agora a voz do discipulo amado, assim como ouvimos a do apostolo das gentes.

Jesus-Christo dissera a seus apostolos: «Como deixastes tudo para me seguir, no dia da regeneração, quando o Filho do Homem vier assentar-se no seu throno de magestade, vós sereis collocados á seu lado, e julgareis com elle as doze tribus d'Israel, e todo o

que deixar sua casa, ou seus irmãos, irmãs, sua esposa, mãe, pae, filhos ou seus campos por minha causa, receberá o centuplo e possuirá a vida eterna.»

S. João ergue um pouco a cortina, que rouba a nossos olhos a vista dessa gloria immensa, e canta a victoria das virgens nesta celeste visão:

«Eu vi o Cordeiro sobre a montanha de Sião, e com elle cento e quarenta e quatro mil homens, tendo o seu nome e o de seu Pae escriptos sobre suas fronte.

Eu ouvi uma voz do Céu, como a voz das grandes aguas e o ronco do trovão, e essa voz era igual ás harmonias tiradas pelos harpistas, quando toçao seus instrumentos; elles entoavão como um cantico novo, diante do throno, diante dos quatro animaes e diante dos anciões. E ninguem podia entoar esse cantico, senão os cento e quarenta e quatro mil que torão resgatados da terra, que não mancharão-se com as mulheres, porque elles são virgens, seguem por toda parte o Cordeiro, forão resgatados dentre os homens como premias á Deus e ao Cordeiro, e em seus labios não se encontrou a mentira; elles são sem macula diante do throno de Deus.»

II.—Depois do sublime ensino de Jesus tal qual acabamos de ouvir; depois das claras e energicas lições de S. Paulo e das magnificas palavras de S. João, interpretes fieis do divino Mestre, como duvidar que N. S. Jesus Chritsto tenha inspirado, e que os apostolos tenham praticado e principiado a estabelecer o celibato dos ministros da Igreja ?

Mas, aqui, como em toda parte, as difficuldades se apresentam. Embora consagremos uma secção especial á solução das objecções lançadas contra o celi-

bato ecclesiastico, as que se apresentam contra o presente capitulo lhe são de tal modo ligadas, que antecipamol-as, apresentando-as desde já. Ellas fundão-se sobre os mesmos textos de S. Paulo que acabamos de adduzir. Em primeiro lugar, dizem os adversarios: Porque S. Paulo serve-se do termo *continencia*, termo vago, em vez do termo *virgindade*, sobre o qual não existiria duvida possivel ?

A resposta é simples. O apostolo exige a continencia e não a virgindade, porque, embora esta seja preferivel, aquella simplesmente basta. O celibato é a perfeição.

E' preciso notar que nós não affirmamos a existencia do celibato ecclesiastico, como *lei positiva e universal*, desde o tempo dos apostolos; bem longe estamos disto.

Os Apostolos, pessoalmente, praticarão o celibato e, tanto quanto possivel, procurarão conferir as dignidades ecclesiasticas somente aos que fossem livres dos laços conjugaes, mas as circumstancias de tempo e exigencias da Igreja primitiva não permittião essa observancia com o mesmo rigor da disciplina actual.

As rasões são de facil intuição: 1.º porque o casamento era permittido aos sacerdotes da antiga lei e seria chocar bruscamente os espiritos, exigir immediatamente o celibato, como preceito e não como conselho, aos sacerdotes da nova lei 2.º Porque a Igreja, no começo, como diz S. Jeronymo, não sendo composta quasi senão de Gentios, novamente convertidos, de uma religião onde tudo respirava moleza, sensualidade e luxuria, á uma outra fundada no espirito de sacrificio, de abnegação e de austeridade, era preciso não exigir delles senão o que havia de mais facil, afim de

que não se aterrorisassem e se negassem á conversão. 3º Os subditos sendo muito raros nos primeiros tempos, sobretudo por causa das perseguições, que visavão quasi sempre os clérigos, era muito difficil achar tantos ministros celibatarios quantos exigião as necessidades da Igreja nascente.

Neste estado de penuria de uma sociedade que se forma no meio de mil embarços, a Igreja era forçada, por vezes, áir recrutar os seus ministros entre os esposos christãos, que se obrigavão então a uma continencia perfeita pela abstenção dos direitos conjugaes.

Eis ahi porque, nas mesmas epistolas de S. Paulo. elle faz menção da esposa e filhos dos bispos e diaconos, esposa e filhos anteriores á vocação dos novos ministros ordenados pelos apóstolos, mas guardados com castidade e *continencia* depois dessa vocação. Eis ahi ainda porque o apóstolo emprega a palavra *continencia*, palavra que bastando para o futuro, tinha um verdadeiro sentido pratico nessa idade primitiva, nada contendo de vago, nem para a tradição nem para a fé.

A objecção não morre ahi; nossos adversarios vão mais longe e ousão negar abertamente aquillo mesmo que affirmamos.

III.—E' falso, dizem elles, que os apóstolos tenham sido celibatarios: elles erão casados e vivião com suas esposas.

Mas onde foi feita esta descoberta? Por ventura a antiguidade christã não diz precisamente o contrario e nos termos mais explicitos?

Segundo a tradição, S. João o discipulo amado, era virgem e foi sua virgindade que lhe mereceu, na ultima ceia, a graça de repousar sobre o seio de Jesus. S. Jeronymo affirma que S. Thiago, bispo de Jerusa-

Que elles não tenham constituido uma lei publica, universal, immediatamente applicavel, sob pena de nullidade de matrimonio, (depois da recepção das santas ordens) e de degradação do sacerdote; que esta lei tenha sido formulada em termos sacramentaes de modo a repellir imperiosamente toda excepção, toda dispensa, isto não fizeram os apóstolos, e nem seria prudente fazel-o, attentas as circumstancias da Igreja primitiva.

Mas o que deduzir dessa conducta? Nada, senão que os apóstolos confiarão ao tempo o cuidado de desenvolver e de universalisar uma instituição, que elles plantavão no coração antes de fundar sobre a consciencia, ou que elles mesmos poderião ter dispensado da regra por causas maiores; e quem o nega?

O celibato ecclesiastico não é um dogma, não é um sacramento, em rigor, não é uma instituição divina, nós não o negamos. O que é um dogma é a superioridade da continencia e da virgindade sobre o estado conjugal, nós o ouvimos dizer por S. Paulo e o concilio de Trento o definiu em termos expressos.

Mas tambem, de outro lado, querer negar que os apóstolos tenham introduzido o celibato, empenhando os clérigos a pratical-o e escolhendo, tanto quanto possível, homens como Lucas, Marcos, Silas, Timotheo, Tito; enviando missionarios como Pothino, Clemente Dyonisio. Throphimo, Lazaro, reconhecidos coma celibatarios, negar que os apóstolos tenham querido vêr o sacerdocio começar ao menos pela continencia marital, esperando que podesse ser formado pela virgindade absoluta, eis o que só se pôde explicar pela ignorancia crassa dos ensinamentos da historia ou por uma prevenção injusta contra as instituições da Igreja.

VI—Antes de encerrar este capitulo, convem dar uma explicação extremamente necessaria.

Quando mesmo os apostolos não tivessem instituido, com moderação mais ou menos larga, a disciplina do celibato, a Igreja não estaria por isso privada de estabelecer-a para seus ministros. pois a Igreja tem perfeitamente o direito, e todo bom catholico o reconhece, de fazer leis disciplinares, não feitas ou praticadas pelos apostolos.

Para que uma lei disciplinar da Igreja obrigue a consciencia d'aquelles à quem ella é dirigida, não é de modo algum necessario que ella seja antiga e que remonte aos apostolos; basta ser promulgada por uma authoridade competente.

Certamente nada mais veneravel que uma alta antiguidade, uma origem apostolica, mas nem esta antiguidade, nem esta origem são necessarias para força obrigatoria da lei.

A Igreja é uma sociedade que tem poder de se governar, tão bem como qualquer sociedade temporal se governa, fazendo, segundo as necessidades, leis novas e modificando as antigas.

Tivessem embora os apostolos sido casados, tivessem elles vivido como taes, mesmo depois da vocação apostolica, tivessem elles em seu tempo permittido o casamento, mesmo aos ministros por elles ordenados, a Igreja não estaria por isso privada de estabelecer a disciplina do celibato.

Digamos mais: Não tivesse a Igreja estabelecido esta disciplina até o dia de hoje, ella poderia estabelecer-a amanhã, com o mesmo poder, com a mesma authoridade que os proprios apostolos, porque a Igreja recebeu de Jesus-Christo a plenitude do poder necessario para a consecução dos seus fins.

Assim a objecção tirada da pretendida vida conjugal dos apóstolos não seria tão grave, quanto imaginão nossos adversarios, ainda quando elles chegassem a provar o facto em questão.

CAPITULO V

Testemunho dos martyres, confesso- res e doutores da Igreja.

I—A palavra do Divino Mestre, o seu exemplo de Homem-Deus, a doutrina inspirada dos apóstolos, éco dos seus ensinamentos sagrados, não forão estereis no berço do Christianismo, nem nos seculos que seguirão.

Uma vez dado o impulso pela pregação evangelica, uma incrível paixão de abnegação arranca ás esperanças dos praseres, ás nobres alianças, ás innocentes alegrias da familia, ás delicias da paternidade e da maternidade uma multidão innumera de novos christãos.

Uns levão o sagrado deposito de sua innocencia virginal ao meio do mundo, outros o guardão no segredo do lar domestico, outros vão abriga-lo na solidão dos desertos, no silencio do claustro ou bem no sanctuario, onde a castidade florescerà como a poesia sagrada da virtude.

E, si por ventura, o halito impuro da maldade do mundo tentava corromper esses corações sem macula, então novos prodigios de valor se multiplicavão e o sangue corria abundante das veias dos martyres, que salvavão, com a perda da vida, uma virtude que os approximava de Deus.

Os nomes de Thecla, Petronilha, Praxedes, Pudenciana, Eulalia, Anastacia, Ignez, Agatha, Cecilia, Ursula, Luzia, Victoria, Catharina, Antonio, Pacomio, passarão cheios de veneração aos seculos futuros, e nos ensinão, ainda hoje, que desde os mais antigos tempos, a bellesa do celibato virginal sedusio as almas mais generosas.

O ferro, o fogo, os mais crueis tormentos, as mais dolorosas torturas, tudo soffrerão, mas nada os fez dobrar o joelho diante do menor acto capaz de roubar-lhes uma virtude, ganha á custo dos mais heroicos sacrificios.

A mão de Deus tambem não os abandonava. Em uns elle reparava as mutilações causadas pelos algos, diante de outros fazia curvarem-se respeitosas as feras enraivecidas, á todos confortava com sua graça cheia de consolação e d'esperanças.

A historia da luta do Christianismo, em seu berço, confunde-se com a gloria da virgindade christã. Dir-se-hia, com effeito, que o Christianismo, nesses tempos magnificos de uma fê sem igual, multiplicava-se menos pela palavra, que é naturalmente fecunda, que por duas causas naturalmente estereis:—a *virgindade e a morte*.

II.—Só isto bastaria para mostrar o que fizeram os santos para maior realce da virtude angelica.

Mas não paremos lá: passemos essa epoca tinta do sangue dos martyres, deixemos a arena agitada pelo combate das feras contra os innocentes, cujo unico crime era amar á Deus, si o amor de Deus é um crime.

Sigamos o curso dos seculos e descubramos, no silencio do claustro e na solidão dos desertos os con-

tinuadores dos virginaes combatentes dos primeiros dias da Igreja.

Pensemos um pouco na pureza da vida monastica.

Esses milhares de christãos de um e outro sexo, que povoão os mosteiros, succedendo-se de seculo em seculo, são outros tantos exemplos vivos do preço em que os santos tiverão a virgindade e o celibato.

Existe uma multiplicidade incrível de variantes na vida religiosa. A origem, o fim, os serviços, as regras differem, mas nenhuma congregação existe que não tenha tomado por base a continencia perfeita.

Umas se ocultão em um cubiculo para se entregar á penitencia, á contemplação e á oração; outras exercem a actividade de seu zelo no meio do mundo e dedição-se ao conforto de todas as misérias do espirito, do coração e do corpo; umas cultivão o solo, outras a intelligencia; umas recolhem o engeitado ou o orphão, a filha deshonrada, o velho sem abrigo, e os guardão sob a doce tutella da religião e da caridade, outras voão ao resgate dos captivos e ás missões estrangeiras, mas todas teem, por base infallivel e por obrigação mais cara, a renuncia completa aos praseres dos sentidos.

Benedictinos, Cartuchos, Camaldulos, Franciscanos, Dominicanos, Padres das Mercêz, Carmelitas, Jesuitas, Lasaristas, Trappistas, Irmãos das escolas christãs; Benedictinas, Carmelitas, Ursulinas, Trinatarias, Irmãs de Caridade, do Sagrado Coração, do Bom Pastor, e mil outras congregações que poderíamos citar, são outros tantos focos sagrados, onde a virgindade reina como soberana desde tantos seculos, e hoje como no passado, amanhã como hoje, apesar do amollecimento dos costumes publicos.

III.—Não é porém somente no testemunho dos martyres, considerados em globo, não é somente no testemunho desses viveiros de santidade que se chamão ordens religiosas, que vamos procurar nossas provas.

Não. Ouçamos separadamente os grandes Padres e Doutores da Igreja.

Elles são a expressão fiel dos sentimentos da Igreja e a voz dos povos Christãos, pois os seus testemunhos voão de todos os paizes, onde tem sido plantada a cruz do Christo.

Dos primeiros seculos aos nossos dias, o elogio da virgindade e do celibato religioso desce como uma cadeia de ouro, para cuja formação cada padre e doutor da Igreja quiz fornecer um elo.

Citaremos poucos e escolheremos d'entre elles os que, pela autoridade ou pela claresa da linguagem, mais recommendaveis se tornão.

O immortal bispo de Carthago, S. Cypriano, chama as virgens «flôr do ramo sagrado, ornamento da graça espiritual, imagens de Deus que reflectem a santidade do Senhor, a mais illustre porção do rebanho de Christo. Alegria da Igreja, ellas são como um jardim em flôr, onde ostenta-se a gloriosa fecundidade maternal.»

A mesma imagem é reproduzida por Theodoreto: «Desde que o Christo, nascendo de uma virgem, honrou a Virgindade, a natureza produziu jardins virginaes e offerece á seu Creador flores odoríferas, que nada póde fanar.»

«A virgindade e o celibato são grande cousa, diz S. Gregorio de Nazianzo, elles nos collocão na ordem sobrenatural dos anjos, não ousou diser de Jesus-Christo, que querendo vir ao mundo por nós, nasceu de uma

Virgem e deu assim uma sancção divina á Virgindade.»

«O que ha, diz S. João Chrysostomo, de mais doce, de mais bello, de mais brilhante que a virgindade, que lança uma luz mais viva que os raios do sol e que, separando-nos deste mundo, fixa continuamente a pureza de nossas vistas sobre o sol de justiça ?

S. Fulgencio diz: Cremos que a virgindade é tão superior ao casamento, quanto as cousas excellentes são superiores ás boas, as cousas celestes superiores ás cousas terrestres; tanto quanto uma união immortal está acima de uma união mortal, tanto quanto o espirito é superior á carne.»

Santo Ambrosio e S. Jeronymo são os mais ardentes promotores do profissão virginal.

O tratado de *Virginibus*, por S. Ambrosio, parece exceder tudo quanto se tem escripto sobre tão bello assumpto. Raciocínios, quadros, movimentos, unção, perfeição d'estylo, nada falta nessa admiravel composição.

Mas é preciso ainda ouvir Santo Agostinho, ou antes, é preciso ouvir o que a fé, o genio e os remorsos inspirarão sobre a virgindade á esse coração incomparavel: «A virgindade, diz elle, exempção de todo commercio carnal, é uma virtude angelica, e, em um corpo de corrupção, uma perpetua mediação de pureza. Certamente terão uma recompensa á parte na immortalidade commum, os que na carne põem alguma cousa que não é da carne. A virgindade é uma imitação da vida celeste, e o grão mais eminente da virtude, na Igreja; ella é infinitamente superior ás mais santas nupcias, e isto de direito divino.

«As virgens são esposas de Jesus-Christo, seus corações seu leito nupcial, seus combates cheios de gloria; ellas são as perolas da corôa ecclesiastica »

Façamos um passo mais rapido para ouvirmos o anjo de Claraval, o doutor mellifluo, S. Bernardo.

Dirigindo-se á uma virgem, depois de lhe haver lembrado suas esperanças eternas, elle lhe mostra sua gloria mesmo neste mundo.

«Não vos fallo, diz elle, senão do presente e d'essas premissas do espirito que vós já possuis: dons do esposo, prendas dos esponsaes, benções de doçura de que elle vos encheu, e que vossa esperança sauda ainda no futuro, como devendo ser o complemento do que vos falta.

«Que venha e que se revele Aquelle, cuja belleza, constitue o encanto dos anjos, e que as filhas de Babilonia, cuja gloria é confundida, vos mostrem se ellas teem alguma cousa que lhes seja comparavel. Ellas revestem-se de purpura e linho, que cobrem uma consciencia em farrapos; brilhão com a riqueza das perolas, mas teem costumes vergonhosos.

«Vós pelo contrario, vestida de andrajos, tendes uma alma brilhante, não aos olhos dos homens, mas aos olhos de Deus.

«Vosso coração nada em delicias, porque nelle habita Aquelle que o pode fazer feliz... Ellas deixarão com a morte, todos esses ornamentos emprestados á pelle dos animaes, ao ouro, prata, ás pedras preciosas, que servem mais para carregal-as que para aformoseal-as; vossa santidade, porem, não vos abandonará, ella permanecerá porque vos pertence.

«Nem a astucia dos ladrões, nem a crueldade do homicida, nada pode contra ella. A ferrugem não a roe, a velhice não a corrompe. Ella é propriedade da alma e não do corpo, ora, pode-se matar o corpo, a alma nunca.»

E, emfim, eis aqui Bossuet, ou antes, eis aqui todos os

doutores, todos os fundadores de ordens religiosas, todos os pregadores, todos os autores mysticos, fallando por sua boca.

« Que eloquencia poderia exprimir o amor do Salvador Jesus á santa virgindade ? Elle tem uma eternidade virgem por uma geração virginal; nascendo no tempo, quiz ter por Mãe uma virgem; celebrando a ultima pascoa, quiz apoiar sobre seu peito a fronte do discipulo virgem, morrendo sobre a cruz, não honra com suas palavras senão os virgens; emfim, reinando na sua gloria, elle quer ter virgens em sua companhia!...

Jesus não teve templos mais bellos que os que lhe consagra a virgindade...

«A entrada do santo dos santos era interdita: só o summo Pontifice della ápproximava-se; era lá que Deus repousava assentado sobre os cherubins, segundo a expressão sagrada. E' a santa virgindade que nos é representada nesta figura. é ella que desliga-se da multidão de objectos sensiveis e não dá accesso senão ao soberano Pontifice...»

Milhares de outros textos de muitos outros padres e doutores da Igreja poderíamos ainda citar, mas para que levar tão longe essa enumeração ? Paremos aqui; fechemos esse longo e grandioso quadro da tradição, cujo todo cheio d'harmonia é formado pelo concurso singular de cada um dos povos do globo.

IV—Que conclusão tiraremos depois de todos esses longos testemunhos ?

Uma simplesmente nos basta. Ei-la: O CELIBATO DOS PADRES É UMA INSTITUIÇÃO INATTACAVEL.

Porque ? porque o mais perfeito accordo existe, sobre este ponto, entre as crenças do Christianismo e as crenças do genero humano; porque a Igreja não

pensa differentemente de todos os povos, e pode invocar em seu favor a authoridade de todas as gerações.

Sim, si a gentilidade falla como a Igreja; si os sabios pagãos teem a mesma linguagem que os padres da Igreja; si Athenas e Jerusalem estão d'accordo, que razões podem-se ainda oppor contra o celibato dos padres? Não deve elle apparecer antes como o cunho do verdadeiro sacerdocio?

O catholicismo poderia justificar sua crença neste ponto, como dissemos, por sua propria tradição que remonta aos tempos apostolicos, porem elle faz mais que isso; a justifica pelas tradições universaes.

A causa do celibato não é uma causa que lhe seja particular; não, ella é a causa de todos os tempos, de todos os logares e de todos os povos.

Para romper com a christandade, sobre este ponto, é preciso romper com a humanidade, anathematizar a grande sociedade das intelligencias, viver de si mesmo e de si só, e por um justo castigo do orgulho, condemnar-se à não nutrir-se senão de abstracções e de chimeras, até expirar em um scepticismo grosseiro.

Terminando, digamos, uma ultima palavra de *lembrança e admiração* à castidade pagã: ella foi como o pharol erguido sobre os escolhos para lembrar ao mundo as leis da pureza geralmente despresadas; mas um *SALVE* de *gloria, de reconhecimento e de profunda veneração* à virgindade christã: ella brilhou e brilha como um astro radiante, que conduz os povos á imitação d'Aquelle que foi virgem em sua vida, como o fora na gruta de Belem, que morreu virgem sobre a cruz e que reina Virgem no esplendor dos Céos.

SEGUNDA PARTE

¶ Celibato ¶ Ecclesiastico justificado pela
natureza mesma das funcções sacerdotaes.

CAPITULO I

O Padre.

I.—Até aqui temos feito, por assim dizer, a historia material do celibato.

Depois de ter percorrido ou bordejado as margens do rio, é preciso descer até o seu leito e descobrir suas fontes occultas. Depois de ter feito a historia exterior do celibato, resta-nos fazer a sua historia interior, reproduzir o seu espirito, fazer conhecer os poderosos motivos que o inspirão, os immensos resultados que elle produz e que produzirá até o fim dos tempos.

Para isto é necessario definir o Padre, estudar a natureza de cada uma de suas funcções, descer a analyse de suas occupações, de sua vida intima, dos diferentes estados ou phases em que elle póde ser considerado, com relação á Deus, com relação á Igreja, com relação aos fieis, com relação á si mesmo.

Será este o nosso fim nesta segunda parte de nosso trabalho.

O que é o *Padre* ? mas o padre completo, o padre como o Evangelho o suppõe, como a dignidade de Deus o exige, como as populações verdadeiramente christãs o comprehendem ? Qual é a sua dignidade ? quaes os seus poderes ? quaes os seus privilegios ?

A' esta questão —*o que é o padre*?—um certo grupo de homens responde: O Padre é o propagador assalariado da ignorancia, o representante official da idade-media, o inimigo jurado de todo o progresso; ou então: O Padre é um funcionario obrigado pela Igreja ao celibato e retribuido pelo governo, para pregar sermões ao povo e engana-lo habilmente para torna-lo docil.

O Padre catholico não accellará jamais esta ingenhosa definição, nada tendo feito para merece-la.

O Padre é um homem privilegiado que recebeu de Deus, com um poder prodigioso e um character indelevel, a missão sublime de salvar as almas por um duplo sacrificio: um sacrificio em que é ministro e um sacrificio em que é victima. O Padre é um homem que vive no mundo sem ser do mundo, um homem que inspira á uns confiança illimitada, e á outros repulsão invencivel; um homem que, como o Christo, tem o singular privilegio de atravessar a vida colhendo á direita benções que não morrem e á esquerda calumnias horrorosas; um homem que os potentados da terra lisongeão e perseguem successivamente, mas cujas prerogativas não podem usurpar sem cahir no ridiculo aos olhos d'aquelles mesmos que os applaudem.

E' por isso que um auctor, entre nós mui conhecido, descrevendo mais do que definindo o padre, assim se exprime :

«Ha um homem que um dia se prostrou sobre o pavimento do templo, abaixo da humanidade inteira, sob a mão do summo sacerdote, e que, um momento depois, levantou-se maior do que todos os principes do povo, do que todos os potentados da terra, do que todos os anjos do céu.

Ha um homem que aos vinte e cinco annos d'idade, foi investido do mais sublime e tremendo character, que possam supportar hombros humanos, podessem elles embora sustentar a mole immensa do universo.

Ha um homem sem pae, nem mãe, nem irmãos, nem parentes, nem domicilio, nem thesouro, nem herança, nem patria, como Melchisedec; porque sua familia é a grande familia christã, porque o seu domicilio é a cabeceira do enfermo, o tugurio do pobre, e o templo de Deus vivo, porque o seu thesouro está nas mãos myrradas do mendigo, porque a sua herança é Jehovah, porque sua patria é a humanidade.

Constituido, pelo seu ministerio, o tutor nato de todos os filhos dos homens, a sua auspiciosa influencia e acção estendem-se desde as mantilhas festivaes do berço até o crepe lutuoso do catafalco e á valla da sepultura ! A sua mão ungida entorna a agua sobre a fronte da criança e faz della um filho de Deus; seus labios mysteriosos murmurão uma ultima prece sobre o grabato do moribundo e fazem d'um espolio da morte um inquilino do paraíso.

Só á elle é dado subir a uma cadeira, chamada por excellencia da verdade, e lançar no seio das multidões apinhadas em redor de si, uma palavra franca, independente, incisiva, que o mundo não perdoaria aos labios authorisados de um velho, á despeito da sua sciencia profunda e da corôa veneranda das suas cãs,

mas que perdoa aos labios d'um homem, que mal sahe da juventude, porque essa palavra chama-se e é *a palavra de Deus.*

Postado por mão invisivel e benefica, nas fronteiras de dous mundos, a sua acção providencial é consagrada á lançar sobre o abysmo da justiça vingadora a ponte mysteriosa de insondaveis misericórdias.

Ha um homem que, sem ruido, nem outro aparato mais que uma estola, desce do sanctuario, aonde só elle tem ingresso, dirige-se á um recanto isolado da Igreja, para entaipar-se entre quatro taboas singellas, e depois d'um curto dialogo, secreto e paternal, com um pobre peccador ajoelhado a seus pés, ergue a mão em signal d'authoridade, articula uma sentença judicial, que tem a prodigiosa prerogativa de produzir instantaneamente o que significa, e transforma um criminoso n'um justo, ao passo que os anjos do Senhor inaugurão, em suas harpas de ouro, mais um triumpho de graça.

E, o que abysma em assombro os proprios céos, ha um homem, que sobe todos os dias ao lugar mais sagrado que possa pisar um pé humano, que se encurva respeitoso sobre a ara do sacrificio incruento, e, no silencio da aniquilação da assembléa christã, pronuncia cinco palavras, que teem o poder incrível de gerar sobre o altar um Deus! de attrahir infallivelmente do seio do infinito ás suas mãos indignas e á face da terra, a Santidade absoluta! E victima á Magestade Suprema uma hostia, cujo sangue cobre este mundo de de indisiveis misérias, para tornal-o um objecto de ternura aos olhos do amor increado.

Esse homem, ha muito que o comprehendestes, è o PADRE (1).!»

(1) Sena Freitas.—*No Presbyterio e no templo.*

II.—Que honras! que dignidade! «Onde acharei uma authoridade igual á sua? pergunta um outro piedoso autor.

Em vão a procuro entre os prophetas; o maior de todos, o precursor de Jesus, João Baptista, teve, sem duvida, o privilegio de collocar sua mão sobre a fronte augusta de Jesus-Christo e de indicar com o dêdo o Salvador, mas o sacerdote o tem cada dia em suas mãos, cada manhã o consagra com palavras sahidas dos seus labios e diz em toda a verdade: «Eis o Cordeiro de Deus, eis o que apaga os peccados do mundo.»

Encontrarei por ventura entre os anjos ou seraphins, que tão grandes são diante de Deus, uma dignidade igual a do sacerdote? Não! E' inutil procurar no meio da hierarchia celeste.

O Propheta Malachias chama o padre o anjo do Senhor dos exercitos e este titulo sem duvida convem ao sacerdote, porque, segundo o eloquente Chrysostomo, o padre é um embaixador que não falla em seu proprio nome mas em nome de Deus, cuja pessoa augusta elle representa, de sorte que despresando-o, não se despresa um homem, mas o Altissimo que o enviou.

O nome de anjo, com que o honra o propheta, é pois o seu nome, e entretanto á que anjo foi jamais concedido o maravilhoso poder de perdoar os peccados e de consagrar o corpo e sangue de Jesus-Christo?

Será na augusta Mãe de Deus que poderemos saudar um poder, uma dignidade, que iguale ou exceda a dignidade, o poder do sacerdote?

Sem duvida, o que o braço omnipotente do Senhor operou nas outras creaturas não pôde ser comparado ás maravilhas operadas em vós, ó minda Mãe; mas,

si vós o permittis, conservando o respeito profundo, tão legitimamente devido à Vossa Magestade, eu vos direi com um de vossos mais caros filhos, S. Bernardino de Senna: *Sacerdotium ipse prætulit supra te*. Vós pronunciastes uma palavra e o Verbo incarnou-se em vosso casto seio, mas vós fostes uma sò vez o instrumento desse prodigio.

O sacerdote diz uma palavra e Jesus-Christo se incarna em suas mãos todos os dias.

Vós o concebeste mortal e passivel, o sacerdote o dá à terra tal qual elle é agora no alto dos céos.

E se um peccador às portas da morte lança sobre vós um olhar supplicante, não lhe poderieis fazer maior graça que de procurar-lhe um sacerdote que o absolva de todos os seus crimes e peccados. Vós não podeis mesmo conceder-lhe o perdão, mas o sacerdote revestido do poder de vosso Filho, e por mais indigno que seja, dirá: *Ego te absolvo*, e o mais infeliz dos homens tornar-se-ha immediatamente filho de Deus e o herdeiro mil vezes feliz da bemaventurança celeste.

Onde acharemos pois um poder e uma dignidade igual á dignidade e ao poder do padre ?

Elevemo-nos até o throno da Divindade; lá sòmente poderemos encontrar o que procuramos. O Padre Eterno deu á seu Filho todo o poder no céo e na terra: «*data est mihi omnis potestas in cœlo et in terra.*»

Ora este poder vasto, illimitado, o Filho de Deus communicou-o aos apóstolos e em suas pessoas aos bispos e padres seus successores: «*Sicut misit me pater et ego mitto vos*» como meu Pae me enviou assim eu vos envio. Na palavra «*sicut*» acha-se encerrado este sentido cheio de grandesa: «Meus apóstolos, não

assignalo á vosso poder, e á vossa missão outros limites, nem ponho outras restricções, senão as que serão postas por meu Pae á minha missão Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.

«Haverá honra, exclama, S. João Chrysostomo, que possa ser comparada á esta? Não vos parece que o céu recebe da terra sua principal authoridade? O servo conserva-se assentado como juiz e o Senhor espera sua sentença para a confirmar nos céos (2).»

Eis ahi o sacerdote, conhecido pela grandeza do seu ministerio, pela sublimidade de sua missão, pela elevação de sua dignidade.

Defini-lo é difficil, porque defini-lo é extremar os limites de sua grandeza moral, e como demarcar um ente que, sahido do nada, perde-se no mysterioso e no incommensuravel, onde se operão as acções divinas?

Não vem *de si*—porque do pó foi feito padre.

Não é *de si*—sendo, como é, o servo de todos.

Não é para *si*—porque a sua existencia pertence á gloria de Deus e ao ministerio da Igreja.

Não é *elle*—porque è o anjo medianeiro entre o céu e a terra.

O que é pois?

Menos que ninguem e mais que todos!!

O sacerdos! tu quis es?

Non es *a te*; quia DE NIHILO.

Non es *ad te*; quia es mediator ad Deum.

Non es *tibi*; quia soli Deo vivere debes.

Non es *tui*; quia es omnium servus.

(2) P. Mach.—*Thesouro do sacerdote*.

Non es *tu*; quia Deus es.

Quid ergo es? Nihil et omnia.

O sacerdos !!!

Basta; não debilitemos pela admiração nossas forças. Antes perguntemos, com a mão seriamente applicada na consciencia, si dignidades desta natureza não exigem de quem as occupa uma santidade elevada, manifestada por um sacrificio heroico — *c celibato* ?!

Si o Padre é outro Jesus-Christo, não é por ventura obrigado a caminhar sobre suas pegadas, á abraçar, á seu exemplo, a lei da mais pura perfeição, á tomar sobre os seus hombros, tanto quanto permite a fragilidade da natureza humana, a espirital e casta libré?

Si é o anjo da terra, não deve se approximar destes seres perfeitissimos pela virgindade?

Si é a luz do mundo, para expandir todos os seus raios, não deve procurar, somente no céu, o alimento de suas chammas? Si é o sal da terra, ser-lhe-ha permittido estragar-se com as alegrias carnaes? Si é o guia e guarda da virgindade, como deixará elle mesmo de ser virgem

Mas isto não basta, desçamos ás provas, desçamos á realidade dos factos, acompanhemos de perto o padre, no exercicio de algumas das funcções do seu ministerio.

III— Sob trez aspectos differentes, pode ser considerado o padre, segundo ás diversas circumstancias em que pode achar-se no exercicio do seu ministerio: quando, *no interior da Igreja*, no silencio do sanctuario, dispensa tranquillamente, no meio da grandesa do culto, as graças de que é distribuidor; quando, *fora*

da Igreja, mas no meio do rebanho fiel, leva o socorro, as bênçãos, a consolação e a paz ás suas ovelhas esparsas nos limites do seu territorio; quando, enfim, *fora da Igreja e do rebanho fiel*, vae, atravessando terrase mares, levar a luz da verdade ás nações, que ainda dormem nas trevas do erro.

No recinto do santuario, nos labores da parochia, ou nos perigos das missões, o celibato ecclesiastico é *condição essencial* para o *fiel desempenho* do ministerio sacerdotal.

«E' o que procuraremos provar, estudando a natureza de algumas das principaes funcções sacerdotaes, nos capitulos que formarão esta segunda parte.

Desde já podemos anticipar este principio: si cada uma destas funcções, tomadas de per si e isoladamente, exige o padre celibatario, muito mais o exigem quando as consideramos collectivamente centralisadas em uma mesma pessoa.

CAPITULO II

O Padre é sacrificador: necessidade do Celibato para a oblação decoro- sa do Sacrificio Eucharistico.

O Padre catholico no altar ! O' Deus ! que espectáculo !

A multidão compacta o rodeia silenciosa.

A calma no recinto augusto, a finesa dos vasos e ornamentos sacros, as luzes que crepitão no altar da Magestade infinita, tudo concorre á elevar a alma a pensar nos Céos !...

Um instante mais!...

O sacerdote encurva-se respeitoso sobre a ara do sacrificio incruento e, pronunciando sobre as especies do pão e do vinho as palavras da consagração, opera o milagre da transubstanciação, immola o Filho de Deus, feito victima por nosso amor, extasia a côrte celeste, faz chover diluvios de graças sobre a terra, impede o raio suspenso sobre milhares de peccadores, tira as almas, das penas do purgatorio !...

Sim ! A' voz do sacerdote sacrificador, tudo isto se opera, porque, no Christianismo, o sacrificio não é mais do que a oblação mesma da cruz, repetida, reproduzida mysticamente, por ordem do mesmo Senhor Jesus-Christo: *Este é o meu corpo, que será entregue por vós, este é o calix do meu sangue, que será derramado por vós e por muitos*, disia elle á seus apostolos, na noite da ultima ceia, accrescentando-lhes: «*Fazei isto em memoria de mim.*»

E' este o holocausto inapreciavel, a oblação predita quatrocentos annos antes, por um propheta, *oblação que deve ser offerecida á Deos, em todos os logares da terra, do nascente ao occaso do sol.*

Nesta oblação Jesus-Christo mesmo, o Fllho de Deus, é a victima. A fé catholica nos ensina que, sob estas especies de pão e de vinho, Jesus-Christo está todo inteiro, com seu corpo, seu sangue, sua alma e sua divindade.

Eu creio, diz todo catholico, e Deus ajudando-me, eu morreria antes mil vezes, que duvidar um só instante deste dogma, o mais sublime de minha religião, o mais santo de minha religião, o mais bem fundado de minha religião, o mais poderoso, o mais doce e o mais consolador de minha religião.

Eu creio com o Evangelho, com a Igreja, com a tradição inteira, com os mais bellos genios que honrarão a humanidade, com os martyres no meio das fêras ou no alto dos cadafalsos, com os milhões de virgens que constituem a admiração do mundo.

Eu creio com o meu velho pae, que recebeu isto de seu caro pae e com minha querida mãe, que o apprendeu de sua extremosa mãe; eu creio do intimo de minha alma, que nada viu, nada comprehendu ainda.

que pudesse abalar um instante estas convicções de sua fé.

Eu creio, enfim, do fundo do meu coração, que não conheceu ainda delicias mais suaves e santas que as do altar, onde á cada instante s'immola a Victimina da salvação dos homens.

Ao sacrificio vem juntar-se a communhão, que é seu complemento essencial. O sacerdote é o templo e o altar de Deus, mais que o templo e o altar material.

Elle recebe em seu seio, tantas vezes, quantas consagra, o corpo e o sangue de N. S. Jesus-Christo. Este sangue divino corre sobre os seus labios, essa carne une-se á sua, assimila-se á sua, para vir ser alimento á sua alma, para fazel-o como que participante da propria vida divina.

Basta, não debilitemos, por nossa admiração, as forças de nossa alma, mas perguntemos: si dignidades e honras desta natureza não exigem dos que as possuem uma santidade mais que vulgar ?

Perguntemos si quem é destinado á viver de tal sorte não deve distinguir-se do commum dos fieis ?

Tantas grandezas e nenhuma obrigação ? tanta elevação e nenhuma abnegação ? Tantas relações intimas e, por assim dizer, substanciaes com uma victima *virgem, immaculada*, e, ao mesmo tempo, viver em uma condição da qual a castidade não é apanagio ! O altar christão, esse altar onde tudo respira pureza, repelleria para longe de si um ser tão vulgar !

Ser, ao mesmo tempo, *sacerdote como Jesus-Christo* e casado como qualquer fiel !... Não ! não é assim que o Catholicismo comprehende a grandeza do culto divino.

O Catholicismo, que agradece ao Verbo divino *o não ter tido horror ao casto seio de uma virgem*, entende que também deve ser virgem o sacerdote, em cujas mãos o mesmo Verbo, obedecendo á sua voz, incarna-se mysticamente todos os dias.

II.—Duas breves considerações sobre o plano divino na economia da redempção do mundo, bastar-nos-hão. Na verdade, para mostrar que a celebração do mysterio eucharistico, mais do que a de qualquer outro mysterio, exige um sacerdocio virgem.

1.º DE QUEM QUIZ O CHRISTO NASCER? de uma *virgem*, de um seio *immaculado*, o mais puro que jamais possuiu ou possuirá o mundo, o seio castissimo de Maria. Ora, si o grande mysterio da Incarnação do Verbo de Deus cumpriu-se pelo ministerio de uma virgem, porque o grande mysterio da Eucharistia, que é o prolongamento, a continuação, a renovação do mysterio da Incarnação, não se cumprirá pelo ministerio de um sacerdocio virgem?

Porque o Deus, que desceu uma vez ao mundo por intermedio da virgindade, não descerá todos os dias pelo mesmo intermedio? Si as mãos que o receberão, quando elle baixou dos ceos ao presepio de Belem, são virgens, porque as que o recebem cada dia, quando elle baixa do céu sobre os altares, não o serão também? Porque o sacerdote, que está em contacto immediato e continuo com a sua pessoa sagrada, não terá em si o sello desta angelica virtude? Não é, por ventura, o mesmo corpo, sempre puro, sempre santo, sempre immaculado, que só mãos immaculadas podem tocar?

Porque o que se fez a primeira vez, em virtude de um dos maiores milagres operados no mundo, qual

o milagre de uma Virgem-mãe, não se fará sempre? Porque não continuará Deus á operar de conformidade com a lei que elle estabeleceu desde o principio. agora que, para a realisação de mesmo mysterio, não é mais necessaria a renovação do mesmo milagre da maternidade virginal?

Assim o celibato ecclesiastico é uma consequencia do dogma da Incarnação do Verbo no seio de uma Virgem. Depois disto pode-se comprehender, até certo ponto, que os hereges, como os protestantes, que negarão a perpetua virgindade da Mãe de Deus, tenham também abolido o celibato sacerdotal; mas, não pode-se comprehender como catholicos, que creiem nesta perpetua virgindade, se declarem inimigos do celibato e peção a sua abolição.

Os primeiros, destruindo a raiz, não é de admirar, que destruão também os ramos; os segundos conservão as premissas e rejeitão a conclusão, querem a fonte, mas não a agua que della corre. Estão em contradicção comsigo mesmo?

Si rejeitaes a conclusão, porque admittis as premissas? Si aceitaes as premissas, porque não admittis a conclusão? Eis ahi a primeira consideração. A segunda é a seguinte:

2º—POR QUEM O SACRIFICIO DO CHRISTO FOI OFFERECIDO A PRIMEIRA VEZ NA CRUZ? Pelo proprio Christo, que reune em sua pessoa o duplo caracter de sacerdote e victima. Não é pois necessario que o sacerdote, que é um outro Christo, *sacerdos alter Christus*, reúna também em si esse duplo caracter? Não é preciso que, immolando Christo no sacrificio do altar, o sacerdote se immole n'elle, com elle e por elle? Não é preciso que, pela fuga da volupia e observação da

castidade, elle esteja sempre em estado de sacrificador e de victima? *Por quem ainda, o sacrificio de Christo foi offerecido a primeira vez na cruz?* Por uma Virgem, por essa mesma virgem que forneceu ao Verbo a carne que devia ser immolada, o sangue redemptor, que deveria correr pela salvação do mundo. Ella estava ao pé da cruz, cheia de resignação, offerecendo á Deus, em nome da humanidade, a grande victima, tão impientemente esperada. Não é natural que o sacrificio do Salvador, que pela primeira vez foi offerecido por uma Virgem, o seja, na continuação dos seculos, por um sacerdocio Virgem?

A celebração dos sacrificios, entre os antigos povos, nós o vimos, estudando a tradição, exigia do sacrificador a continencia, a castidade, ou a virgindade temporaria ou perpetua, segundo a natureza ou duração das funções.

Mas, si a continencia era de dever e rigor para o sacerdote da lei antiga, por exemplo, não o deve ser ainda, com maior razão, para o sacerdote do Evangelho, para o sacerdote da lei nova, da qual a antiga não era mais do que figura?

Si a continencia era guardada, si o celibato era exigido aos sacerdotes dos idolos, não o deve ser, por mais forte razão, aos sacerdotes do Deus verdadeiro?

Por ventura o Deus trez vezes santo merece ministros menos perfeitos que os idolos do paganismo ou os deuses mythologicos?

Oh! não! trez vezes não!

Ah! sem duvida, tão augusto sacrificio não tira seu merito do sacrificador, mas do merito infinito da victima.

Todavia não é certo que o sacerdote deve se unir á

esta victima, por todos os meios possiveis, à fragilidade da natureza humana?

E haverà, por ventura, meio mais proprio para realisar tal união que o celibato religioso, isto é, a virgindade de espirito, de coração e de corpo?

E devendo offerecer todos os dias o sacrificio do altar, pois deve immolar todos os dias a victima sem macula, não é tambem preciso que o sacerdote seja casto, virgem, durante todo a vida?

Ou deveis diser—*sim, é preciso*, ou então, mentis à vossa rasão, à vossa consciencia, vós que combateis o celibato.

III.—Depois da theoria os factos.

As seitas, que separando-se do Catholicismo, abolirão o celibato, que nos digão as consequencias funestas da oblação do sacrificio por um sacerdocio casado.

Os gregos e os protestantes comprehenderão a estreita ligação que existe entre o sacrificio e a castidade do que é destinado à offerece-lo.

Os gregos que quizerão permittir, que o sacrificador fosse ao mesmo tempo sacerdote e esposo, limitarão, á duas veses por semana, a obrigação dos sacerdotes, que teem cura d' almas, de subir todos os dias ao altar.

Os protestantes forão mais longe ainda, porem de modo *mais consequente*: abolirão o celibato e o sacrificio.

Sós neste ponto, sobre a terra, com os musulmanos, os protestantes teem pulpitos, mas não altares; teem leitura e discursos mas não victima.

O protestantismo rejeitou o sacrificio, este principio fundamental de toda religião; por isso mesmo, não é uma religião, mas a negação de toda religião.

Desceu, sobre este ponto de vista, mas baixo que as religiões pagãs, que tanto se havião envilecido.

O paganismo tinha ao menos conservado os elementos fundamentaes do culto primitivamente estabelecido pelo Eterno.

Possuia um sacrificio e sacerdotes consagrados, embora, por tempo limitado, ao celibato. O protestantismo não tem sacrificio porque o seu sacerdote, o seu ministro é CASADO.

«E quem permittirá, exclama o piedoso bispo de Lyão, Zeram, quem permittirá que aquelle que serve ao altar e que, por um privilegio particular penetra no santuario, manche-se com os atractivos das volupias carnaes, e que, sob o véo da licença conjugal, preencha os deveres de sacerdote e de esposo ?

«E' preciso pois considerar, com coração puro e espirito attento, quanto deve ser digno aquelle que tem á celebrar os santos mysterios e interceder não só pelos seus proprios peccados, mas ainda pelos dos outros. Seria conveniente levantar-se do leito conjugal, desprender-se dos braços da esposa para subir aos degraos do altar e tocar com dedos impuros o corpo immaculado de Jesus ? »

Não ! isto seria offensa ao culto do Deus verdadeiro que reina no alto dos Céos.

Terminemos pois com o piedoso auctor da *Imitação*:

« Oh ! quanto é grande e honroso o ministerio do padre !

A elle é concedido consagrar, por suas palavras santas o Deus de magestade, de o abençoar com seus labios, de o ter em suas mãos, de o receber em sua bocca, e de o distribuir aos outros.

« Quanto devem ser puras as mãos do sacerdote,

quão puros devem ser os seus lábios, e quão santo deve ser o seu corpo, quão exempto de macula deve ser o seu coração, para receber tantas vezes o auctor de toda pureza !

«Seus olhos, habituados a ver o corpo de Jesus-Christo, devem ser simples e puros; suas mãos, que ordinariamente tocão o Creador do céu e da terra, devem ser castas e elevadas para o céu. E' aos sacerdotes sobre tudo que foi dito: «Sêde santos, porque eu sou santo. *Sancti estoti quia ego sanctus sum.*

Poderá ser assim o sacerdote casado? Ainda uma vez: Não.

CAPITULO III

O Padre é juiz: necessidade do celibato ecclesiastico para o ministério do confessorio.

I.—Vêde esse homem que, sem ruido e sem mais apparato do que uma estola, caminha mysteriosamente para um canto retirado da Igreja.

Elle approxima-se de uma pequena prisão cellular—o confessorio. Monica ou Agostinho, Magdalena ou Thereza, uma multidão de desconhecidos, todos lá estão bem perto, e, ajoelhando-se aos seus pés, se succedem uns aos outros. Elle os escuta, perdôa á uns; consola á outros, e todos o honrão com o doce titulo de:—*Pae*, pois tal é a significação de *padre*.

O velho, ajoelhado aos seus pés, diz: meu pae; o soberano: meu pae; a joven donzella: meu pae: todos: meu pae.

Mas quem é este homem mysterioso, cercado por todos de tanta veneração? quem é este, que recebendo de todos as mais secretas confidencias, e, ás vezes, a

narração dos mais horrorosos crimes ousa dizer: *Ego te absolvo* ?

E quem são esses que o rodeião cheios de tanta confiança e amor? Esse homem é o sacerdote, é o padre, o juiz do foro interno. Os que o rodeião são os peccadores arrependidos que, doídos de suas culpas, procurão o padre, para obterem d'elle o perdão, que sollicitão com lagrimas !

O' mysterio de pasmosa grandesa da parte do homem e de misericordiosa condescendencia da parte de Deus !

Sim, Padre de Jesus -Christo, é Jesus-Christo mesmo que tu representas; é o ministerio de Jesus-Christo mesmo que tu exerces; é em seu nome e em virtude do poder que te confiou que dises: *Ego te absolvo*.

E tanto é verdade que occupas o lugar de Deus que, bem sabes, si algum juiz do mundo, transpondo os seus limites, pretender invadir teu mysterioso dominio e pedir-te contas dos segredos, que em teu seio depositaram os filhos de Deus, podes ousadamente dizer, mais ainda, *deves* dizer com coragem: Nada sei do que me perguntas.

Porque? Porque não é como homem, e sim como representante de Deus, que sabes o que te disserão ao ouvido. Ainda mais: é à Deus que tu substitues, são suas sentenças que tu pronuncias.

Eis ali a elevadissima, porem mais que espinhosa situação do padre no ministerio do confessorario.

Revestido da authoridade divina de perdoar os peccados, elle serve de juiz para a distribuição das misericordias do Eterno e é a arca inviolavel dos segredos da consciencia.

II.—Assim estabelecidos os principios, façamos a pergunta de sempre: poderá o sacerdote exercer *com fé, amor, e sinceridade* tão sublime, mas tão tremenda função sem o celibato ecclesiastico?

Desde já respondamos:—*Não!* Casae os padre, casae o confessor e vereis os tristes resultados.

Não existirá mais zelo, não existirá mais dedicação para o ministerio do confessorio, para esse ministerio espinhoso, cheio de fadiga, de incommodos, de sacrificios, de declarações monotonas ás vezes.

Palavras de amor divino, de paciencia, de longanimidade, de consideração, de ternura espiritual, tudo desaparecerá para dar logar á um jugo supportado com desgosto, á palavras breves, á conselhos curtos e estereis.

Mas que digo? Nem isto mesmo existirá. Casae o padre e vereis o confessorio abandonado, os penitentes fugindo e a confissão morta.

E senão vejamos. Consideremos o padre nos dous estados: *ou elle é casado, ou é solteiro, mas póde se casar.*

Si o padre é casado, quem quererá ir ajoelhar-se aos seus pés, para fazel-o o confidente intimo dos seus segredos?

D'Alembert comprehendeu o segredo que liga o exercicio da confissão ao celibato ecclesiastico, quando, escrevendo a Voltaire, disia: «Eu vejo d'aqui os padres casados e a confissão abolida.» Porque? Porque a confiança do penitente desaparece com a chegada do casamento do padre, pois em lugar do sacerdote, não se vê mais do que o Sñr. F...e o esposo da Sñra. F...

Si ousa-se fazer confissões ao padre virgem, e isto

com difficuldade, é porque o seu estado, collocando-o á cima das fraquezas que lhe são reveladas, não o deixará tentar-se por um terceiro; é porque as declarações que lhe são feitas apresentam-se aos seus olhos como uma nota de arrependimento e não como uma imagem da volupia, porque se sabe que elle tem um coração de carne para ouvir e um coração de granito para sentir, em uma palavra: porque se vê n'ello não um homem capaz de se deixar seduzir, mas um anjo de perdão.

Confessão-se todos ao padre virgem, ao padre celibatario, porque ninguem tem a receiar o abuso nem a violação do segredo que se lhe confiar.

Seria a mesma cousa com o padre casado ?

Certamente não ! Uma joven, uma donzella, não iria jamais revelar á um padre casado as tempestades de um coração sensível.

Ellas temerão sempre que o sacerdote revelasse á sua cara metade o segredo confiado no confessional. E não seria naturalmente assim, quando pensassem que o sacerdote que as escuta, vive com uma esposa ternamente querida, que em casa será á seu turno a *confessora do padre* ?

Quem estaria seguro da discrição de um homem entregue, pelo casamento, á dupla tentação do amor a que é naturalmente confiado, e da curiosidade que tão naturalmente ávida de conhecer as cousas occultas ?

Uma mulher poderia por ventura resistir ao desejo de saber, ou o marido ao desejo de communicar o que com cada um delles se passa ?...

Que sacerdote casado poderia por exemplo resistir ás ciladas contidas nestas capciosas perguntas de um

esposa curiosa: *Donde vens tão tarde? Porque tal pessoa demora-se tanto tempo no confessorio? Porque não commungou ella, depois de se ter confessado tão longamente? Porque esta ou aquella se confessa ou communga mais de que as outras?*

A curiosidade accrescente-se a inveja, o ciúme, as rivalidades, as desconfianças e tantos outros combates deste genero, aos quaes estaria sujeito, á cada instante, um *padre-marido*.

Ahi tendes o que seria a confissão, e o triste estado á que seria reduzida si o padre fosse casado.

III.—Supponhamos agora que o padre, o confessor não seja casado, mas que possa se casar mais tarde; supponhamos o *padre solteiro*, no sentido vulgar dado á este termo.

Oh! o abandono do confessorio seria ainda mais prompto, os perigos mil vezes mais eminentes, as consequencias mais deploraveis.

Que mãe conduziria sua filha á confissão? Não teria ella á temer que o padre *solteiro* fizesse do confessorio a janella dos seus galanteios, o philtro dos seus sentimentos affectivos e o confidente secreto dos seus esponsaes?

Não teria á receiar que o confessorio se tornasse o postigo inacessivel, atravez de cujas grades o sacerdote zombasse impunemente, e á todo salvo, dos planos de um pae, sobre o futuro que tenciona dar á sua filha, e que antes de poder vinculal-a ao homem de sua escolha, um juramento solemne a prendesse indissolovelmente ao homem da Igreja?

Si tão grande já é a difficuldade para submeter-se á confessar-se á um sacerdote perpetuamente celibatario, que repugnancia não haveria para se faser ou-

vir em confissão por um sacerdote, que, sendo solteiro, poderia casar amanhã com a donzella que elle confessava hoje ?

Podereis objectar-nos, dizendo que, em um como em outro caso, o confessionario pode ser occasião de enormes abusos.

E' verdade. Mas o abuso será muito mais raro e em sua integridade quasi impossivel.

E si é possivel um abuso tão hediondo ser praticado por um padre celibatario, tendo em perspectiva um crime por todos os lados nefando, sacrilego, abominavel, sobre o qual pesão as mais severas penas ecclesiasticas, não aconteceria muito mais facilmente ao padre *conjugavel*, que poderia reclinar tranquillamente a consciencia sobre a almofada de um futuro proximo, que tudo sanaria por um matrimonio? O astuto ministro faria muitas vezes de um sacramento o preludio do outro.

E' preciso ser pertinazmente cego para não ver claramente a realidade de taes factos.

Ainda uma vez digamos portanto: Casae o padre e a confissão será morta, como morta está em todas as seitas que abolirão o celibato ecclesiastico. Ella não vive *praticamente* senão na religião que conserva o celibato religioso.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CAPITULO IV

O Padre é medianeiro: necessidade do celibato ecclesiastico para o exercicio tranquillo da oração.

I.—O sacerdote é não só o ministro do sacrificio augusto, que cada dia se offerece sobre os altares, e o juiz das consciencias, mas é tambem o grande intercessor visivel entre Deus e a humanidade.

O padre é o homem de oração!

Todos devem orar. O Evangelho ordena indistictamente á todos a oração e oração constante: *semper orare et non deficere*.

Deus não ordenando o impossivel, isto deve ser praticavel. Os homens de fé o fasem, offerecendo á Deus, frequentes vezes no dia, essa multidão de acções que, por um simples acto de elevação d'espírito e de offerta ao Creador, são sanctificadas.

Mas essas almas avançadas no caminho da perfeição coroaõ, sobretudo, os seus esforços, completando-os

pela união dos seus votos com a oração publica, incessante e fervorosa, da qual é o padre o grande motor.

Agente responsavel da Igreja, que lhe confia seus filhos e seus poderes, empregado nos trabalhos e no ministerio do seu divino Chefe, luz do mundo, espelho dos povos, pregador do Evangelho, dispensador dos sacramentos, sacrificador quotidiano da carne e sangue de Jesus-Christo, o padre tem, á cada instante, necessidade para si mesmo de um poderoso socorro das graças divinas, graças que não se obtem senão pela oração.

Mais ainda: ministro de Deus na terra, o padre está encarregado não só de salvar sua alma, mas, além disso, as dos outros, ou, pelo menos, de empregar todos os esforços para poder salvá-las.

Encarregado desta immensa mediação, não é verdade que, para exercel-a, o padre tem necessidade de orar e orar muito, não só por suas necessidades, como pelas necessidades do genero humano todo inteiro?

E, como essas differentes funcções santas do sacerdote succedem-se de um modo perpetuo, não é também verdade que a oração do padre deve ser perpetua?

II.—A Igreja bem comprehendeu esta verdade e collocou entre as mãos do sacerdote o *Breviario*, essa oração solemne e sublime que, em horas differentes do dia, ergue-se de todos os pontos do globo, onde existe um sacerdote, e eleva-se, como uma nuvem mystica de louvores, de supplicas e d'esperanças, até o throno do Creador.

A' cada hora do dia, quando o mundo trabalha ou folga, diz o P. Marchal, o padre abre o livro da oração, o *Breviario*, que é para elle o que é para o sol

dado a espada. Elle diz seu *officio*, que depõe na lma-pada da piedade o oleo do fervor; rediz os canticos sempre novos de David, os oraculos dos prophetas, de Christo e dos apostolos, retempera-se na leitura dos grandes feitos dos herões chamados *santos*, pede perdão por seu povo e por elle implora o orvalho que refrigera as almas e faz germinar as messes (1).

O *Breviario* é a formula obrigatoria das supplicasdo sacerdote, e a oração publica, que a Igreja lhe impõe como um dever de consciencia, sob pena de peccado mortal, por uma só omissão voluntaria, durante o curso da vida.

Ajuntae porém á isso as orações particulares, as visitas aos lugares santos, os frequentes recolhimentos em Deus e concentração da alma em si mesma; os gemidos sobre os escandalos, os votos multiplicados para a conversão dos infieis, dos hereticos e dos peccadores, para a perseverança dos justos, para a prosperidade da terra, para o triumpho da Igreja, os officios regulares, as procissões, os canticos, á frente dos quaes se acha sempre o padre, e tereis uma ideia de quanto a oração, e a oração constante, é necessaria ao padre, e quanto elle mesmo comprehende esta necessidade.

III.—Mas, para orar sempre e orar muito com piedade, fervor, recolhimento, para preencher essa nobre missão de intercessor visivel da humanidade, diante do throno do Eterno, é preciso que o padre se considere sempre no meio de um deserto, em presença da magestade divina, desprendido de tudo o que é humano; é preciso que os ruidos do mundo não perturbem seus ouvidos; é preciso que os cuidados domesticos, os interesses de esposa e filhos não dissipa-

(1) Marchal. «*L'homme comme il faut.*» art. le prêtre.

pem o recolhimento de sua alma, é preciso, emfim, que as affeições carnaes não fação abaixar-se e ligar-se á terra, esse mesmo coração, que deve elevar-se e ligar-se ao céu.

D'ahi nova necessidade para o padre de viver celibatario, novo motivo que exige do sacerdote de Christo um coração virgem.

Mergulhado no commercio dos sentidos, poderia elle, com effeito, ter esse desprendimento e esse recolhimento, sem os quaes o commercio com Deus é impossivel ? exclama o P. Berseaux.

Não é preciso estar livre do imperio da carne, para estar constantemente em relação com Aquelle que é o Espirito por excellencia, e que não pode ser concebido senão pelo espirito ?

Si a humanidade creu, continúa elle, que todo acto religioso em geral, e a oração em particular, exige, como preparação, a observancia da continencia, si S. Paulo recommenda a continencia aos *fieis*, que querem se entregar ao exercicio da oração, quem não comprehende que o padre, que é, por excellencia, o homem da oração, a deve guardar tambem ?

Quem não comprehende que elle deve guardal-a *perpetuamente*, pois que sendo o medianeiro, elle deve *offerecer perpetuamente* á Deos, em nome de todos e por todos o incenso da oração ? ¹

Deste mesmo argumento, fundado em S. Paulo, servia-se S. Jeronymo, quando dizia: Si o leigo não pode orar sem abster-se do matrimonio.—*Si laicus et quicumque fidelis orare non potest nisi careat officio*

1—L'abbé Berseaux.—*La science sacrée*.—tom. IV. art. sacrement de l'ordre.

conjugali, sacerdoti, cui semper orandum est, semper carendum matrimonii.

E S. Agostinho: Si o povo, afim de se preparar a oração, deve abster-se por certo tempo das obras da carne, por mais forte rasão, o devem os levitas e os sacerdotes, que, noite e dia, devem orar pelos fieis que lhe são confiados.— *Si enim plebeis hominibus orationis causa ad tempus abstinere se præcipit, ut vacent orationi, quanto magis levitis et sacerdotibus, quos die noctuque pro se plebs sibi commissa oportet orare.*

Para concluir, digamos com Monsenhor Pavy: a ordenação poz nos olhos do sacerdote, duas fontes de lagrimas que expiã os peccados de todos, e em seu coração, um oceano de suspiros, cujas vagas, elevando-se até os céos, recahem sobre o povo como um orvalho de graças.

Mas, onde encontrará lagrimas de caridade universal, aquelle que as tiver esgotado nas dores secretas do leito nupcial, sobre o berço de algum recém-nascido, ferido pela mão da morte, sobre os revezes da fortuna, que cortão as esperanças do futuro; e quem sabe?—sobre tristes discordias interiores e sobre infidelidades mais tristes ainda?

Oh ! não ! que o vestibulo da oração não seja desertado pelo leito conjugal. Não venhaes resfriar, por um commercio humano, nem carregar com um peso carnal as azas desta pomba mystica, que se chama o *padre !*

Deixae-o tomar seu vôo independente para o throno das misericordias, deixae-o penetrar livremente no céu; é por vós que sobe, não lhe corteis o vôo; elle não poderia mais trazer da patria celeste o ramo de paz.

CAPITULO V

O Padre é doutor e mestre: necessidade de do celibato ecclesiastico para a independencia, energia e bom fructo na pregação das verdades da Religião.

O Padre é doutor e mestre das verdades eternas das verdades do Catholicismo, dos divinos ensinamentos da Igreja.

A' elle compete annunciar e explicar os divinos oráculos, inspirar o amor do santo evangelho e dos seus austeros rigores, pregar todas as virtudes, estigmatizar todos os vicios.

A' elle compete a obrigação de pregar todas estas verdades, á tempo e á contra-tempo, áquelles que as procurão com sinceridade, como aos que as repellent com capricho.

A' elle cabe, enfim, o dever de vingar os dogmas catholicos, contra as objecções da sciencia orgulhosa e fatua, contra as calumnias da heresia e contra os ataques dos inimigos da Igreja.

Jesus-Christo disse aos seus apóstolos: *Ide pelo universo inteiro, pregae o Evangelho á todas as creaturas.*

Elles devem pois pregar aos reis e aos povos, aos fieis e aos infieis; elles devem pregar tudo o que Jesus-Christo ensinou: dogma, moral, culto, preceitos, conselhos, fuga do vicio, pratica da virtude, esperanças e ameaças da eternidade...

Não são discursos academicos, ornados de mil figuras pomposas, nem brilhantes allocuções, onde as phrases requintadas não traduzem a força do pensamento, que o padre tem á fazer. Não. Ha nomes simples e novos para exprimir este novo mandato: ha homelias, sermões, penegyricos, conferencias, praticas, cathecismo, mandamentos, cartas pastoraes, isto é, discursos evangelicos cheios de unção e de força, amadurecidos pelo estudo, aquecidos pela oração e pregados pelo zelo, para maior gloria de Deus e salvação das almas.

—O padre casado dará conta de tão espinhosa tarefa? Não.

A pregação de tal ministro seria uma cousa fria, calculada, tímida, incompleta e por conseguinte esteril.

O bom senso e a experiencia no-lo demonstrão. E' o que vamos ver.

II.—Encarregado de um ensino tão pesado quão variado e difficil, o padre precisa de *tempo, de silencio, de solidão* para aprofundar as verdades que tem de annunciar e cujo conhecimento exige a assiduidade de uma vida inteira.

Poderá dispor desse tempo e desta solidão o padre casado? Não. Elle se verá pelo contrario obriga-

do á esbanjar seu tempo, consagrando-o á uma multidão de bagatellas e ninharias, das quaes não pode escapar quem dirige familia. Sua vida será partilhada, interrompida.

Hoje é o nascimento de um filho, amanhã será um accidente que ameaça a existencia do recém-nascido; depois d'amanhã é preciso occupar-se da *ama*, depois da educação do menino, mais tarde. . . . quanta cousa ! quanta dissipação !

Uma vez é um estabelecimento vantajoso, perdido depois de tanto trabalho; outras vezes um emprego solicitado com tanto empenho e afinal dado á outro.

Ora é o ciúme que introduz-se na familia; ora a separação, em consequencia da incompatibilidade de humor.

Agora é um escandalo, que arrebenta no seio do lar domestico e dá pasto á conversação dos visinhos, mais logo é um revez de fortuna.

Quantos motivos de perturbação, de perda de tempo. . . . de que está livre o padre celibatario.

Como, lançado no turbilhão e cuidados destes e mil outros negocios, poderá o padre casado gosar dessas longas horas e desse silencio preciso para avançar um pouco na sciencia sagrada ?

Não; o que deve habitar com sigo mesmo, o que deve viver só com seus pensamentos. suas meditações, seus livros, aquelle em uma palavra, que deve ser o homem da verdade divina, na expressão de um douto escriptor «não pode ser o homem da mulher.»

III.—Vamos mais adiante. Si o padre necessita de *tempo e de solidão*, para exercer com fruto o ministerio do ensino, tambem precisa de *independencia*, e sobretudo de *independencia moral*.

O padre deve com effeito pregar todos os preceitos e conselhos evangelicos.

Ora, ha conselhos e preceitos evangelicos, que o padre casado não poderia pregar senão raramente, e mui raramente.

Em rasão do seu estado conjugal, elle temeria que sua palavra produxisse em seu auditorio motivos de censuras, gestos de desconfiança ou, ao menos, suspeitas.

Ninguem duvida, por exemplo, que a *virgindade*, com a missão que o Christianismo lhe deu, seja origem de uma multidão de beneficios. São as virgens christãs que cuidão dos enfermos, que pensão os feridos, visitão os pobres, consolão os encarcerados, instruem os ignorantes, recolhem as almas, perdidas reúnem as crianças abandonadas, os velhos sem abrigo, e os guardão sob a doce tutella da Religião. Importa pois altamente que a virgindade seja posta em honra, e que se venha em massa alistar-se sob seus estandartes.

Ora o padre casado poderá faser florescer a *virgindade* no mundo ? Nunca.

Que palavras, que convicção, que forças teria o padre casado para pregar a sublimidade do estado virginal, expor o seu preço e vantagens, attrahir á sua pratica as almas generosas, que Deus reservou para si em todos os tempos e logares ?

Que influencia poderião ter, neste sentido, as palavras de um homem que fosse propor aos fieis uma perfeição, á qual elle mesmo não tem nem coragem, nem força para se elevar ?

Não seria isto desmentir os seus discursos pela sua conducta, zombar da boa fé e credulidade dos fieis,

propondo-lhes a escolha de um estado que elle mesmo, sacerdote de Christo, é o primeiro á não abraçar ?

Que graça teria com effeito ver o padre, mergulhado nos cuidados da carne e do sangue, á exortar, á dirigir e á confessar virgens ?

Longe de poder crear a virgindade, o padre casado não poderá mesmo cultiva-la, lá onde ella existir !

IV.—Isto não é tudo. O padre casado não só não poderia faser da *virgindade* absoluta e prepetua, á cuja pratica são chamadas tão somente almas privilegiadas, o objecto de suas instrucções, mas ainda seria obrigado á fechar os seus labios sobre o *sexto preceito do decalogo*, que diz respeito á todos, qualquer que seja o seu estado ou condição.

Terá a palavra do padre casado bastante força para persuadir a guarda da castidade, a observancia do sexto mandamente da lei divina á essa multidão de pessoas, *que não são casadas, que não podem se casar, que não querem se casar* e que são tentadas á satisfazer suas paixões entregando-se á devassidão ?

Não! sem duvida.

Um padre casado, pregando a guarda da castidade, expor-se-hia ao ridiculo e á zombaria dos fieis. Cada um destes teria naturalmente o direito de dizer-lhe:

«Vos é facil pregar a castidade e a continencia, vós que achaes no matrimonio, satisfação legitima á vossa paixão.

«Dae-nos o exemplo da virgindade e acreditaremos na sua possibilidade.

«Emquanto não o fizerdes, a consideraremos alem de nossas forças e nos deixaremos arrastar pela corrente.»

O padre casado permanecerá mudo á taes discursos, porque não poderá responder: «O que me é possível, não vos é impossível.»

Elle não terá forças para lutar contra a libertinagem, sem duvida alguma, um dos maiores flagellos da humanidade.

O padre celibatario, ao contrario, oppondo a sua conducta virginal á onda da corrupção, poderá diser com coragem e independencia, do alto da cadeira sagrada: Sim, a castidade, com o auxilio da graça divina, que não falta ao sacrificio voluntario, é possível. A prova é que, fraco e indigno como sou, eu mesmo a ponho em pratica.

Elle poderá dizer aos esposos: «Sabei vos moderar; vós o podeis, pois que eu mesmo sei me abster.»

Dest'arte a vida do sacerdote será uma refutação permanente dos sophismas com que o libertino procura justificar sua conducta desregrada, ella será a condemnação de todos os seus excessos, deixa-lo-ha sem desculpa, excitar-lhe-ha os remorsos e lá onde o remorso falla, existe ainda uma taboa de salvação.

V.--Sem liberdade nem independencia moral, para pregar todos os conselhos evangelicos, a palavra do padre casado seria inutil, não só ás almas mais heroicas do que elle, que soubessem fazer á Deos o sacrificio do seu corpo, não só aos libertinos, que procurarião encontrar no casamento do padre a justificação dos seus vicios, mas ainda inutil aos unicos á quem a sua palavra e exemplo poderião servir, isto é, aos fieis que como o padre fossem casados. Eis a razão:

Os casamentos nem sempre são felizes. Não é raro vêr-se esse recinto de paz e de amor, que se chama

a familia, convertido em fóco de desordens e de lutas vergonhosas.

Ora não poderá tocar á um pobre padre esta infeliz sorte ?

E então como terá coragem para pregar aos outros a união, a concordia, a paciencia, o soffrimento mutuo e calmo dos dissabores domesticos, o padre que vê a discordia, a antipathia e as lutas no seu proprio lar.

Que efficacia poderão ter seus discursos sobre o povo que conhece as misérias conjugaes do seu chefe espirital ?

Não serão estereis, impotentes ? Que digo ? Serão o objecto da mofa publica e paralisados pelo ridiculo que os acompanhará ?

O sacerdote pronunciando-os não pronunciará a sua propria condemnação ?

Não terão os outros direito de dizer-lhe: «Antes de fazer reinar a ordem na familia de outrem, começae por fazel-a reinar em vossa familia ?

«Sois o modelo do rebanho, começae por dar o exemplo e vinde depois pregal-o por vossa palavra.

«Si sois incapaz de conter ou de fazer entrar vossa familia nos limites do dever, como quereis que recorramos á vosso ministerio para corrigir as nossas sobre as quaes tendes muito menor authoridade ?»

Quão triste, quão lamentavel seria a condição de um tal ministro da Igreja !

VI.—O *Dogma*, companheiro inseparavel da *Moral*. teria a mesma sorte desta.

O sacerdote, á quem faltasse energia d'alma para pregar os principios da moral evangelica, não teria tambem a coragem precisa para defender, com honra

e vigor os principios fundamentaes da fê catholica.

Em um momento de luta e de exaltação, si recebesse uma ordem positiva do superior, talvez rasgasse os seus receios, a sua timorata resistencia, talvez!... talvez!...

Mas, um padre casado, no estado ordinario das cousas, segundo a ordem natural do amor à familia, ir *espontaneamente*, por amor á verdade, offerecer o sacrificio da sua propria vida, em defesa dos dogmas contestados pela impiedade, attaccados pela heresia... oh, não! isto nunca!

Sobre mil casos se teria um. Taes actos de um heroismo sobre-humano estão reservados somente á essas creaturas eleitas que, desprendidas de todo laço terreno, não visão senão a gloria de Deus e a salvação das almas.

VII—Não é um quadro imaginario o que acabamos de traçar. E' a copia fiel do estado do ensino nas seitas que abolirão o celibato clerical.

A pregação feita por seus ministros é, como acima dissemos, uma cousa fria, calculada, timida, incompleta e portanto esteril (1).

O que é um ministro do culto chamado reformado? pergunta de Maistre:

«E' um homem vestido de preto, que sobe á um pulpite, todos os domingos, para se occupar de propositos honestos!»

(1) Os limites, que marcamos á esta obra, não permitem mostrar aqui, tão longamente quanto seria para desejar, o deploravel estado da pregação religiosa, nas seitas dessidentes, Quem não achar bastante o que deixamos dito, leia: Marshall — *Les Missions chrétiennes*; Doellinger = *L'Eglise et les Eglises*. Margotti; = *Rome et Londres*.

Com effeito a pregação desceu até este ponto, na maior parte das igrejas protestantes.

De dogmas não se falla mais. Tudo limita-se á vagas considerações moraes, que não incommodão ninguém, que não contrarião ninguém, e sobretudo que não causão remorsos á ninguém.

«Os antigos pregadores protestantes, diz Margotti, de 1620 á 1700, arrastavão, salvo algumas excepções, os seus ouvintes aos desertos aridos da polemica e da dogmatica, tanto que estes ultimos depois de haver vagado varias horas, voltavão tão sedentos da palavra divina quanto antes da chegada.

Mais tarde os protestantes lançaram-se no excesso opposto

Separando o dogma da moral, excluirão a primeira e pregarão a segunda, com aridez e seccura que petrificavão o coração.

Seus sermões só tinham de christão o texto, que recitavão no começo, para deixar depois no isolamento, como a epigraphie de um capitulo ou de um livro.

Emfim a pregação heterodoxa fez um terceiro passo e substituiu a polemica capciosa e a arida moral por preocupações exclusivamente terrestres, tirando da phisica, da medicina, da economia rural e da politica, assumptos para suas predicas.» (2)

(2) E' assim que vê-se, por occasião da festa de Natal, pregadores, á proposito do nascimento de Christo em um presépio, tratarem do melhor systema de nutrir os animaes.

Outros que, na 6ª dominga depois da Trindade, se occupão da cultura dos campos e conservação de pastos.

Outros emfim que se empregão á fallar da inoculação da vaccina e de outros assumptos identicos. Os que elevão-se hoje acima dessas materias, o fasem para se lançar nos campos envenenados da politica ou para subir ás nuvens do racionalismo.—Hoeninghau—*La Reforme contre la Reforme*, t. II. cap. X. Margotti—*Rome et Londres*. cap. X.

«Em nossos dias, diz um author protestante, (Marheineke, citado por Mr. Pavy) tem-se visto a industria, a hygiene, a politica, a economia rural e a policia servirem de assumpto no pulpito. . .

O *ministro* deve crer que preenche o seu fim e todos os seus deveres, fazendo no pulpito a leitura das ordens da policia. Elle deve em seus discursos, publicar receitas contra as epizootias, mostrar a necessidade da vaccina e pregar sobre o modo de prolongar a vida humana!» (1)

(1) Exemplo de pregação dos ministros protestantes.

M. Henri Ward Reecher, um dos *mais eloquentes pregadores* protestantes de New-York, assim fallou um dia ao seu auditorio:

Cada um deve tomar o maior cuidado de seu corpo, porque um homem sem corpo é como um canhão descarregado.

Si vosso corpo enfraquece, tudo deperece, é preciso que elle não perca seu vigor nestas circumstancias criticas. (Allusão á crise financeira que então reinava nos Estados-Unidos.)

Deveis estar attentos sobre a qualidade dos alimentos e sobre o repouso.

O somno é o alimento de vosso cerebro como a agoa o de vosso corpo.

Temos poços destinados á conservar a agua durante muitos dias, mas Deus dispoz a cisterna de nosso cerebro de tal sorte que não póde conte-la bastante para resistir 24 horas.

No caso em que algum de vós não possa dormir, deixe todo trabalho e entregue-se aos cuidados de um medico, porque, si não póde dormir, não está no caso de cuidar de si e menos ainda de seus negocios.

Quanto ao alimento, não deveis perder o appetite, porque perdestes dinheiro.

Si vosso corpo não póde comer, deveis dizer: *Quero que comas.*

Tomae alimentação abundante e escolhida e não arruineis vosso corpo, porque os negocios andão atrazados.

Acautelae-vos contra as excitações nervosas; si escaldaes o cerebro, vos assemelhaes á uma vela collocada em um candieiro ardente, a qual queima de um lado e derrete-se do outro.

Fallae pouco, porque o uso frequente da palavra faz mal. Não façaes de vosso erpírito um pente destinado á alinhar e alisar cada dia vossos negocios.

Quando deixardes á tarde vosso escriptorio, deixae ahi tambem vossas preoccupações, não as leveis comvosco e muito menos á vossa familia.

Como estranhar, depois disto, o desfalecimento das crenças no protestantismo?

VIII—Que differença entre estes *officiaes de moral*, probos e honestos, eis tudo, e os Chrysostomos, Augustinhos, Vicentes Ferrer, Franciscos-Xavier, Carlos Borromeus, Franciscos de Salles, Franciscos Régis, Bossuets, Bourdaloues, Bridaines e tantos outros!

Digamos mais: que differença entre esses homens *reservados, polidos, convenientes* aos olhos do mundo, que em realidade não lhes exige mais, e esses milhares de sacerdotes, de religiosos, de curas, de vigarios, que não sobem á cadeira sagrada senão para faser ao erro, á impiedade, ao vicio uma guerra de de todos os dias, uma guerra que se perpetua sem descanso e sem temor. Não teem outros rodeios alem dos impostos pela discripção evangelica e pela caridade christã!

E notemos o seguinte:—descendo da tribuna, o padre catholico é obrigado á viver no meio d'aquelles mesmos, cujas faltas elle estigmatiza, dos quaes elle recebe muitas vezes uma boa parte do pão quotidiano e sempre a sua consideração e repouso.

Donde vem pois esta differença? Um é casado e o outro não é.

Quando chegardes á casa, *tomai um banho; elle fará bem á muito d'entre vós.*

Multiplicae vossas recreações e procurae gosar, quanto possível, dos confortos da vida. *Amen.*

Eis ali o que é a pregação dos ministros casados.

Outro exemplo. M. Bolsh, tambem ministro, repetia, cada domingo, estas palavras: *Eat, drink and be married*, isto é, *comei, bebei e casae-vos* »

Margotti, *lug. citado.*

Tudo isto póe ser muito *pratico*, muito *hygienico*, muito *bom*, (?) mas em todo caso é improprio da tribuna sagrada, onde o representante da Igreja deve tratar de verdades mui serias, que dizem respeito á salvação de nossa alma.

Eis porque um limita-se á moral da *gente de bem*, e o outro proclama com independência e corágem, com gloria para Deus e honra para a Igreja, a sublime doutrina do Evangelho.

Resumamos:—Sem *tempo* para dar ás suas instrucções a preparação necessaria aos graves ensinamentos da Igreja; sem *recolhimento* preciso para repassar a sua palavra dessa uncção de ternura, de piedade e de amor, que deve sahir dos labios do representante de Christo; sem *independencia moral* para pregar todos os preceitos e conselhos evangelicos; sem a *authoridade do exemplo e da abnegação pessoal* para inspirar aos outros os sacrificios heroicos, para corrigir os vicios, ou para fazer fructificar a pratica das virtudes, a pregação, os ensinamentos e as doutrinas moraes e dogmaticas da Igreja catholica, expostas por um *ministro-esposo*, serão quasi sem effeito, e cahirão, por vezes, no ridiculo.

CAPITULO VI

O Padre é pastor: necessidade do celibato para o ministerio parochial.

I—Nos capitulos precedentes, consideramos o padre em algumas das diversas e importantes funcções que elle pode e tem á exercer, no interior mesmo do sanctuario.

Mostramos, tanto quanto podemos, a incompatibilidade que existe entre o exercicio independente, tranquillo, fructuoso e santo de cada uma destas funcções e a condição de um padre casado.

No presente capitulo, consideraremos o padre, não no interior do templo, mas na vida activa e laboriosa do cargo pastoral ou ministerio parochial. Nos dous capitulos seguintes, terminando esta segunda parte, consideraremos o padre, ainda além dos limites da sua parochia: no trabalho longinquo e penoso das missões.

Analysando estas duas ultimas phases da vida do sacerdote catholico, teremos provado que o padre, quer se o considere como MINISTRO— *no interior do sanctuario*, PASTOR—*nos limites da sua parochia*, ou APOSTOLO —*na vastidão do globo*, que o padre, digo, deve ser perpetuamente celibatario, para corresponder á sublimidade da sua vocação e para preencher, não simplesmente com honra, mas com zelo e fructo, a missão, tão elevada quão difficil, que lhe foi confiada pelo divino Mestre.

«Ha um homem em cada parochia, diz Lamartine, que não tem familia, mas que é da familia de todos; um homem que é chamado como testemunha, como conselheiro, ou como agente, em todos os actos sollemnes da vida; sem o qual não se póde nascer para a graça, nem partir deste mundo; que toma o homem no seio materno e não o deixa senão no tumulo, que abençoa ou consagra o berço, o leito conjugal, o leito de morte e o esquife; um homem que as crianças acostumão-se á amar, á venerar e temer; que os estranhos mesmos chamão *meu pae*, aos pés do qual os christãos vão depositar os seus pensamentos mais intimos, as suas lagrimas mais secretas; um homem que é, por estado, consolador das miserias da alma e do corpo, intermediario da riqueza e da indigencia; que vê o pobre e o rico bater alternativamente á sua porta: o rico para ahi depor a esmola, o pobre para a receber sem corar; que não sendo de ordem alguma social toca á todas as classes: ás classes inferiores pela vida pobre e muitas vezes pela humildade do nascimento, ás classes elevadas pela educação, sciencia e elevação dos sentimentos; um homem que sabe tudo, que tem direito de dizer tudo e cuja palavra cahe do

alto, sobre as intelligencias e sobre os corações, com a authoridade de uma missão divina e o imperio de uma fê acabada.

Este homem é o parochó !»

«Elle é, dizia Lamenais, pintando a missão do padre pastor, elle é, por dever, o amigo, a Providencia viva de todos os infelizes, o consolador dos afflictos, o defensor do fraco, o apoio da viuva, o pae do orphão, o reparador de todas as desordens e de todos os males que gerão as funestas dontrinas.

«Sua vida inteira não é mais do que uma longa e heroica dedicacão á felicidade do proximo.

«Quem consenteria trocar como elle todos os gosos, todos os bens, que os homens procurão tão avidamente, por trabalhos obscuros, deveres peniveis, funcções cujo exercicio rasga o coração, para não recolher muitas vezes outros fructos de tantos sacrificios, senão o desdem, a ingratidão e o insulto ?

«Ainda vos achaes mergulhados em profundo sono e já o homem da caridade, precedendo a aurora, recommçou o curso de suas beneficencias: visitou o enfermo, alliviou o pobre, enxugou as lagrimas do infeliz, fortificou o fraco, fortaleceo na virtude as almas perturbadas pela tempestade das paixões. Depois de um dia cheio de taes beneficios, chega a noite, mas não o repouso.

«Na hora em que o prazer vos chama aos espectaculos, ás festas, corre-se depressa ao ministro sagrado: um christão toca aos ultimos instantes; elle vae morrer e talvez de uma molestia contagiosa; não importa: o bom pastor não deixará morrer a sua ovelha sem acalmar suas agonias, sem cerca-la de consolações, de esperanza e de fê, sem orar ao Deus que

morreu por ella e que lhe dá, nesse instante mesmo, no sacramento do seu amor, um penhor seguro d'immortalidade.»

II.—Tão grande e tão bella missão do parochio ninguém preencherá tão dignamente como o padre celibatario.

O *padre-esposo* não será mais para si mesmo, e muito menos para seu rebanho.

Partilhado, como diz S. Paulo, entre o dever de agradar á Deus e o desejo de agradar á esposa, elle deixará de ser o homem do zelo.

Mais apegado ao solo que ao seu mandato espirital, elle succumbirá sob a influencia dos mais fracos poderes.

Isto será uma consequencia tanto mais inevitavel, *quando se considera que o casamento facilitaria a entrada no sacerdocio á espiritos, corações e caracteres menos elevados que os que se apresentam, certos do sacrificio de uma castidade perpetua.*

O padre casado enfraquecerá sob o peso de uma dupla obrigação:—a da familia e a do rebanho.

Muitas vezes não poderá preencher as de pastor embarassado pela esposa e filhos, que reclamão imperiosamente sua presença e seus cuidados conjugaes ou paternos, ao mesmo tempo que um dever parochial o chama á outra parte.

N'um dia casa-se uma filha; fizerão-se compras consideraveis; a toilette custou caro, foi preciso suar sangue para pagar uma despeza desde ha muito reclamada e talvez que nessa occasião a miseria venha a revelar-se. Poderá o padre fazer a esmola que a necessidade exige e que o coração inspira? Por certo não poderá. elle entretanto, que, por estado, é o pae dos pobres.

Tem-se necessidade de uma grande esmola para fundar uma escola, para reparar um hospital, para dotar uma orphã, para fazer uma boa obra, à qual todos concorrerão de boa vontade, si o pastor desse o exemplo; elle não poderá.

Mais ainda: O pastor, o parochó não tem hora sua. O seu relógio é a voz dos fieis, manifestada por uma dessas multiplas expressões chamadas necessidades espirituaes e temporaes: o peccado, a dor, a miseria emfim.

O pastor só póde dormir com licença do enfermo, mas o lampeão nocturno não deve extinguir-se-lhe à cabeceira. A morte não deve esvoaçar sobre o derradeiro arquejar do moribundo, sem que o Padre lhe presencie o golpe fatal, para com elle misturar a ultima benção do perdão e a influencia benefica da Igreja, projectando-se sobre o mysterio da eternidade.

Seja embora á meia noite e sob uma chuva torrencial reclamado o socorro do seu ministerio, o mensageiro da dor não deve bater duas vezes á porta do homem da caridade!!

Um tal padre não é chimerico. Elle existe em cada um sacerdote catholico. Si algum, por uma conducta menos pura, tem descido um pouco na escala da grandesa sacerdotal, nesses momentos solemnes, elle lembra-se da sublime missão que lhe foi confiada, sente inflammar-se-lhe no coração a chamma do zelo e offerece mais um exemplo da dedicação do clero.

III.—O que faria o padre-esposo em taes circumstancias ?

O que faria quando, chamado alta noite, ouvisse, de um lado, a voz do dever, da caridade, da consciencia, e do outro, a voz seductora da familia e da natureza ?

«O celibatario, diz o Padre Senna Freitas, só terá que lutar talvez um pouco com o travesseiro, que o convida á um somno, ao qual tem direito depois das fadigas do dia.

O casado, porem, terá que desunir-se dos braços da esposa, que despertar a cabeça amiga da companheira, que se reclina sobre o peito, no abandono do primeiro somno.»

E deixará ella seu caro esposo levantar-se á horas mortas, por um tempo frio ou chuvoso, no meio das ventanias, dos relampagos ou dos trovões, para correr atravez dos precipicios e ir ao socorro, não de um principe da terra, não de um rico do mundo, mas de um pobre de Christo, n'uma choupana longinqua ?!

Oh ! Não. Um padre casado não seria jamais bastante forte para resistir á opposição de sua esposa, nem esta assaz condescendente para consentir tal heroismo do marido (1) !

(1) Eis aqui o quadro, judiciosamente feito pelo Padre Marchal, do que succederia ao ministro casado em circumstancias identicas:

Eis aqui, diz elle, um bom pastor, cercado de sua esposa e filhos que vivem do pão e do vinho do altar. Bate-se á sua porta: Depressa ! depressa ! Sr. Padre, no fim da parochia um pobre homem está morrendo ! ou então: Depressa, depressa, a peste assola a cidade e os infelizes reclamão sua assistencia. O bom homem levanta-se e dispõe-se á partir; mas, eis que sua cara companheira e seus queridos filhos rodeião-no e dizem-lhe: Olha, *papae*, vae se jantar. Ou então: *papae*, a noite está tenebrosa, o tempo humido, os caminhos cheios de lama; tu vaes te constipar.

Demais, dizem que este pobre homem já lança máo cheiro, que tem o tifo, o cholera. *Papae*, por favor, acautela-te; que seria de nós si viesses á morrer ?

O bom pastor cede, embora não seja senão para obedecer á seu coração de esposo e á sua consciencia de pae. Eu não componho romance, continua o Padre Marchal, todos os elegricos casados ahí estão para attestar que isto é da historia.

E para melhor fazer comprehender esta verdade, elle accrescenta ainda: Corrião, dizem, os dias de Junho de 1848. Um ba-

Sem ousar estimagtisar os vícios, com medo de comprometter seus proprios interesses; sem poder occupar-se da donzella e orphã, temendo excitar terriveis ciumes, sem poder aproximar-se do moribundo que soffre de um mal contagioso, com medo de levar o contagio e a peste ao seio da sua propria familia, incapaz em uma palavra de sustentar esses grandes combates do zelo pastoral, á que ficaria reduzida a missão do parcho?

Aos actos menos laboriosos do culto, regulados talvez por uma cabeça feminil e, em todo caso, por conveniencias da familia.

Tal pastor seria mais um *parasita* do que o homem de Deus e da humanidade.

E' esta verdadeiramente a condição á que estão quasi exclusivamente reduzidos os pastores protestantes, sobre os quaes o inglez King nos dá o seguinte testemunho:

«Não foi pequena causa para infelicidade do christianismo, (lede:—protestantismo) diz elle, a permissão de casamento, concedida á nosso clero, porque succedeu o que deveria necessariamente acontecer, e o

talhão da guarda nacional de Paris recebera missão de defender um posto perigoso contra os revoltosos. Quando as ballas começaram á fusilar, o commandante deu a sua demissão sob um pretexto qualquer e .. escapuliu-se. O logar-tenente fez em breve como o capitão, e assim em seguida, de sorte que no fim de um quarto d'hora, não permaneceu no posto senão o *tambor*, mas o *verdadeiro tambor* com as baguetas em cima!

Nas occasiões perigosas um clero casado, poderia, em acto de bravura elevar-se á altura desse batalhão; que o depassasse, duvido.

Eu não ignoro os bellos exemplos de dedicação e de bravura que nos são dados cada'dia por certos militares ou medicos casados, mas estes homens, á quem rendo cordial homenagem, teem por estimulo a *honra* e a honra não é a unica virtude do sacerdote. (Marchal *L'homme comme il le faut*; art. le *prêtre*.)

que era facil prever: *desde essa epoca nossos ecclesiasticos não se occuparão mais do que de mulher e filhos!*»

IV.—Provemos, com alguns factos, o que acabamos de affirmar.

Estudemos o clero casado protestante, por exemplo, e o clero catholico celibatario, em occasiões solemnes em que os serviços de um e outro se teem feito sentir. Digamos depois, sem parcialidade, de que lado está o heroismo, o sacrificio e a dedicação.

Durante a guerra de 1776, o castello real de Winchester servia de prizão aos francezes, que a sorte das armas tinha feito cahir nas mãos dos inimigos.

Uma febre contagiosa tinha se declarado e grande numero delles já havia perecido.

Quasi todos os prisioneiros erão catholicos. Dous ou tres sacerdotes catholicos, existentes na cidade, assistirão os seus ultimos momentos

Havia, porém, no numero alguns protestantes que, por sua vez, reclamarão a assistencia dos seus ministros; que erão os curas e vigarios das parochias de Winchester, o diacono e todos os prebendarios do capitulo.

NENHUM D'ELLES, diz Cobelt, que narra o facto segundo o Dr. Milner, *nenhum* foi consolar os protestantes agonisantes. Por motivo desta culpavel indiferença, diversos corréligionarios recorrerão aos padres catholicos e morrerão convertidos. Os ministros por unica desculpa disserão:

«Como homens, não tememos a morte mais do que os padres catholicos, porém não podemos nos expôr a trazer o veneno do contagio ao seio de nossas familias.»

Eis ahí um facto que, em si só, encerra a historia do heroismo de um e outro clero.

Porém queremos pôr ainda em mais relevo a differença característica entre o zelo do clero casado e o do clero celibatario, no ministerio pastoral, pela leitura dos dous seguintes factos que servirão para terminar este capitulo.

Em quanto na Irlanda, como em toda a Europa, o cholera tornava-se o campo das victorias do clero catholico, e principalmente dos curas e dos vigarios, aos quaes está particularmente confiado o soccoro temporal e espirital dos fieis, o *arcebispo anglicano* de Dublin, o reverendissimo Richard, ousou publicar uma carta pastoral, para dissuadir os *cholicos* de sua communhão, de chamar á seu leito de morte os *ministros*.

Disia elle: «Não receio affirmar que um protestante, attacado de uma molestia contagiosa, é obrigado á não expor seu pastor á contrahir a molestia chamando-o junto de si...

Nosso dever, accrescenta elle, é pregar o Evangelho, ensinar aos homens a doutrina que elle encerra, avisar os que estão no erro, reanimar os tibios, fortalecer os fracos, *mas para preencher esses deveres, nada póde ser mais mal escolhido do que o leito de dor e sobre tudo o leito de morte.*

«O' povo, poderemos exclamar aqui com Mr. Pavy, comprehende, por esta linguagem cruel, de que interesse é para ti o ter sacerdotes que não sejam partilhados entre Deus e uma esposa, mas sacerdotes que te pertenção totalmente.

«Recusamos partilhar tuas alegrias, mas somos felizes de partilhar tuas dores e perigos.

«Não peças nunca o casamento de teus padres, elles não te servirão de nada!»

V.—Compare-se o procedimento do Clero casado, naquella circumstancia, procedimento sancionado pela authoridade de um bispo, com o seguinte acto de heroismo incomparavel do clero catholico celibatario, quando, no seculo ultimo, uma peste horriavel ameaçava a destruição completa da população de Marselha, em França.

O grande historiador, Monsenhor Jager, fallará por nós, para pintar este quadro tristonho, em que os horrores da peste só competião com a sublimidade do sacrificio do clero.

«Um navio fazendo escala do Oriente, diz Monseñor Jager, importara a peste na ilha d'If, perto de Marselha.

Era isso nos primeiros dias do mez de julho, e, em breve, o mal fez rapidos progressos em toda a Provença. Aix e Avinhão foram logo infestadas, e a morte penetrou até Mende.

Foi, porém, em Marselha, que o mal exerceu seu maior rigor. Nada mais commovente, do que o quadro sobre este assumpto, traçado pelo proprio bispo de Marselha, Mr. de Belzunce, perante a assembléa geral do clero, em 1723:

«Apenas a peste se fez sentir em Marselha, diz elle, a morte e a desolação espalharam-se por todas as casas e por todas as familias d'esta grande cidade, de sorte que *morriam diariamente mais de mil pessoas*. Não havia uma praça, uma rua, que, em poucos dias, não nos apresentasse montões de cadaveres em estado de putrefação, abandonados sem sepultura, por mais de quinze dias ou tres semanas, e convertidos, em muitas partes, em pasto de cães! O panico despertado por tal flagello e todos os sentimentos da natureza,

em pròl da propria conservação, não tardaram á impôr-se á todos os espiritos; de sorte que quasi todos os doentes eram lançados fôra de suas casas— os filhos pelos paes e os paes pelos filhos;—e assim abandonados, privados de todo o soccorro, jaziam no meio dos mortos, pelas ruas, convertidas simultaneamente em hospitaes infectos e medonhos cemiterios.

«N'essa desolação e n'essa de sordem geral, os habitantes, cheios de terror e de desanimo, tomaram, em vão, o partido de encerrarem-se em suas habitações ou de irem procurar no campo uma garantia á suas vidas;—até lá a peste os perseguiu !

«Foi então que, á despeito da profunda dôr que me retalhava o coração, *eu tive a inexprimivel consolação de vêr grande parte do clero, tanto secular como regular, d'esta cidade e do campo, voar á porfia em soccorro de nossos irmãos enfermos, repartindo com elles todos os seus bens, á ponto de muitos d'elles tomarem emprestado, quando esgotavam-se-lhes todos os recursos proprios, para assim consolar os pobres, cujo numero era immenso, percorrendo todas as partes, afim de assistirem os moribundos e administrarem-lhes os sacramentos, como si para elles só, nada houvesse á receiar, não os estorvando, nem o espectaculo horroroso do qual acabo de dar uma ligeira ideia, nem a previsão de uma morte terrivel e quasi certa, nem a perda de seus irmãos e companheiros de ministerio, dos quaes MAIS DE DUZENTOS E CINCOENTA, tanto seculares como regulares, pereceram n'esses dias de afflicção.*

Nada intimidou esses zelosos ministros do Senhor ! Nem um só abandonou o seu posto, nas perigosas funções que exercia, á não ser os que a morte obrigava á quedar-se.

Muitos d'entre elles, depois de haverem conseguido escapar á peste, eu mesmo vi, ainda em estado de convalescença, levados pelo ardor de seu zelo, sahirem de seus leitos, e apoiados sobre bastões irem se arrastando penosamente. para nos vir ajudar, no abandono geral em que nos achamos então, ouvindo comigo as confissões dos enfermos, sem se lhes dar do duplo perigo á que expunham a vida.

«Os mesmos rios, por mais rapidos que fossem, não poderam impedir o zelo de alguns religiosos da Província, os quaes, achando impedidas todas as passagens, vadearão-nos corajosamente para virem fazer-me companhia e acabarem seus dias no exercicio da caridade mais heroica.

Eis ahi, um exemplo, certamente digno de passar á mais remota posteridade!» Até aqui a narração de Monsenhor Belsunce.

«Estes pormenores espantosos, continua Mr. Jager, permitem-nos conjecturar todas as fadigas que o clero teve de supportar. quantos sacrificios á se impôr, durante um flagello cujas victimas excederem á cincoenta mil !

Porem, o que a modestia de Mr. de Belzunre o impedio de relatar, e que não é permittido passar em silencio, é que toda essa admiravel dedicação recebeu seu impulso principal, do zelo e das heroicas virtudes do bispo de Marselha. Longe de seguir os conselhos da carne e do sangue, elle permaneceu corajosamente no meio do seu rebanho.

Na maior força do mal, todos o viram, arcando contra todos os perigos, ir de casa em casa, levando em pessoa os soccorros da religião aos enfermos, distribuindo seus proprios recursos com todos os pobres,

e com sua santa e calma magnanimidade, animando á todos os que combatiam o mal.

A' cada dia, á cada momento, sua vida expunha-se á graves perigos, porem á Deos prouve isental-o do contagio, sem duvida porque entrava nos designios da Providencia conservar á essa desgraçada cidade, o seu intrepido paster, para não deixar esmorecer a coragem dos outros e para inspirar grandiosas empresas.

Não obstante tantos esforços reunidos, o mal não cessava, e ainda crescia em proporções nos mezes de Agosto e Setembro. Depois, ficou estacionario e não começou diminuir, senão depois de vindo o inverno, si bem que, até junho do anno seguinte, ainda attacas-se algumas pessoas.

Para applacar a colera divina e appressar o momento da liberdade, Monsenhor de Belzunce annunciou para o dia 1.º de novembro, consagrado á memoria de todos os santos, um procissão solemne.

Então todos viram esse magnanimo pastor marchar descalço, com uma corda atada ao pescoço e com a cruz nas mãos, em meio do seu povo, tão cruelmente desimado.

Tendo chegado á uma praça, junto á um altar ali erecto em pleno ar, o bispo subiu para celebrar os mysterios, e do alto de uma tribuna improvisada, passeando o olhar sobre a scena de desolação, que apresentava sua cidade episcopal, dirige á multidão palavras commoventes, que fizeram correr lagrimas de todor os olhos, e que foram muitas vezes interrompidas por dolorosos suspiros.

Aproveitando-se então, da emoção geral, elle consagrou Marselha ao Sagrado Coração de Jesus. Este acto foi logo registrado pelos tabelliães da cidade.

Desde o dia 7 de setembro precedente, os magistrados haviam feito um voto de levantar um hospital para os orphãos; ajuntaram, pois, á este voto, o de todos os annos ouvir a Missa no dia do Sagrado Coração, de offerecer por essa occasião um cirio com armas do cidade e de assistir, á noite, a procissão geral. Esta cerimonia, interrompida durante a revolução, rertabeleceu-se com a volta do culto catholico e pratica-se ainda mui ponctualmente em nossos dias.» (1)

Este facto só bastaria para dar uma ideia do que pode e do que faz o clero catholico celibatario.

VI—Si este não basta accrescentemos o facto seguinte, cheio de actualidade (e que nos toca de perto), relatado pelos jornaes «Civilisação» e «Paiz» de S. Luiz do Maranhão, (2)

Colhendo este documento não queremos de modo algum censurar a posição dos medicos d'esta cidade, cuja dedicação pessoalmente conhecemos. Acreditamos que esses illustres e humanitarios cavalheiros, livres do primeiro panico que por alguns instantes os intimidou, terão bem comprehendido o dever que a sua profissão lhes impunha por occasião de uma peste; não é pois o nosso intento censura-los. O que queremos é

(1) Jager, Hist. de l'Eglise cath. en France. Ha pouco tempo, com magoa e protestaço geral, forão prohibidas as procissões em quasi todas as cidades de França, sem exceptuar a do Coração de Jesus, em Marselha, que tinha por assim dizer um caracter official; mas ainda não cessou a primeira parte do voto—a offerta do cirio—feita senão pelos magistrados republicanos e radicaes, ao menos pelos dignos membros que ordinariamente compõem o tribunal do commercio de Marselha.

(2) Introduzindo no *texto* desta 2.^a edição este documento que demos em *nota*, na 1.^a edição, repetimos a mesma observação que então fizemos.

pôr em relevo a attitude que immediatamente tomou o clero, em prôl do beneficio espirital dos infelizes accommettidos na cidade pela terrivel molestia vulgarmente chamada -- *bexigas*.

Eis o facto:

--Lê-se na «Civilisação» (16 de Dezembro de 1882, nº. 121).

MEDICOS PARA BEXIGUNTOS.—Diz o «Paiz»:

«O Exm. Sr. presidente da provincia tem encontrado difficuldades para achar *um medico* que se queira encarregar do tratamento de bexiguntos.

«S. Exc. tem fallado á quasi todos os medicos residentes nesta cidade, e desses *apenas dous ou tres* disseram que *não duvidarião* prestar seus serviços.»

«Estamos em pleno dominio positivista. Aboliu-se a Moral christã, e agora só se falla em *altruismo, evoluções* e quejandas baboseiras. Pois o resultado de tudo isto é ter fugido a caridade do meio de nós, e vermos com pezar que da classe medica só dois ou tres individuos prestam seus serviços aos desventurados bexiguntos!

«Factos como estes não se commentam, entregam-se á publicidade como mais um documento irrefragavel da nossa decadencia moral.»

O «Paiz» de 28 de Dezembro de 1882, n.º 293 publica o seguinte artigo:

SOCORROS ESPIRITUAES.—Communicam-nos:

«Em um artigo, aliás bem deduzido, defendendo a administração publica de umas accusações que circulam, afirma-se que *o padre foge do leito do moribundo por causa do contagio*.

E' isto falsissimo. Nenhum sacerdote dos que estão exercendo o ministerio parochial se ha recusado a

prestar aos infelizes variolosos os soccorros espirituaes, com medo de contagio.

O governador do bispado foi além do que as circumstancias exigiam, conferenciou com os parochos e alguns padres da capital, e nelles encontrou não só animo decidido a cumprir as obrigações do ministerio, como tambem á desejo de auxiliar a administração publica no que fosse mister á bem dos bexiguentos.

O Revm, Sr. Dr. . . . , no character de governador do bispado, foi á palacio, e pedio ao Exm. Sr. Dr. . . . que os agentes do governo, encarregados de distribuir soccorros aos variolosos indigentes, fossem acompanhados dos sacerdotes por elle indicados, afim de serem offerecidos tambem por essa occasião os soccorros espirituaes aos que delles precisassem.

E assim ficou assentado.

No pulpito, por duas vezes, em grandes reuniões, declarou o governador do bispado que os padres estavam promptos á accudir com os Sacramentos, aos doentes, embora com perigo de vida.

Esta é a verdade, e senão, que appareça quem tenha procurado um só padre, encarregado do ministerio parochial, e se tenha elle recusado ao chamado. Os outros padres estão promptos á qualquer sacrificio, mas a regra é que os parochos e coadjutores serão chamados de preferencia, como immediatamente responsaveis pela administração, ao dos Sacramentos.

E' preciso nesta materia pôr as cousas claras. O governador do bispado organisou assim este importante serviço d'accordo com os padres.» Segue-se a distribuição do serviço,

Temos sufficientemente provado o heroismo pastoral do clero celibatario.

CAPITULO VI

O Padre é apóstolo: necessidade do celibato ecclesiastico para o heroico ministerio das missões.

I.—A Igreja de Christo recebeu a missão de pregar aos fieis e aos infieis, de conservar a fé dos que creem e de converter á fé os que não creem, e de chamar á luz da verdade evangelica as nações e povos que dormem nas trevas da ignorancia e da idolatria. *Illuminare his qui in tenebris et in umbra mortis sedent.*

Mas quem poderá, ao pé da letra, realizar o preceito dado pelo divino Mestre aos primeiros órgãos da verdade evangelica: « *Ide, ensinæ á todas as gentes, pregæ o Evangelho a todas as creaturas?* »

Quem? senão o clero celibatario ou sacerdotes virgens que, como os apóstolos, desprendidos de todo laço terrestre, não conhecem outro pae senão Deus, outra esposa senão a Igreja, outra familia senão a huma-

nidade, outros filhos senão os que forão por elles gerados na fê de N. S. Jesus-Christo ?

E' isto um facto. Ha desenove seculos, que a humanidade é testemunha da dedicação sobrehumana dessas myriades de missinnarios, regulares e seculares, que, desde os primeiros apóstolos até nossos dias, teem partido para todos os pontos do globo, afim de pregar aos infieis a fê de Christo.

Nem a fome, nem a sede, nem os ardores do sol abraçador dos tropicos, nem os gelos perpetuos das regiões polares, nem os caprichos dos povos, nem as vicissitudes da politica humana, nem a difficuldade dos idiomas, nem os mil incommodos de uma vida errante pelo bem das almas, nada os detem, nada os estorva, nada os intimida !

Feliz se julga o pobre missionario, quando, depois de longos annos de rudes fadigas e de duras privações, collocado à duas ou tres mil leguas de sua patria, forçado à curvar a cabeça ao ferro do algoz, pode tecer para si mesmo uma corôa immortal, entrelaçando, com suas desfallecidas mãos, a palma ensanguentada do martyrio com a flôr sem macula de uma longa virgindade !!

Eis aqui o que tem feito, ha 19 seculos, e o que fará ainda, até o fim dos tempos, o clero catholico, isto é, o clero celibatario, o padre virgem.

II.—Estará o clero casado, o *padre-esposo*, na altura de tão difficil missão, diante da qual parecem às vezes tremer os mais zelosos corações ?

Poderá elle consagrar-se inteira, espontanea e heroicamente à tão penoso e rude labor ?

Poderá o padre-esposo, com mulher e filhos, atravessar os mares, galgar montanhas, vadear os rios, explorar regiões inhospitas, penetrar nos desertos, embrenhar-se nas densas e sombrias florestas ?

Poderá elle, em uma palavra, com uma joven esposa, com tenros e innocentes filhinhos, entregar-se aos acasos, incertezas e vicissitudes de uma vida de missionario catholico ?

Disei-me, inimigos do clero, disei-me, antagonistas do celibato, seria possivel com mulher e filhos, esta incessante crusada contra a idolatria, já não digo durante 19 seculos, mas durante um seculo, durante um anno mesmo ?

Oh ! não ! ainda uma vez não ! o clero casado, por isso mesmo que elle o é, não pode fornecer esses heroes da christandade, esses exemplos sublimes de uma dedicação sobrehumana !

Partirá só ? Deixará a familia ? Não.

Que missionario casado, por mais firme e dedicado que fosse á causa da Igreja, poderia resistir ás lagrimas de uma joven e querida esposa, aos gritos de tenros e innocentes filhinhos, e aos suspiros emfim de uma extremosa familia, quando preciso fosse abandonar o lar domestico, para arrastar-se, através dos mares, até as brenhas das florestas selvagens ou dos areiaes ardentes do deserto ?

Qual teria coragem para ir, em terras longinquoas, defender a fé de Christo, em face de inimigos sanguinarios, estreitando contra seu coração e seu peito, e disendo um adeus, talvez eterno, á estes caros peñhoes da sua vida ?

III—Não ! Não ! Um padre casado *não pode*, e não poderá jamais, expor a vida pela evangelisação dos povos, porque a voz do sangue é sempre mais eloquente e os deveres mais proximos são sempre os mais fortes.

O coração do homem preso pelos laços do hymineu e da paternidade será sempre assás sensivel para col-

locar, entre si e os desterrados do Evangelho, que o chamão do fundo da Asia, dos mares da Oceania ou das florestas do Novo-Mundo, a imagem suave da esposa e a voz dos fructos da sua união.

Elle verá de um lado a fiel consorte, cara companheira de sua vida, banhada em lagrimas, e condemnada, com a partida talvez eterna do esposo, á viuvez antes da morte; verá, do outro, os filhinhos famintos acercando-se dos joelhos maternos e pedindo, em voz desfallecida, o pão que já talvez lhes falta !

Que fará o coração de um pae em taes transes ? O que fará ? deixará continuar os selvagens no paganismo e na barbaria, restituirá o marido á esposa e o pae aos filhos. Sacrificará, em uma palavra, o padre ao esposo, o sacerdocio á paternidade, os interesses de Deos, da Religião e da Igreja aos interesses da familia.

O celibato, isto é, a independencia de todo o laço terreno, é o facto unico, a rasão unica que, fortificada pela graça divina, pode explicar tal heroismo !

E se não vêde. Dae uma esposa ao grande Paulo e, á julgar humanamente, elle não teria atravessado, como conquistador, a Judeia, a Ásia Menor, a Grecia e a Italia. Jamais elle teria feito ecoar o seu verbo inspirado em Antiochia. em Jonia, em Lystre, em Corinto, em Cesaréa, em Athenas, para vir depois plantar, no cimo do Capitolio, a Cruz do Redemptor.

Dae esposa e filhos ao grande Xavier, heroe das Indias, e não o vereis transpor os mares para ir no Japão, nas Indias e na China, affrontando mil fadigas mil obstaculos e mil mortes, comprar, ao preço de seu sangue, esses milhões de almas, que elle ganhou á Jesus-Christo.

O que é também verdade, é que, para defender os postos ganhos e salvaguardar o rebanho formado, muitas vezes, é preciso mais energia, mais independência, mais coragem, mais abnegação e heroismo da parte dos ministros da Igreja, que guardão a praça e o povo fiel, do que ao missionario que, como general intrepido, vae attacar accompanhamentos longinquos, situados em solo estrangeiro.

Não é verdade que, no meio das nações mais civilizadas do mundo, tem arreventado essas horribes perseguições contra a Igreja e contra o clero, em que o unico meio de defesa é affrontar a morte ?

Quantas vezes os tyrannos coroados e os seus satellites algoses são mais barbaros que os proprios barbaros ?

Quantas vezes não tem sido preciso ao padre tingir os degraus do vestibulo do templo com o seu sangue de martyr, para impedir que mãos fascinoras profanassem o sanctuario do Deus dos Christãos ?

E essas invasões do poder civil na esphera das attribuições da Igreja, essas usurpações tyrannicas, que formão o programma de tantos governos de nossa epocha, não exigirão do clero uma constancia, uma firmeza e uma opposição legal pela defesa de Igreja ultrajada, defesa que todos e cada um de per si deve estar prompto á comprar com o preço do proprio sangue ?

Nem todos são destinados, nem chamados á missões longinquas, mas todos os sacerdotes são chamados, pela natureza mesma de sua vocação e do juramento que no dia da ordenação prestarão, á essa defesa e á essa resistencia, que é de cada instante.

Agora, pergunto, em casos taes, (que infeliz-

mente são mais frequentes do que se póde pensar), em casos taes, digo, essa independencia e heroismo, de que, somente o missionario parecia ter precisão, não serão igualmente necessarios á todo qualquer ministro do altar? Mas qual é o fundamento, a alma dessa independencia e heroismo senão o celibato, sem fallar do principio sobrenatural da graça divina?

II.—Collocae um padre casado entre a morte e a fidelidade ao seu posto, e ao seu juramento d'ordenação.

Que terriveis tentações!

Si elle apostasia, trahe sua consciencia e seu Deus; si elle morre, o quadro nós já vimos—: deixa, na miseria talvez, esposa e filhinhos, que propositalmente lhe são mostrados, uma ultima vez, atravez dosapparelhos do supplicio.

Que fará elle? será padre? será esposo? Terrivel alternativa, da qual está livre o sacerdote virgem.

Este pode, com independencia, sem cuidado de uma geração que ficará após si, affrontar a colera dos seus gratuitos algozes, a injustiça dos tyrannos e os attentados dos governos.

Quando lhe exigirem sacrificios que o comprometão, elle poderá bradar: *Non licet!* Poderá exclamar com o Apostolo: «Nem a vida, nem a morte, nem o presente, nem o futuro, nem a força, nem a altura, nem a profundeza, nem uma creatura, qualquer que seja, me separará do amor de Deus, que está em Jesus-Christo meu Senhor!»

Elle poderá ainda, como os apostolos, dizer com coragem «*Non possumus*»—, palavras sublimes que partidas um dia dos labios de Pedro e João, diante de um tribunal insensato, são com igual energia, ainda hoje,

repetidas pelos successores de Pedro no supremo pontificado, pelos successores de João no divino episcopado e por cada um dos pregoeiros da verdade evangelica, qualquer que seja o seu grão ou posição hierarchica.

Cada um delles poderá dizer: Antes cahir esmagado sob o peso dos golpes inimigos, que trahir os dictames de minha consciencia e profanar a santidade do deposito que me foi confiado.

III.—O padre casado, o ministro esposo teria tal firmeza de linguagem?

Não! Não! Longe disso! Em lugar de dizer: *Non licet*, elle dirá— *Amen, assim seja*, quando o submeterem ás exigencias tyrannicas.

Elle cahirá sob a influencia dos mais fracos poderes, aos quaes á não ousará contrariar, com medo de cahirem desagrado.

Não tem elle uma esposa á qual se deve? para que atemorisa-la? Não tem elle filhinhos? para que comprometter o seu presente e seu futuro?

Quererá elle deixar orphãos sobre a terra estes entes caros que lhe devem a vida?

Sim; digamo-lo pela terceira vez, para que os mais voluntariamente surdos o ouçam, quando o padre casado achar-se nestas circumstancias solemnes e supremas em que é preciso escolher, sem alternativa possível, entre o interesse temporal e o interesse eterno: entre o dever e a morte, sua escolha será bem depressa feita.

O amor dos seus fallará mais alto que o amor de Deus. Os gritos da familia serão mais poderosos que os gritos da consciencia. Elle temerá sacrificar sua posição e calcará aos pés seus juramentos. Em lugar de

olhar para os céus, elle olhará em torno de si. Recuará. Tornar-se-ha um transfuga do Christo, elle que deveria combatter nas primeiras fileiras. Immolará a Igreja, sem piedade, elle que era o seu defensor nato; e a causa de Deus ficará sem matyres.

Quem duvidará, depois disto, que o padre, qualquer que seja o seu posto, póde encontrar no correr da vida tropeços e escolhos, tão arriscados como os pode ter ao longe o missionario? A' ambos é dada a sorte de lutar, até a effusão do sangue e á morte, com a differença, porem, de que um terá á lutar contra *barbaros* selvagens e outro contra *civilisados barbaros*.

IV.—A historia ahí está para proclamar os factos e provar que uma luta não tem sido menos constante que outra, e tambem para attestar que o principio de força e de independencia, do *padre á porta do templo* ou do *missionario no meio das selvas*, é sempre o mesmo,—a *virgindade sacerdotal*.

Sem ella o clero seria vencido; com ella o clero luta; vence tudo e todos.

Crêdes, por ventura, que Gregorio VII tivesse resistido aos imperadores d'Allemanha, com coragem tão magnanima, si tivesse ao lado de si esposa e filhos, cuja vida fosse ameaçada? Não. A voz do pae teria abafado a voz do pontifice. Em vez de ser uma das glorias da Igreja, Gregorio não teria sido mais do que um bispo servo de um Estado usurpador.

Crêdes que o grande Chrysostomo, prezo pelos laços conjugaes, tivesse trovejado, com tão viril independencia, contra os vicios da còrte e desordens de seu tempo? Crêdes que elle tomasse por divisa as palavras: *clama ne necesses*? Não. O temor teria sellado os seus labios. Elle teria seguido os conselhos des-

sa *prudencia timida*, que repete sem cessar: que o seculo está profundamente enfermo, que é preciso tolerar, tolerar ainda, tolerar sempre, que ha tempos e tempos, que é preciso não comprometter a paz.... Elle teria receiado despertar a ira dos grandes, fasedo fallar os remorsos.

Credees que, com esposa e filhos, Leão Magno ou-sasse apresentar-se diante d'Attila para deter o furor do barbaro? Não. Elle temeria esse flagello de Deus. Pastor mercenario, elle teria vergonhosamente fugido e o rebanho seria devorado.

Credees emfim, que, com esposa e filhos, santo Ambrosio tivesse coragem de deter Theodosio, o grande imperador, à porta do templo, e de fazer-lhe expiar publicamente a matança de Thessalonica? Não. Longe d'isto. Com o amor que deve um pae á sua esposa e filhos, Ambrosio ficaria mudo diante da tyrannia imperial, receiando ser elle mesmo assassinado.

Sim vós bem sabeis, tão bem, talvez, quanto o clero, que o celibato é a alma de todo esse heroismo sublime, dessa nobresa d'alma que o mundo admira interiormente, embora recuse confessar.

V.—E si não pergunto: porque a autoridade temporal viu sempre com bons olhos as proposições tendentes à abolição do celibato clerical?

Porque na idade media tomava ella partido contra os papas em favor do clero incontinente?

Porque os Justiniannos, os Sigismundos, os Fernandos, as Catharina de Medicis, os autocratas do Norte, a alta aristocracia da Inglaterra e a Convenção quizerão o casamento dos padres?

Porque? senão porque elles sabião que um clero casado não teria nem força nem independência para

resistir-lhes e torna-se-hia, em breve, instrumento do-
cil de todas as vontades politicas? Seu interesse ma-
terial, o repouso e o futuro de sua mulher e filhos,
seus habitos de vida domestica são laços pode-
rosos, que ligão o padre ao seu emprego e fasem con-
vergir, do lado do poderes do seculo, sua ambição e
suas esperanças, com detrimento do serviço e dedi-
cação á Igreja.

O poder secular conhece tudo isto. Eis porque ad-
voga com tanto ardor a causa do casamento do clero.

E' verdade que os governos não confessão sempre
o motivo que os faz obrar. Pelo contrario, dissimulão
a verdadeira causa e parecem unicamente ter dô do
que elles chamão a infeliz sorte do padre.

Elles dão-lhe a entender que é um escravo, uma
victima, cujas cadeias é preciso quebrar.

Sob esta linguagem melliflua e seductora está oc-
ulta a mais profunda astucia. Esses crocodilos po-
liticos chorão para melhor enganar a presa. Fallão
em liberdade para melhor acobertar a tyrania.

O padre celibatario gosa da liberdade em grão su-
premo, o sacerdote casado pelo contrario não a co-
nhece.

O primeiro, guardando o seu coração acima da
fortuna e das aspirações humanas, obedece, antes de
tudo, á Deus e seu dever; o segundo obedece e cur-
va-se diante de Cesar e de todos aquelles sob cuja
dependencia o colloca a existencia presente e futura
de sua familia.

O clero casado é obrigado, para obter apoio e
protecção, á fazer-se humilde lacaio, d'aquelles mes-
mos á quem elle deveria impor admiração e respeito.

Na Allemanha, na Inglaterra, na Hollanda, na Sue,

cia, na Dinamarca, na Grecia, na Russia, o servilismo, a baixesa, a covardia, constituem a condição habitual do clero casado. (1)

Concluamos pois: Nos labores longinquos das missões ou no recinto do templo que lhe foi confiado; no meio dos bosques e dos desertos ou no centro das grandes cidades, onde a civilisação floresce; no meio de tribus selvagens e antropophagas, ou de povos governados segundo os principios da mais sã justiça, o padre nunca perde o seu glorioso titulo de *apostolo* e de *soldado* chame-se elle:—papa, bispo, vigario ou missionario.

Em virtude desses titulos cabe-lhe sempre o dever de sacrificar até a vida, antes de todos, para a defesa do deposito divino, para gloria de Deus, para edificação da Igreja, para salvação das almas; em virtude, pois, destes bellos e gloriosos titulos o padre deve ser celibatario.

(1) Doellinger, em sua obra *L' Eglise et les E'glises*, Marshalla, em seu livro— *Les Missions Chrétiennes*, o provão á saciedade.

As provas que apresentam, tiradas de factos incontestaveis, são de uma força esmagadora.

TERCEIRA PARTE.

Resposta ás objecções vulgarmente apresentadas
contra o celibato clerical.

CAPITULO I

Observações geraes.

Temos percorrido um caminho assaz longo.

O que havemos dito bastaria para provar a grandeza do celibato clerical e a sua necessidade.

Justifica-mo-lo pela tradição universal.—1^a. *Parte*.

Demonstramos a sua intima connexão e harmonia com as multiplas funcções sacerdotaes.—2^a. *Parte*.

Não era preciso mais, para por à salvo as leis da Igreja que o fazem obrigatorio ao clero.

Poderíamos nos deter aqui. Teríamos satisfeito nossos desejos, e dado materia sufficiente para esclarecer o espirito dos que tivessem duvidas sobre tão momentoso assumpto.

Mas, si para a sciencia e boa fé, que deverião presidir todas as discussões, é bastante o que acabamos d'expor, para uma outra ordem d'espiritos não se dá o mesmo.

E' preciso contar com o espirito de partido, com a incredulidade systematica, com a heresia, com o scisma e com os prejuizos de certos individuos, catholicos apenas por certidão de baptismo e de casamento. Esses não se contentão com as rasões que adduzimos, poderosas para espiritos rectos.

O celibato, que é uma instituição d'importancia capital, que repousa sobre motivos de ordem superior, não poderia escapar aos botes dessa classe de adversarios, que, descobrindo no celibato dos padres a condemnação de suas proprias paixões, attacão-no sem piedade.

Não é somente no terreno biblico e em nome da lei divina positiva, que elles attacão o celibato. Em nome da lei natural, em nome da sociedade e das leis economicas, em nome do Estado e das leis civis, em nome do individuo e da liberdade pessoal, em nome da moral, de todos os lados, enfim, atirão-lhe golpes tremendos, aos quaes, por certo, a causa do celibato não resistiria, se não fosse tão solidamente fundada.

Vejamos, pois, quaes são os objecções mais geralmente apresentadas.

Acabemos de justificar nossa doutrina, mostrando o nada das allegações desses adversarios gratuitos.

As objecções formigão, umas mais ou menos espicuosas e embarassantes, á primeira vista, outras mesquinhas e rasteiras, que o espirito menos esclarecido pode refutar.

Não nos embaracaremos com as segundas, que se

multiplicação ao infinito, de modo tanto mais enfadonho quanto são despidas de valor. Tomaremos, d'entre as primeiras, as que são de maior vulto, deixando outras, já para economisar o tempo que nos falta, já para não augmentar as proporções do nosso pequeno trabalho.

CAPITULO II.

O celibato não é contrario à lei divina positiva. Futilidade da objecção tirada das palavras biblicas: *Crescei e multiplicai-vos.* (Genesis, Cap. 1)

I.—A primeira objecção, que ordinariamente apresentam-nos, é a da pretendida opposição do celibato á uma lei divina positiva, dada pelo Creador aos homens, quando, no começo do mundo, disse ao primeiro par: *Crescei, multiplicae-vos, e povoae a terra.*

Esta lei é, segundo nosso adversarios, uma lei universal, que obriga á todos os homens, e portanto ao padre igualmente.

Os nossos adversarios invadem assim nosso proprio campo. Vem ferir-nos com as nossas proprias armas.

Toda a difficuldade baseia-se sobre a falsa e arbitraria interpretação do texto biblico. Determinado o verdadeiro sentido, o que é facil, desvanece essa objecção futil, mil veses repetida e mil veses refutada. Cerremo-la de perto.

II.—A lei da propagação da especie é uma lei geral, que obriga á todos igualmente, e portanto ao padre também, dizem os antagonistas do celibato.

Poderíamos primeiramente responder com S. Thomaz: que uns são os deveres da *multidão*, isto é, da sociedade considerada em globo, outros os deveres de cada *individuo* em particular. No primeiro caso, basta que o fim da lei seja preenchido pela *generalidade*, sem que cada individuo *singularmente* seja obrigado á tomar parte.

Assim, por exemplo, o exercito é feito para bater-se e guardar a paz; esta é a lei.

Entretanto, ha entre os soldados alguns que não veem o inimigo, ou não se battem; e isto sem infringir a regra. Uns levão o estandarte, outros, guardão as bagagens; o forte do exercito se bate. Cada um no seu posto faz o officio de soldado.

Applicando a distincção á nossa questão, podemos dizer: Que Deus tenha *em geral* destinado o *homem*, isto é, a humanidade, ao casamento ou a reproducção da especie, é uma verdade incontestavel; que elle tenha destinado *cada homem, em particular*, e portanto os padres também, ao matrimonio, ninguem o pode affirmar sem cahir em um erro grosseiro.

Expliquemo-nos.

III.—A *humanidade* tem diversas funcções á preencher.

A *humanidade* tem por dever cumprir cada uma de suas funcções, para poder attingir o fim que lhe foi dado pelo Creador.

Mas, si a *humanidade* não deve esquecer nenhuma das *funcções geraes* que tem á preencher, *cada homem* em particular não é obrigado, nem pode concor-

rer do mesmo modo, para o cumprimento de *cada uma* dessas *funções geraes*. Quando mesmo elle quizesse não o poderia, já por falta de tempo, já por falta de aptidão. O homem não possui senão uma certa medida de força quer phisica, quer intellectual. Desde que elle applica suas faculdades ao estudo de uma sciencia ou de uma arte, é obrigado á renunciar o estudo serio das outras sciencias e das outras artes, sob pena de não saber nenhuma, si entregar-se á todas.

Mas, si um só homem não pode se occupar de todas as cousas, todos os homens não devem, nem podem, se occupar de uma só cousa, nem abraçar a mesma carreira. Seria contrario á harmonia universal, nem Deus o permittirá jamais. Foi por isso que variou as vocações. Si, na verdade, todo homem se entregasse ao mesmo genero de trabalho, haveria, ao mesmo tempo, superabundancia e escassez, excesso e carencia.

Cada um devendo preencher uma função particular, á cada um compete reflectir, consultar-se, interrogar-se e estudar os designios de Deus sobre si mesmo, e examinar se é chamado á ser militar, magistrado, artista, lavrador, medico ou outra qualquer cousa.

IV.—Estabelecidos estes principios, argumentemos assim:

—Que a *propagação da especie* seja uma *função geral* da humanidade, é incontestavel—; mas que a humanidade tambem tenha por função, e, função principal, *honrar a Divindade*, rendendo-lhe culto, é tambem uma verdade mais que incontestavel.

Que essa função, a mais sublime, a mais nobre e tambem a mais rigorosa de todas, deva ser

cumprida por certos *homens especiaes*, que se dedicam á isso de um modo particular, em nome de seus semelhantes, é uma verdade não menos certa; pois assim como não se encontra povo sem religião, assim também não se pode citar uma religião sem uma *ordem de sacerdotes*.

—Ora que o sacerdote não possa preencher dignamente as altas, multiplas e difficeis funcções, ás quaes é chamado, sem renunciar ás funcções diversas que teem por objecto o mundo presente, e podem embaraçar os deveres do seu estado, é uma consequencia que decorre dos principios demonstrados na primeira e segunda parte deste livro.

O que resta pois a concluir senão que aquelle que é chamado ao sacerdocio deve, para não se dividir, renunciar á todas as outras funcções ?

O que resta á concluir senão que elle deve renunciar particularmente aos laços conjugaes, tão litteralmente oppostos ás obrigações sacerdotaes ?

O que resta á concluir senão que Deus, querendo que tenha na humanidade homens que se casem, quer também que haja homens que não se casem ?

O que concluir senão que o casamento é, como diz S. Thomaz, um dever para a *especie*, sem o ser para o *individuo* ?

O que concluir senão que o celibato não é contrario á *supposta lei universal*, dada no começo do mundo ?

Deste modo estaria respondida a objecção, dada mesmo a hypothese da existencia de uma lei universal, divina e positiva, destinando a humanidade ao casamento.

Bem longe, porem, estamos de admittir a hypothese. E senão vejamos.

V.—Será verdade que o texto em questão encerra uma lei divina, obrigando todos os individuos ao estado conjugal?—Não.—

Feito o primeiro homem e a primeira mulher, diz-nos o texto sagrado que Deus os abençoou e disse-lhes:—*Crescei e multiplicaes, povoae a terra. Benedixit illis Deus, et ait: Crescite et multiplicamini, et replete terram* ¹.

Será isto uma lei? ou antes, o dom de fecundidade concedido solememente à nossos primeiros paes? Não será uma benção solemne?

—Elle os *abençoou*—*Benedixit illis*,—diz o texto. Eis o fundo da scena. Disse-lhes: *crescei e multiplcae*. Eis expressa a forma da benção, que alem disso não limita-se aos fructos do matrimonio,

Escutae, com effeito, a continuação das palavras pronunciadas nessa circumstancia:

«Crescei e multiplicaes, povoae a terra e submettei-a. Dominae sobre os peixes do mar, sobre as aves do Céu e sobre os animaes que se movem na terra. Eu vos dei em alimento todas as hervas, que na terra dão semente, e todas as arvores, que conteem em si o germen de sua especie.»

Porque destacar deste texto duas palavras, para faser dellas um preceito, e deixar em voluntario esquecimento, todo o resto, que não é menos preciso, nem menos claro?

Si é uma serie de preceitos, que contem esta passagem do Genesis, diz, com muito criterio, Monsenhor Pavy, *eis cada individuo obrigado á dominar sobre os peixes do mar, sobre os animaes da terra e sobre as aves*

Genesis.—Cap. 1, v,- 28.

do Céu. Cada um obrigado á passar a vida na caça ou na pesca! Será também preciso que cada um coma de todas as hervas e de todos os fructos da terra?»

Si a segunda parte do texto se deve tomar no sentido moral, porque não se fará o mesmo com a primeira parte? Para que arbitrariamente dividir, sem necessidade alguma, um texto das Escripturas para dar-lhe dous sentidos differentes, onde claramente se vê não existir mais que um só sentido!

VI—Vede agora, vós que diseis que todos são, por uma lei divina, chamados ao matrimonio, vede as bellas consequencias, para não diser os desastrosos excessos, que decorrem de vosso paradoxo!

Si o casamento é obrigatorio para todos, segue-se que é *um dever para cada um em particular* multiplicar a especie, desde que o pode. Não o faser é um crime de lesa-humanidade. Segue-se que todo ser humano deve se casar, desde que é nubil, isto é, muito tempo antes de ter a força e madureza necessarias para sustentar e dirigir uma familia. Segue-se que todos os esposos são obrigados á ter tantos filhos quantos lhes é possível.

Segue-se que todo o que, por uma ou outra razão, não puder ou não quizer contrahir matrimonio, deverá recorrer ao concubinato, para obedecer á grande lei da reproducção incessante da especie.

Segue-se que os esposos, por longo tempo separados, deverão durante a ausencia, concorrer para o desenvolvimento da especie, com desprezo da fidelidade que reciprocamente jurarão.

Segue-se que todo viuvo ou viuva deverá se casar, o mais breve possível, para obdecer á grande lei promulgada no começo: *Crescei! multiplicaee!*

Em outros termos segue-se a destruição total das leis da familia, e com estas as sociedade e as do genero humano todo inteiro.

VII—Mais ainda: si o casamento é d'obrigação para todos, porque Abel, justo e querido aos olhos de Deus, morre virgem, sem ter por isso merecido o castigo, que lhe deveria ser entretanto infringido, como primeiro infractor da lei?

Porque os grandes prophetas, cujos nomes citamos na primeira parte, guardaram a virgindade e mereceram tantos privilegios da parte do Senhor?

Um exemplo mais alto e mais illustre ainda, pois é divino: porque Nosso Senhor Jesus-Christo quiz nascer de uma virgem?

Porque quiz elle mesmo ficar virgem, elle que era o primeiro á dar o exemplo á todos os que querião praticar a perfeição das virtudes; elle que foi, em tudo, o mais exacto cumpridor das leis e vontades de seu Eterno Pae?

Dir-se-ha, por ventura, que todos estes exemplos são culpaveis infracções da lei universal do casamento?

Dir-se-ha, por ventura, que todas as almas puras, que renuncião ao matrimonio para se dedicarem exclusivamente ao estudo da verdade, á fim de empreender viagens perigosas e longinquas para salvação dos povos e dilatação do reino de Deus, dir-se-ha, por ventura, que taes almas são rebeldes ás ordens do mesmo Deus cuja gloria procurão?

Não queremos ouvir disparates e blasphemias.

E' com effeito para admirar que não se possa attacar o Christianismo, sem attacar o senso commum e ferir o que ha de mais puro, santo e immortal sobre a terra.

Não é realmente um dos mais bellos titulos da Igreja catholica que não se possa condemna-la, sem condemnar ao mesmo tempo tudo o que ha de mais sagrado?

Demos o ultimo remate á questão.

VIII—Supposto mesmo que o texto sagrado constituisse um preceito de se casar, então que se tratava de povoar o mundo, um tal preceito teria, ainda hoje, razão de ser?

Não será antes o celibato, nas circumstancias actuaes, uma das instituições destinadas pelo auctor da natureza á fazer o contrapeso necessario ao impeto dos instinctos e das paixões do homem? (¹)

E si não, vede a differença dos ensinados dados pela revelação no começo do mundo e no estabelecimento do Christianismo

Nos primeiros tempos Deus disse ao homem: «*Crescei, multiplicaee*». Então tratava-se de povoar o universo. Depois de quatro mil annos, porém, o mundo não tendo mais precisão dessa propagação sem limites, outras palavras bem differentes partirão dos labios do Filho de Deus. Longe de dizer aos apostolos: *Crescei, e multiplicaee*», elle disse-lhes: «*O que deixar por amor de mim mulher, filhos .. receberá o centuplo neste mundo e a vida eterna no outro.*»

Parece que, de proposito, nossos adversarios esquecem taes exortações, que de certo não se dirigem senão á almas d'escolha: *Qui potest capere, capiat.*

IX—*Conclusão*: Si uma lei póde affectar a *multidão* em geral, sem affectar o *individuo*, em particular; si o texto allegado deve se entender no sentido *figurado* e não no sentido *litteral*; si são *desastrosas as consequencias* de sua interpretação litteral como obri-

gatoria para sempre; si dada mesmo a *hypothese* de que a passagem citada contivesse um *preceito*, este não tem mais razão d'existir; si Jesus-Christo o derrogou com seus exemplos e doutrinas, segue-se que é falso existir uma *necessidade moral*, procedente de uma lei que obriga todos os homens ao estado conjugal, assim como provaremos adiante ser falsa a supposta *necessidade physica* do matrimonio, exigida pelas leis da natureza animal.

Logo o sacerdote, o padre catholico, os religiosos e religiosas, e todos os que abração por amor de Deus o celibato podem, sem fazer injuria ás leis divinas, sem contradizer as sagradas Escripturas, sem desobedecer as ordens do Creador do mundo, abraçar livremente esse estado.

X.—Não podemos, terminando este capitulo, furtar-nos ao prazer de transcrever aqui um trecho da obra—«No presbyterio e no templo»—do distincto padre Sena Freitas. Esse trecho resume, de modo judicioso, toda nossa argumentação.

O illustre sacerdote tão vantajosamente conhecido pelos seus talentos e virtudes, pela sua amenidade de linguagem e pelo fino espirito de satyra, que tão opportunamente sabe empregar, narra um dialogo, que entre si e um engenheiro teve lugar, de viagem ambos de França para o Brasil.

Para mais nos interessar essa passagem, formemos o scenario, segundo a propria narração do missionario:

« Não haverá ainda muito tempo, diz elle, viajava

(1) Vede as outras provas desta verdade, no cap. VII desta III Parte.

eu de conserva com um engenheiro distincto, que se dirigia pela segunda vez de França ao Brasil.

«Era baixo, gordo, louro de figura, d'olhos garços, testa abaulada, supercilios salientes, e coma espessa. Rasava-lhe o nariz um bigode estufado, de dous centímetros por banda, que por força teria pertencido á algum zuavo, se não fosse bem de raiz. Tinha o andar *maciço*, o verbo abundante e o todo concentrado e mysterioso de um homem que só se empresta, mas nunca se dá, ou que só se dá á retalho, mas nunca por atacado.

«Se o rosto é exemplar vivo da arte de verificar as datas, este homem não podia ter menos dos seus 45 annos contados. (A's vezes os desmandos moraes escrevem-nos no rosto com orthographia errada.)

«Eu trajava batina. Este traje porem, longe de afastar o meu engenheiro, pelo contrario m'o attrahiu.

«Os individuos que nos ladeavão erão portuguezes ou brasileiros, meus conhecidos. Pelo vistuario o engenheiro tomou-me por um patricio seu. Esquecia-me diser que era francez. Os francezes precisam de fallar como de respirar ou de comer.

«Alem disso o homem tinha uma tendencia pronunciada para metter o seu bedelho em questões religiosas. Entendeu que não podia encontrar ninguem mais disposto á tal assumpto do que eu e dirigiu-se á mim com a mais rigorosa cortesia:

«Que queria em ultima analyse o interessante desconhecido? ter apenas com quem taramelasse na sua lingua, tomar o pulso ás minhas convicções e entabolar uma conversação puramente de *debique*? não sei. Sei que me interrogava sobre um assumpto ecclesi-

astico, que sua interrogação podia nascer do desejo sincero de se instruir ou pelo menos, que as minhas respostas são mais ou menos capazes de corrigir os seus preconceitos, e de fazer bem á uma alma, que a Providencia punha em contacto com a minha, atravez d'uma viagem d'algumas horas, (no caminho de ferro para Bordeaux.) Isto devia bastar á um padre.

«Entre nós, pois, travou-se o seguinte extenso dialogo. O assumpto escolhido pelo engenheiro foi o *ce-libato ecclesiastico*.»

Aqui começa o dialogo, onde, depois de varias objecções principalmente tiradas da constituição phisica do homem, o engenheiro, já desconcertado, por ser levado sempre de vencida, passa deste modo á objecção que acima refutamos:

«*Engenheiro*.—...Que me importa a lei natural, que V. Rev^{ma} interpreta d'um modo e eu posso interpretar d'outro, quando existe uma lei positiva que prescreve á todo homem, e por tanto ao padre igualmente, o matrimonio ?

O Padre.—Ignoro semelhante lei e folgo muito de conhece-la.

E— O clero finge na verdade ignora-la, porque não tem outro remedio; mas essa lei não pode ser mais clara. Embora os estudos theologicos ou ecclesiasticos não sejam a minha especialidade, tambem tenho a minha Biblia, e tambem a leio...

P.—Teremos por ahi alguma Biblia feita á imagem e semelhança da religião de Luthero ?

E.—Não senhor; é a Biblia tradusida em francez por Carrière, cujo nome lhe deve ser conhecido.

P.—Muito bem. Excellente traducção.

E.—Pois lembro-me perfeitamente de ter depara-

do nas primeiras paginas desse livro este preceito formal, pronunciado por Deus sobre toda a humanidade: «*Crescei e multiplicae-vos*». Não pode conceber-se nada mais explicito, nem mais absoluto.

Ora, os homens não teem o direito de abrogar o que Deus estabeleceu e decretou, quer esses homens se chamem governo, ou Igreja.

P.—E' para sentir que tendo V.^a S.^a decorado tão bem esse texto do *Genesis*, não o decorasse por inteiro, aliás as suas proprias palavras seriam a resposta sufficiente á objecção que acaba de me fazer. Adiante dos dous versos:—*crescei e multiplicai-vos*,— está est'outro:—*e povoai a terra* (1) O fim da ordem divina era pois, que a terra se povoasse; povoada ella, como de ha muito se acha, cessa o fim d'essa ordem. Relativamente às idades futuras, as palavras citadas significam apenas *uma benção e nãa um decreto*. O texto que V.^a S.^a trouxe á terreiro, já o tem sido á miudo, pelos impugnadores do celibato, mas é celebre que sempre supprimam a parte por onde o texto *faz agua*.

E.—E porque não significarão as palavras do *Genesis* um preceito imposto á toda a humanidade, at ao fim dos tempos ?

A lei divina em questão não é mais necessaria para a população da terra, do que para a conservação d'essa mesma população.

P.—Mas para esse fim já *não era mister que fosse imposto á cada membro da sociedade em especial*, como ha pouco dissemos, aliás *todo o homem ou mulher celibatarios estariam em flagrante contravenção com o referido preceito, e seriam obrigados á casar-se, mesmo*

(1) *Genesis*.—cap. I, v. 28.

apesar da sua posição extraordinária, ou de sua profissão por de mais agitada, para que possa fazel-o, ect. Não sei se o meu amigo está n'este caso, mas em razão de sua vida viajora, não me admiraria que...

E.—Advinhou, como se soubesse. Ainda sou solteiro, com quanto pretenda casar-me em breve (e retorceu o bigode com força). O argumento não podia ser mais *ad hominem*.

Pois eu cá (disse um velho brasileiro, em mau francês) nunca me casei. Fui marítimo até a idade de 60 annos. Agora que já vou roçando pelos meus 73, nem a natureza mencoto'ne mais.

(Eu não podia deixar de aproveitar o ensejo.)

P.—Peço-lhe que note, meu doutor, como n'um wagon, onde se acham cinco pessoas, uma não é casada, porque ja não o póde, é este senhor brasileiro; outra não o é, porque não o poudé ainda, é V.^a S.^a; outro não o é, porque não o quiz, sou eu. Quantos refractarios á lei !

E.—Por mim não declino a culpabilidade, mas pretendo emendar o erro (e todos nós sorrimos).

P.—Tranquillise-mo-nos, meus senhores. Nenhum de nós é, penso eu pela libeldade de exame, de protestante descendencia. *A legitima interpretação d'um livro obscuro, como é a Escriptura Sagrada, no proprio dizer de S. Pedro Apostolo e de santo Agostinho, o genio de Hypona, não pode ser confiada ao senso privado ou ao livre exame de cada um. Teriamos paralogismo entre nós 150 variações religiosas, como o notaram Bossuet e outros escriptores, na reforma lutherna. Portanto, os interpretes, para assim diser, officiaes e unicos genuinos da Ecriptura, são os santos Padres; são os auctores ecclesiasticos reconhecidos pela mesma Igreja.*

Todos os interpretes ou glosadores do Genesis, tomam as palavras «crescite et multiplicamini» no sentido de uma benção pronunciada sobre todo o reino animal, (não só sobre o homem) e nunca como um preceito propriamente dito, nem como uma necessidade imposta.

Deus não está em contradição consigo mesmo, e Jesus-Christo, o Homem Deus e o Homem-Modelo, foi célibe toda a vida.»

CAPITULO II

O celibato não é contrario á natureza humana.

I.—Deste modo rechaçados de um terreno, onde os nossos adversarios ordinariamente podem apenas andar de mulêtas, não lhes resta senão arrear bandeira e tocar retirada, pagando caro a temeridade de vir respigar sem licença em um campo alheio.

Mas nada seria si os nossos inimigos gratuitos limitassem a sua ousadia á taxar de contraria á lei divina a disciplina ecclesiastica do celibato.

Bom seria si suas declamações não excedessem ás raías de uma ignorancia crassa da Biblia ou de uma caprichosa affirmação, solemnemente refutada por uma exegése simples e imparcial.

Mas não é tudo. O furor insano em destruir a obra de Deus, si é isso possivel, a furia implacavel em desprestigiar as cousas divinas, o odio sangrento dos inimigos da Igreja em abater uma instituição, que

ergue-se como monumento eterno de condemnação contra seus vícios, não pára aqui. As suas objecções vão além.

Prosigamos pois, sem receio, nossa marcha e ataque-mos a objecção que é, para servir-nos de uma expressão vulgar, o cavallo de batalha de nossos adversarios, isto é, *saber si o estado celibatario é ou não contrario ás leis da natureza.*

No capitulo precedente, respondemos á objecção tirada de uma *lei divina*, supposta *positiva*, que obriga todos os homens ao casamento. A que agora se nos apresenta é feita em nome da *lei natural*. A differença entre uma e outra, como já dissemos, é que a primeira suppõe uma *necessidade moral*, imposta por uma lei divina universal, e a segunda uma *necessidade phisica*, imposta pelas exigencias da natureza.

Antes de responder directamente á objecção, perguntaremos primeiramente, quem terá direito de julgar em tão importante materia? quem poderá ser juiz nesta delicada questão? o homem que nunca fez esforços contra si mesmo, para destruir o velho fermento da concupiscencia, ou as almas grandes, nobres e generosas, que combatem nas lutas difficeis e constantes da virtude? Respondão os espiritos rectos e imparciaes.

II.—Dito isto, descamos mais ao intimo da questão. *O celibato é contrario ás leis da natureza humana*, dizem nossos adversarios.

Distinguimos. Si por estas palavras:—*o celibato é contrario ás leis da natureza*—entende-se que o celibato é, por vezes, uma virtude que exige verdadeiro heroismo e uma luta real contra os instinctos de uma natureza degradada desde o peccado do primeiro ho-

mem, *passé*; si pelo contrario, como é intenção de nossos adversarios, estas palavras—*o celibato é contrario ás leis da natureza*— significão que o instincto material, que impelle o homem ao casamento, é de tal modo *irresistivel e absoluto* que o celibato é *impossivel*:—

Subdistinguímos: o celibato é impossivel ao homem puramente material, ao homem considerado como simples bruto, sem ideia do bem e da virtude; impossivel ao homem despojado das faculdades superiores da sua alma, desprovido da graça divina, *concedo*. O celibato é impossivel ao homem, ente racional, dotado de uma alma immortal, ornada de faculdades naturaes superiores, impossivel ao homem auxiliado e fortificado em suas faculdades naturaes pelo celeste soccorro da graça divina, *negamos*.

Ora, os padres consagrando-se ao celibato, e a Igreja, sancionando esse sacrificio, não contão senão com o auxilio infallivel da graça divina; logo, supposto mesmo, por absurdo, que o celibato seja contrario ás leis da natureza, o que é absolutamente falso, como abaixo provaremos, o celibato dos padres não seria impossivel.

III—Os nossos adversarios não vêem no homem senão a parte animal. Suppoem-no escravo de todos os seus órgãos como os outros animaes.

Partindo deste principio, radicalmente falso, chegão á conclusão que o celibato é impossivel. Ora nada mais absurdo.

A Philosophia, a Theologia e a Religião á isto se oppõem.

Com effeito, a *Philosophia* nos ensina que no homem, como obra prima da creação e como imagem do Creador, ha duas naturezas á distinguir: a

natureza espiritual, que traz o sello da semelhança divina, e a *natureza animal*, que o liga ás outras partes da criação visivel. E' isto o que se chama a *alma e o corpo*.

A alma, a parte espiritual do homem é que dirige o corpo. Ella é, por assim dizer, o homem. O corpo não é mais que o seu instrumento.

Eis porque S. Agostinho poudes definir o homem: — *«uma alma racional tendo á seu serviço um corpo terrestre e mortal»*

Pois bem, si é verdade, como todos concordão, que o accessorio segue o principal; si é verdade, como ninguém contesta, que a materia é inferior ao espirito, é evidente que o ser material no homem deve ser subordinado ao ser espiritual.

Não é a alma quem deve submeter-se aos instinctos baixos, ás exigencias desregradas do corpo. E' o corpo quem deve obedecer e prestar-se ás aspirações nobres da alma, que não deve transformar-se de soberana em serva.

Ora, por mais forte que se possa imaginar no homem, esse instincto que o convida á união conjugal, é certo que esse instincto não vem senão da natureza material. Mas esta é sujeita á natureza espiritual. Logo esse instincto pode ser dominado.

E assim como a repetição dos actos ruins crea e reforça o vicio, extinguindo os derradeiros sentimentos púdicos do coração, assim tambem os actos repetidos de virtude e os esforços de um ente, que sente-se com faculdades superiores, debilitão e extinguem em nós a tendencia mais ou menos desenvolvida, que possamos ter para o mal, e facilitão este predominio da parte espiritual sobre a parte animal.

Por causa do peccado original, este dominio e supremacia da alma sobre o corpo foi enfraquecido. No estado actual de nutreza decahida, a alma com suas faculdades não poderia chegar, entregue às suas proprias forças, senão á esse grão bem limitado de uma *virtude humana*, que consisteria na simples abstenção material do acto impuro, (o que é bastante para provar que o celibato não é contra a natureza.) Mas, alem de que essa supremacia não foi destruida, accresce que si em seus combates pela virtude a alma não se sente assaz forte para resistir às exigencias depravadas de uma natureza corrupta, ella tem em seu auxilio a graça divina, que a fortifica e que a torna capaz, não já de uma virtude puramente humana, porem das mais sublimes *virtudes sobrenaturaes*.

IV—E' a Religião quem nos ensina, por meio da *Theologia*, que lá onde cessão as forças naturaes, e não pode mais a creatura humana, começa a acção e pode ainda a graça de Deus.

E Deus, que tanto ama os sacrificios feitos por seu amor, nunca recusará sua graça á creatura, que luta para estreitar os traços de semelhança que tem com seu Creador.

Ora, si ha um sacrificio, verdadeiramente agradabilissimo aos olhos de Deus, é certamente a virgindade abraçada por seu amor.

Sem ser contrario ás leis da natureza, como abaixo provaremos, esse sacrificio é duro e penoso aos desejos do homem animal; mas, para a producção deste resultado heroico, a virtude de Deus, isto é, a *graça* une-se á cooperação do homem, que é a correspondencia á graça. Estas duas forças unidas, da creatura que se sacrifica e de Deus que a vivifica, tornão

possivel aquillo que á olhos puramente humanos parecia impossivel.

Sim; a *graça de Deus unida ao esforço pessoal*, eis o grande segredo dos castos combates. A graça não tolhe a acção nem a liberdade do homem. Eis ahi porque, mesmo com o seu auxilio, o combate contra os instinctos baixos da natureza não deixa de ser difficil. E' porem nesta luta que consiste a virtude.

E' preciso, por certo, para tal dedicação, corações *generosos*, mas esses corações se encontram e a Igreja os consagra sacerdotes e virgens.

Tomae homens que *contão consigo mesmo* e delles não fareis jamais celibatarios virtuosos. Escolhei porem *homens de vocação*, que *orem*, que *vigiem* que *confiem em Deus* e tereis celibatarios virtuosos.

Sim a *graça de Deus*, repito, unida ao esforço pessoal, eis o grande segredo dos castos combates.

E' essa a doutrina de S. Paulo, em um texto maravilhosamente adaptado á este assumpto.

«Receiando, escreve elle aos Corinthios, receiando que a grandesa de minhas revelações viesse ensoberbecer-me, o *aguihão da carne*, me foi dado para fustigar-me. Trez vezes pedi ao Senhor que delle me livrasse e o Senhor me disse: *Minha graça te basta, porque a virtude se aperfeicoa nos soffrimentos.*»

Eis todo o segredo: «A *graça de Deus me basta. Elle é fiel e não permitirá jamais que sejamos tentados alem de nossas forças; mas, far-nos-ha tirar proveito de nossas proprias tentações.*»

Esta graça bastou, desde o nascimento da Igreja, á todos os que se alistaram sob as bandeiras do celibato, ella bastará á todos os que se alistarem depois de nós.

Não digaes mais, inimigos do clero, que o celibato é impossivel.

Com relação as virtudes, a palavra *impossivel* não é christã, porque o que é impossivel ao homem só, é possivel ao homem com Deus *Quæ impossibilia sunt apud homines, possibilia sunt apud Deum.*

Eis ahi como si pode defender o celibato clerical, supposta mesma a *necessidade phisica* das leis da natureza, inventada por nossos adversarios.

V.—Voltemos porem á questão primaria, á saber: *si verdadeiramente o celibato é contra as leis da natureza.*

E' inutil diser que nossa resposta é *negativa.*

Provaremos, pelos *dados da sciencia.* pelas *consequencias absurdas* de um tal principio e pela *experiença quotidiana e observação dos factos,* que o celibato não é contra a natureza, si por estas palavras se entende uma impossibilidade absoluta.

Quem vos disse com effeito, que o celibato é contra as leis da natureza?

A sciencia? E' falso, é absolutamente falso que a sciencia ensine que o celibato é contrario ás leis da natureza.

A verdadeira sciencia é favoravel ao celibato. A medicina e a phisiologia que invocaes vão nos fornecer valiosos documentos para vos provar o contrario do que diseis.

Não podemos entrar aqui em longas dissertações scientificas sobre medicina e phisiologia. Isto é incompativel com o plano limitado de nosso trabalho. Basta citar, sobre a materia que nos occupa, o testemunho de grandes medicos e physiologistas antigos e modernos, testemunhos que podem ser verificados nas pro-

prias fontes, segundo as indicações que daremos.

Os grandes phisiologistas Recamier, Descurets, (na sua *Medicina das paixões*) La Passe (nas suas *Obras medicas*), todos admittem a existencia do *celibato-virtude* e affirmão as suas *grandes vantagens* sob o ponto de vista *sanitario e moral*.

A' estes nomes que citamos, que são de uma authoridade isenta de toda contestação, veem juntar-se tambem os testemunhos valiosissimos de Nicolai ⁽¹⁾ Cagnato ⁽²⁾ Santorelli ⁽³⁾ Redigino e outros muitos apresentados por Scot, no seu *Cathecismo medico*, art. *celibato*. Elles todos provão que o celibato não é contrario ás leis da natureza, já pelo exame da constituição organica do homem, já pela experiencia quotidiana e observação dos factos, já pela refutação directa da falsidade da asserção de nossos adversarios.

VI.—Os testemunhos que citamos bastariaõ para provar que a sciencia não ensina que o celibato seja contrario ás leis da natureza e que esse *instincto irresistivel*, que impelle ao casamento, não existe senão na cabeça e no coração de nossos adversarios, que procurão, sob a capa da sciencia, defender as proprias paixões que os consomem.

Não nos contentaremos, porem, somente com estes testemunhos. Mais adiante, no capitulo IV, adduziremos documentos ainda mais frisantes.

Não é licito, todavia, antes de passar á outra prova, deixar por mais tempo em silencio, a auctoridade do sabio medico lyonez o Dr. Dufieux.

(1) Serm. 6, tract. 2, c. 5.

(2) Lib. I, obs. 1.

(3) Antipraxis lib. 16, cap. 5,

Em uma obra de 565 paginas, approvada nos termos os mais lisongeiros pela sociedade de medicina de Lyão, o distincto medico tratou magistralmente a questão do celibato sob o ponto de vista puramente scientifico da phisiologia e da medicina.

Depois de haver, com erudição e claresa incomparaveis, provado que o celibato não é contrario ás leis da natureza, elle diz em forma de recapitulação, no fim de sua obra:

«Começando este trabalho, perguntavamos qual podia ser a posição do *celibato em face da sciencia, e a sciencia respondeu-nos que o celibato é um direito da humanidade*; ella respondeu-nos que *nem as leis constituintes do organismo, nem a existencia das inclinações naturaes, nem a necessidade da reproducção da especie, podem suppór que o homem seja obrigado ao casamento.*

«Na 1^a. parte discutimos, continua elle, todas as questões que se ligão, quer á presença dos órgãos da geração, quer ás exigencias da hygiene....

«Na 2^a. parte estudamos a questão ao ponto de vista das paixões. A physiologia revelou-nos sua natureza, deu-nos a theoria mais legitima, a noção mais completa da vida moral, desta vida que distingue, que caracteriza a humanidade e que faz da phisiologia humana uma physiologia de ordem superior. Dois grandes phenomenos apresentarão-se á nossa observação: o estabelecimento das sociedades e a instituição da moral. *Estes factos verdadeiramente physiologicos demonstraram nos que o homem possui realmente o poder de resistir á suas inclinações*, pois elle sente a necessidade de viver em sociedade. A graça como vimos, é um presente divino destinado á nos vir em socorro, á aperfeiçoar

nossa natureza e não á autorisar a negação da energia humana. Foi estabelecido, em fim, que o *homem tem o direito de permanecer virgem*, já porque a *natureza antes chama do que repelle a virgindade*, essa virtude que põe em jogo a vida moral, engradece a intelligencia e constitue a gloria da humanidade; já porque a virtude, isto é a luta, o esforço, o sacrificio entrão nas leis primordiaes da physiologia e favorecem o desenvolvimento normal do homem. A *satisfação das paixões não é por conseguinte uma necessidade. e sua repressão transforma-se frequentemente em dever*, porque o fim do homem não é a volupia, mas a virtude.

«Nossa 3ª parte, é sempre o Dr. Dufieux quem falla, teve por objecto considerar o celibato em suas relações com a propagação da especie, e se deixamos entrever que essa propagação não poderia ser sujeita á uma lei scientifica, á uma lei especulativa, deve-se ter observado que essa propagação não poderia ser sujeita á uma lei pratica absoluta, á um preceito instituido para obrigar os individuos. Entra nos planos do Creador que a humanidade se reproduza, ella foi para isso provida de tudo o que é necessario, mas não entra nos planos da sabedoria suprema obrigar os individuos á geração.

Logo, continua o distincto medico, temos o direito de concluir que o CELIBATO NÃO É INCOMPATIVEL COM O ORGANISMO visto que elle se harmonisa com esse estado; que o CELIBATO NÃO É UM CRIME CONTRA A NATUREZA, pois não somente ella o autorisa, mas ainda o glorifica como uma das mais bellas prerogativas do homem e o constitue aos olhos da propria physiologia um PHENOMENO ESSENCIALMENTE NORMAL.

«Assim o sacerdote catholico pode permanecer virgem:

A NATUREZA LH'O PERMITTE; o sacerdote catholico pode permanecer virgem: a sociedade é interessada em deixar-lhe essa liberdade

O' santa Igreja romana, conserva preciosamente, conserva sempre o celibato de teus sacerdotes, não se pode obrigar-te à abjurar a virgindade NEM EM NOME DA NATUREZA, nem em nome da sociedade. A virgindade é a gloria do teu sacerdocio; ella o eleva ás regiões mais sublimes da virtude e dà-lhe quer a influencia moral, quer a influencia social, porque a virgindade é ao mesmo tempo o melhor penhor de moralisação dos povos e um meio poderoso para favorecer a propagação da especie.

Eis ahi uma citação longa, porem bem á proposito. Eis ahi um documento authorisado, pois vem de um sabio, eis ahi um depoimento insuspeito, pois é fornecido por um secular.

VII—Quem, depois de tão valioso testemunho, ousará dizer ainda que o celibato é contra as leis da natureza? quem ousará affirmar que a sciencia, a physiologia e a medicina condemnão o celibato?

Como levar sobretudo a temeridade, senão insensatez ao ponto de dizer que o instincto natural, que impelle o homem ao matrimonio é irresistivel e invencivel, o que, por outras palavras, quer dizer que o celibato é impossível e que por conseguinte o celibato ecclesiastico é uma impostura, uma burla?

VIII.—E nem diga-se, com os que parecem mais corados, que em alguns climas se pode domar os instinctos animaes, e que em outros não se pode.

A offensa é a mesma, o erro igualmente grosseiro. A historia da humanidade e o pudor do genero humano recusão a concessão.

Por ventura não teem sido todos os climas e todas as zonas testemunhas dos sacrificios heroicos da virgindade christã ?

Sim, foi n'um clima ardente, o mais funesto para a innocencia e mais perigoso para a continencia, á vista das cidades mais voluptuosas, taes como Alexandria e Antiochia, foi na terra classica da moleza pagã, nas regiões em que a frouxidão do corpo conduz naturalmente á frouxidão de espirito, foi nessas regiões, em que o mesmo ar que se respira parece excitar a volupia, a sensualidade e a concupiscencia, foi ahi, digo, que se desenvolveu a maior força da alma, foi ahi que se vio praticar as maiores austeridades, foi ahi que a sensualidade foi abolida e desarraigada, foi ahi, emfim, que a Religião contou maior numero de corações virgens.

Os solitarios, sahindo de uma sociedade sensual e insaciavel de gosos, estabelecerão-se nos desertos do Egypto, da Nitria e da Thebaida, onde podião ainda chegar os embalsamados aromas que se respiravão nos logares vizinhos.

Do alto das suas montanhas e do meio dos seus areiaes, elles podião ver estas risonhas campinas, que os convidavam ao gozo e os excitavam ao prazer.

Desde então tornou-se evidente que todos os climas são bons para a virtude e que a moral não depende da maior ou menor proximidade do equador.

A moral do homem, como o proprio homem, pode existir em todos os climas, pois si a continencia mais absoluta se praticava de um modo tão admiravel, em tão voluptuosos paizes, é claro que bem podia estabelecer-se e conservar-se n'elles a monogamia de Christo; e quando, nos arcanos do Eterno, soasse a

hora de chamar um povo á luz da verdade e aos enlevos da virtude, nada importava que esse povo vivesse entre os gelos do Escandinavia ou nos ardores da India.

Parece mesmo que a Providencia quiz escolher um clima, nas condições do do Egypto, para que a humanidade resgatada podesse fazer um ensaio das suas forças sustentadas pela graça divina. Parece que escolheu propositalmente o mais perigoso e difficil lugar de combate, para travar-se a luta do homem velho da concupiscencia com o homem novo regenerado pelo doce influxo do Christianismo e para mostrar que si era possivel guardar a continencia absoluta, em regiões, onde a propria natureza parecia excitar o vicio e a corrupção, com maioria de razão, poderia ser praticada em aquelles, onde a temperatura favorece a virtude.

E' assim que vemos pela historia que o gosto pela continencia, pelo celibato e pela vida ascetica espalhou-se na Persia, na Asia Menor, na Italia, nas Gallias, na Inglaterra, em todo o norte da Europa, na America e em todo o mundo, á medida que o Christianismo dilatou suas fronteiras.

O amor pela virgindade inspirado pelo Christianismo foi e é portanto superior á todos os climas.

D'est'arte a *Religião*, a *sciencia*, a *experiencia*, o *testemunho dos sabios* e a *historia* desmentem a asserção dos incredulos sobre a *oposição do celibato ou da virgindade á natureza humana*.

CAPITULO III

O celibato não é impossível

(Continuação.)

1.—Duas series de razões descobrem ainda a loucura dos que affirmão que *o celibato é impossível*.

Em 1.º lugar as *deduções absurdas e consequencias desastrosas*, que resultarião da impossibilidade do celibato.

Em 2.º lugar as *contradições praticas* em que estão nossos adversarios com suas theorias e cõsigo mesmos.

Primeiro:—*Consequencias absurdas*.

O que seria da Religião, da Igreja, da sociedade e da familia, si a virgindade perpetua, si o celibato fosse impossível ? O que seria da historia da humanidade ? O que seria da tradicção dos povos, si o celibato absoluto fosse impraticavel ?

Não te lembras, tu que combates o celibato, tu que negas a virgindade, com o fim unico de guerrear o

clero, não te lembras que, negando esta virtude, precipitas n'um abysmo medonho um sem numero de gerações, abres as portas aos mais monstruosos excessos e abalas os fundamentos da sociedade, que sempre respeitou certas creaturas excepçionaes, dispensou-lhes considerações e garantiu-lhes privilegios ?

Não te lembras que negando o celibato, tu aviltas e degradas a dignidade da familia, levas a corrupção e infidelidade ao leito conjugal, arrancas o pudor do seio da donzella e o rubor ás suas faces virginaes ?

Não te lembras, louco, que negando essa virtude, offendes a Religião, desmentes a Igreja, conspiras contra os Céos, renegas o teu Deus e, de consequencia em consequencia, chegas ao absurdo e á blasphemia ?

Sim ! A familia, a sociedade, a Igreja, a Religião serão abaladas em seus fundamentos, si viesse a imperar o motivo da impossibilidade phisica da virgindade, pelas consequencias desastrosas que esse principio acarretaria comsigo.

Parece incrível, mas é exacto; e si não vejamos.

II.—Si o celibato é impossivel, em rasão de *leis irresistiveis* da natureza, segue-se que todos e cada um de per si, homens e mulheres, quer sejam pobres, quer sejam ricos, quer sãos, quer enfermos, quer capazes de sustentar o munus do matrimonio, quer não, livres ou escravos, todos, digo, e cada um de per si, são *fatalmente* obrigados pela lei natural á contrahir matrimonio, o que ninguem, em uso de rasão, ousará affirmar, por ser cousa absurda e em muitos casos impossivel (1)

Si o celibato é impossivel, o mancebo que já sente

(1) Perrone, *Tractat. theolog.*

em si o fogo das paixões e que não contrahiui ainda os laços conjugaes, e nem o fará tão cêdo, (porque não pôde ou porquenão quer), poderá, sem remorsos, entregar-se á libertinagem e levar a desordem ao seio das familias, por lhe ser assim mais commodo.

Si o celibato é impossivel, a donzella, que ainda não attingiu mesmo a idade nubil, poderá lançar-se nos braços da corrupção, porque conservar-se virgem é impossivel!

Si o celibato é impossivel, é preciso admittir a infidelidade no leito conjugal aos esposos por longo tempo separados, o adulterio á um dos conjuges quando, por enfermidade ou outra causa, não é licito ao outro a vida conjugal, a devassidão emfim ao viuvo que não quer ou não pôde contrahir segundas nupcias.

A penna recusa-se expor taes absurdos, o espirito revolta-se ao pensar em taes horrores. A defesa da verdade nos desculpa e nos obriga á dizer tudo. Continuemos portanto nossa marcha.

Si o celibato é impossivel esses milhares de almas heroicas, que consideramos taes por suppormos que forão modelos de virgindade, não passarião de impostores, hypocritas, que souberão illudir seus semelhantes.

Si a virgindade é impossivel, essas myriades de castas donzellas, que a Igreja exalta com um culto de veneração e amor, descerirão dos altares, onde recebem os nossos votos, ao plano das mulheres communs, ou mais baixo ainda.

Si o celibato é impossivel, essa pleiade immensa de castos e piedosos varões, que a Igreja honra com o titulo de santos e amigos de Deus, não seria mais do que impostores, que souberão occultar com cau-

telosa capa, os crimes que outros não temem fazer á luz do dia.

III.—Eis ahi como se faz de uma Igreja de 18 seculos, de innumeraveis phalanges de sacerdotes, de religiosos e religiosas, de santos e de santas, de heroes e heroínas, dos quaes chamão-se uns—Vicente de Paulo, e outros—Theresa de Jesus, uma nuvem de scele-rados e d'hypocritas !

Eis ahi como, para não crer em um facto palpavel, universal, perpetuo, prefere-se fabricar um prodigio de infame habilidade, que excederia todas as forças da natureza humana, isto é, um segredo guardado durante 18 seculos, por mais de um milhar de cumplices, homens e mulheres.

«Chegar á tal ponto é demasiada leviandade frivola ou então uma estupidez maligna,» diz Mr. Pavy.

«Como ? accrescenta elle, impossivel o celibato ? O que dizeis ? Impossivel e que foi praticado pela fra-quesa mesma e na corrupção do paganismo ? Impos-sivel o que Jesus-Cristo exigiu de tantos dos seus dis-cipulos ? Impossivel o que a Igreja catholica, tão cheia de sabedoria e prudencia, constitue lei para seus ministros e um conselho de perfeição para as almas d'escolha ? Impossivel o que fecundou os de-sertos, povoou as solidões, encheu os claustros e di-vinisou o sanctuario ?» Oh ! não ! não !

Crêr que todas estas almas fossem capazes do he-roismo, que a historia attesta, e ao mesmo tempo, escravas hypocritas de uma paixão vergonhosa; crêr que tanta generosidade e grandesa moral podião al-liar-se com tão grande corrupção; crêr que esse exercito de sacerdotes, de religiosos e religiosas, que povoão os mosteiros, as igrejas, os seminarios e os

presbyterios, sejam vasos de uma impureza occulta, que zombão da acção da justiça e vedão os olhos da sociedade, (que os segue ainda hoje como espelhos de perfeição) crêr, digo, nesta fusão de elementos tão contrários e contradictorios, que por natureza mutuamente se repellem, isto sim, é impossivel e soberanamente absurdo !

Ha um cynismo revoltante, uma impudencia sem nome, em pretender que Paulo, Athanasio, Chrysostomo, Jeronymo, Bernardo, Thomaz d'Aquino, Francisco d'Assis, Luiz de Gonzaga, Francisco de Salles e toda essa phalange de santos e santas, que serão para sempre a gloria do Christianismo, não guardavam a castidade que havião jurado ao Senhor.

Entretanto essa violação é consequencia inevitavel, desde que se admittir que o celibato é contrario á natureza e impossivel.

A rasão é clara como a luz meridiana: Si de um lado o celibato é impossivel, porque a natureza exige o casamento, si de outro lado todos esses santos varões não se casarão, o que segue-se... ?

A infracção occulta do celibato e a virtude hypocrita manifestada ao publico.

O espirito repugna pensar que esses vultos venerandos forão de costumes reprovados.

Não, mil vezes não !

Suas palavras, seus actos, tudo attesta que elles forão fieis á seus votos. Nunca a mais refinada malicia humana chegará á provar o contrario.

Deus não permittiria jamais uma tal desordem em sua Igreja. Elle não permittiria jamais, que o principio de vitalidade dessa divina obra de suas mãos repousasse sobre a mentira. Elle não permittiria

jamais que a gloria virginal de sua divina Esposa, a Igreja, repousasse, já não digo durante dezenove seculos, mas durante um só segundo, sobre a hypocrisia.

Pois bem, si esses forão fieis á seus votos de castidade perpetua, o celibato lhes foi possivel.

Mas, si o celibato foi possivel, no passado, aos que combaterão sob os estandartes e pela causa de Christo, porque, hoje, não será elle possivel aos padres catholicos, seus successores. Não combatem estes sob as mesmas bandeiras, em nome do mesmo Chefe, Jesus Christo, que dà, aos que se dedicão pela salvação do mundo, a coragem e a força de praticar as virtudes, donde depende a salvação do mundo?

Ahi estão, em largos traços, as *consequencias horrendas* qué resultarião, si viesse á passar como verdadeiro, o principio da impossibilidade do celibato perpetuo.

IV.—Passemos á segunda serie de provas que demonstrão a insensatez de nossos adversarios:—As *contradicções com sigo mesmos*.

Obrigue-mol-os á ferirem-se com suas proprias armas.

Com effeito, não te lembras, que, negando a possibilidade do celibato, estás em contradicção contigo mesmo, desdisendo na pratica aquillo que altamente proclamas em theoria?

Por ventura tu, que pregas a impossibilidade d'essa virtude, não terás em teu lar uma filha querida, uma irmã extremosa, que impede talvez de baixar sobre tua cabeça os golpes da justiça divina? O seu coração é puro, a sua alma isenta de todo pensamento de crime, mas o que será este anjo da terra diante da tua theoria hedionda?

E que responderias á quem, penetrando um dia os umbraes do sanctuario domestico, te dissesse: Já vão se adiantando os annos d'essa formosa creatura, que constitue a alegria do teu lar; o ardor das paixões já se agitou em seu seio; a natureza já exigiu o seu tributo; tua filha ou tua irmã já não é virgem?

No impeto de uma subita colera, o teu primeiro pensamento seria talvez de arrancar a existencia de quem ousasse assim offender-te, naquillo que te parecia mais caro e mais inviolavel.

Mais ainda: Que responderias á tua esposa, quando, (depois de te haveres ausentado por largo espaço de tempo) ella te fosse ao encontro, e dissesse que fizera substituir-te em seu leito por um outro, porque o tempo da tua ausencia não lhe permittiu a guarda da continencia? Talvez que, cravando-lhe um punhal no seio, respondesses á essa affronta e infamia—conforme todavia com as tuas theorias.

Oh! Si tu te offendes tanto, si é tal o teu horror ao ouvir da bocca de outro a mesma doutrina, que proclamas, como não devem sentir a Religião, a sociedade e a familia, o escarro nojento que cospes ás suas faces?

Como não ha de sentir a Religião e a sociedade, o insulto cruel e infame que diriges, não á uma esposa commum, mas a Esposa Immaculada de Christo, não á uma filha, porem á milhares de filhas, de pudicas donzellas e de castos varões, que a Christandade venera como modelos de virgindade?

Si pelos teus actos desmentes aquillo que especulativamente proclamas, si consideras offensa, aquillo que parece confirmar a tua doutrina nefanda, por que não te curvas á verdade?

Porque não reconheces as consequências absurdas, que resultão de tuas declamações.

Porque não veneras, como a Christandade venera, esse sacrificio heroico, que certas creaturas privilegiadas fazem de seu corpo e da sua alma á gloria de Deus e serviço da humanidade, pela consagração á virgindade ou ao celibato ?

V.—Sim; não negamos. A castidade perpetua, o celibato, como virtude, é impossivel aos que o abraçassem sem vocação e sem provas; impossivel aos que sem temeridade affrontassem os perigos, que offerecem á innocencia o mundo, suas maximas, sua corrupção, suas reuniões condemnadas, seus bailes, seus espectaculos torpes, seus discursos licenciosos; impossivel aos que pretendem alliar ás alegrias do seculo com as castas privações da pureza.

O celibato, tal como a Igreja ordena á seus ministros, é impossivel aos que não poem freio á sua imaginação, aos seus olhares, á seus propositos, á sua conducta, ás suas companhias e ás suas leituras.

Impossivel aos que querem sempre tudo adivinhar, tudo vêr, tudo saber; aos que são devorados pelo desejo de agradar e que embriagam-se com seus successos mundanos; impossivel aos que amão com excesso os ornatos, a ociosidade, o vinho, e a bôa mesa; á aquelles, cujo orgulho sobe sempre, que se ensoberbecem nos extasis de seus proprios pensamentos e que, com infernal sangue frio, não contão senão com suas proprias forças, embora com plena consciencia da fraquesa humana, que nada pode, na via da perfeição sobrenatural, sem o auxilio da graça divina.

Á estes, sim, o celibato é impossivel.

Mas, não é assim, que a Igreja quer o seu padre; não foi assim, que ella traçou sua vida de celibatario.

Antes de tudo, ella lhe ensina que a *continencia é um dom do céu e um fructo da oração*; que não se pode guardar intacto, sem a graça divina, este thesouro, que trasemos em vasos frageis; ella ensina que, si a humildade conduz á gloria de uma virgindade sem macula, a confusão da queda é quasi sempre d'antemão preparada pelas exaltações do orgulho, e emfim que aquelle que ama o perigo n'elle perecerá. *Qui amat periculum in illo peribit.*

Foi por isso que, pelos seus pontifices, concilios e synodos, a Igreja deu regras, de tal modo rigorosas e detalhadas, sobre o modo de viver dos clerigos, que só mesmo a abnegação sacerdotal pode comprehender.

Custa, sem duvida, ao homem conservar esta vida angelica, que a disciplina da Igreja impõe aos seus ministros. Custa, sem duvida, apartar sempre seu pensamento, seu coração, seus olhares, de tudo o que pôde seduzil-os, para elevál-os sempre acima do mundo e acima de si mesmos. Sim, custa!

Mas, é preciso que os nossos adversarios saibão que, impondo como condição o celibato, e por tanto a luta aos ministros dos seus altares, a Igreja não conta somente com o testemunho da philosophia, que nos diz não ser impossivel o celibato, pois a alma tem, em suas proprias faculdades naturaes, poder sufficiente de dominar as inclinações depravadas da natureza animal. A Igreja não conta somente com o testemunho da physiologia, quando esta affirma que o celibato não é impossivel, e que, pelo contrario, a estrutura organica do corpo humano é perfeitamente adaptada á guarda da castidade. Ella não conta de modo

algun com as influencias climatericas, mais ou menos favoraveis, a guarda da virtude de seus sacerdotes.

A Igreja, impondo-lhes o celibato, obra sem duvida, racionalmente, não indo de encontro à sciencia, mas ella confia e conta sobretudo com o auxilio da graça divina, que é o principio e a força de toda vida sobrenatural.

BIBLIOTHECA PÚBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CAPITULO V

O celibato não é causa de enfermidades nem de mortes.

I—Julgamos ter sufficientemente refutado a objecção tirada da supposta opposição entre o celibato e a natureza humana, ou, por outras palavras, a estulta affirmacão da impossibilidade phisica absoluta do celibato, a qual constitue todo o fundamento do systema philosophico dos anti celibatarios.

Mas, a impiedade resiste ainda, e parecendo ceder um pouco, insiste dizendo:

«Concedemos que o celibato seja possivel, que não esteja mesmo em diametral opposição ás leis da natureza, mas, sendo uma luta constante contra a mesma natureza, o celibato é um martyrio atroz para os que o praticão, causa de innumeradas molestias e de mortes prematuras; eis o que não se pode contestar.»

Neste intuito nossos adversarios formarão, com ef-

feito, longas listas de enfermidades e de mortes, e attribuirão-nas, injustamente, ao celibato.

Do mesmo modo que respondemos ás primeiras, responderemos á mais esta objecção. Esta é consequencia natural d'aquellas, merecendo mesmo, em alguns pontos, uma resposta commum á todas ellas. Antes de responder directamente á questão, façamos duas reflexões. A primeira é a seguinte:

II.—Quem se consagra á virgindade colloca-se, é certo, em uma situação singular e forma, sem duvida, uma excepção ás leis geraes da natureza. *E' preciso haver razões de ordem superior* para motivar esta excepção. Estamos de accordo.

Accrescentamos, porem, que o desejo de elevar-se, pela virtude, acima de certas exigencias da natureza phisica, a paixão generosa de se consagrar, com plena independencia, ao serviço de Deus e da humanidade, são por certo motivos sufficientes para justificar esta condição excepcional.

Dada mesmo a hypothese de ser o celibato, para alguns dos que praticão, occasião de soffrimentos phisicos, não vemos contra que leis da natureza se tornarião culpaveis os que o abraçassem, desde que são levados por um acto heroico de abnegação, de dedicação e de virtude.

Digamos mais: quando mesmo o celibato diminuisse alguns dias d'existencia dos que o abração por amor de Deus, quando elle despovoasse a terra, não seria por ventura para povoar o céu? Segundo diz S. Jeronimo: *Nuptiae terram replent, virginitas paradisum*. As nupcias povoão a terra, a virgindade povoa o céu.

Como?!... Tu admiras o soldado sacrificando a vida pela patria terrestre e não admiras o celibatario sacrificando a sua vida pela patria celeste?

Tu toleras os martyres das paixões vergonhosas, das torpes ambições, da sede inextinguível do ouro, os martyres dos vícios, emfim, e não respeitas os martyres da virtude e da abnegação? A segunda reflexão é esta:

III.—Vós dizeis que o celibato é causa de molestias e de mortes, o que importa? Por ventura todas as profissões não são, por um dos seus lados, nocivas á saúde?

Por ventura não ha enfermidades particulares aos homens de estudos, aos homens d'escriptorio, aos chimicos, aos pharmaceuticos, aos mineiros, aos douradores, emfim ás *peessoas casadas*?

Por ventura não é a vida uma enfermidade constante, segundo esta expressão conhecida: *Vita humana morbus continuus*?

Horstio e Tissot tratarão das enfermidades proprias dos homens de lettras; Ramazzini das dos artifices; Plempio das molestias dos homens de toga; Peringle das molestias dos soldados; Furstenau das molestias dos medicos; Hallez fez o tratado intitulado:—*Vita humana morbus continuus*.

—Emfim, entre antigos e modernos, tratão das molestias das pessôas casadas:—Hypocrates, Pere, Cambonio, Areteo, Savanarola, Mahon, Frank e outros muitos, os quaes mostram ser talvez esse estado, d'entre todos, o mais arriscado.

Para que pois querer attribuir somente ao estado celibatario, uma causa que, de um modo ou de outro, é commum á todos os estados? (1) ?

Não precisaria mais do que estas duas breves con-

(1) Scott, cathecismo medico, art. celibato. Perrone, loc. cit.

siderações para justificar o celibato, dada mesmo a hypothese que elle fosse nocivo á saude. Bem longe estamos, porem, de admittir que a virgindade christã, o celibato, tal qual a Igreja o exige dos seus ministros, seja causa de molestias para aquelles que o abração. E' o que vamos vêr:

IV.—«Lendo-se, diz Feller, alguns phisiologistas modernos, e sobretudo uma certa copilação *indigesta e plagiaría*, tem-se tentação de crer que o celibato é um estado contrario á conservação e á boa constituição do homem, mas os verdadeiros medicos sabem o que á este respeito se deve pensar.

«Si o celibato prejudica á certos temperamentos, que á isso não são destinados, por aquelle que distribue as vocações aos homens, é vantajoso á outros, que ignorão perfeitamente não sei que necessidade physica, *imaginada nestes ultimos annos por homens que confundem a corrupção com a natureza.*

«O que prova peremptoriamente a *falsidade do que os máus medicos teem dito sobre o celibato*, accrescenta Feller, são tantas pessoas virtuosas, de ambos os sexos, que vivem em uma continencia absoluta, sem laço algum obrigatorio, sem nenhum compromisso religioso ou civil, as quaes não terião certamente a loucura de arruinarem o espirito e o corpo para perseverar em um estado, que só por gosto abração, e que lhes seria justamente odioso, se vissem os effeitos funestos que as imaginações luxuriosas lhe attribuem.» (1)

Feller tem toda razão. A sua proposição é confir-

(1) Liv. I, pag. 282, citado pelo Padre Perrone:—*Praelectiones theologicae*, tract. de celibato ecclesiastico.—Feller: *Ca thechisme philosophique*, tom. 3, cap. VII, art. 6.

mada pelo *testemunho dos bons medicos* e pela *evidencia dos factos*.

Brown, celebre medico inglez, na obra—*Erros populares*, observa que os celibatarios prolongão ordinariamente a vida mais do que os casados

Leoniceno, distinctissimo medico italiano, attribuia ao celibato a perfeita saude de que gosou até a idade de 90 annos (1)

Mahon, cujo testemunho é absolutamente insuspeito, pois escreveu contra o celibato, não ousa affirmar que esse estado seja nocivo á saude; pelo contrario, elle diz: «Si aquelles que, para obedecer aos deveres do proprio estado, ou por outro qualquer motivo, recusão ouvir a voz da natureza, de ordinario, não experimentão por isso incommodo algum, e até mesmo, continua elle, *a experiencia demonstra que os religiosos celibatarios, rigidos observadores de suas regras, gosão até uma extrema velhice da mais florida saude*, isto deve attribuir-se á um beneficio desta mesma natureza, por elles despresada, a qual não se manifesta em parte alguma mais provida, do que no industrioso artificio com que forma o humor prolifico. (2)»

O mesmo affirma Haller fallando dos cenobitas, que por um longo curso de vida observaram exactamente os votos que fizeram. (3)

Emfim, o celebre Dr Lourenço Martini, medico, pro-

(1) Citado pelos mesmos auctores. Hasech parcho leodien-
se fallecido na idade de 120 annos, affirmava o mesmo que
Leoniceno. O celeberrimo Newton morreu virgem e, como diz
Zimmermann, Newton, na idade de 85 annos, levou intacta ao
tumulo, o que a nossa infeliz juventude, na idade de 14 annos,
já perdeu miseravelmente. E' que Newton tinha constantemente
seu pensamento fixo no ceu (Perrone, loco cit.)

(2) *Medic. legal*, ed. ital. tom 4º, do *celibato*

(3) *Element physiol*, lib. 7. pag. 555 (Perrone, loco cit.)

fessor na Universidade de Turim, occupando-se magistralmente da influencia do celibato sobre a saude, exprime-se deste modo:

«Uma tal questão (a do celibato) é muito delicada. Não convem todavia omitti-la, visto que alguns a propoem, querendo que se possa provar ser a continência contra as leis da saude. *Nós estabelecemos, pois, que os casos em que a continencia foi nociva são mais imaginarios que provaveis. Raciocinamos sem prevenção e não nos faltão argumentos validissimos para bater os inimigos da virgindade.* (1)»

Quem, depois de taes testemunhos, ousará ainda invocar a phisiologia e a medicina para combater o celibato ? (2)

Não. Jamais será quebrado o vinculo indissolavel que existe entre a Religião e a verdadeira sciencia.

V.—Ao *testemunho dos sabios* vem juntar-se uma prova mais forte ainda, visto ser mais accessivel á todos e poder ser verificada por todos: é a da *experiencia e observação dos factos*.

Os nossos adversarios apresentam numerosas listas das molestias e mortes causadas pelo celibato. Essas listas, redusidas ao que devem ser, são de plena insignificancia.

Ellas se compoem—1º de todos os *impuberes*—2º dos que por defeito de conformação ou por *barbaros accidentes* são condemnados ao celibato; 3º dos que não encontrando no mundo uma alliança, adequada á sua posição ou á seu gosto, vivem celibatarios; 4º dos que são sequestrados da sociedade pela justiça; (3) 5º

(1) *Lezione de fisiologia.* tom. 10, lez. 82.

(2) Ver o que dissemos no capitulo II, desta III parte.

(3) Não sabemos, diz o Padre Riche, o que seria o celibato

emfim dos que vivem celibatarios por amor á virtude e que vivem no sacerdocio, no claustro, nas instituições religiosas, ou mesmo no meio do mundo.

Ora, é insensatez ou má fé tornar a Igreja e o celibato responsaveis pelas molestias e mortes dos individuos das quatro primeiras classes. Taes individuos nem ao menos preenchem as condições exigidas pela Igreja em seus ministros.

Si algumas austeridades excessivas teem por vezes levado ao tumulo certas naturezas fracas, d'entre os indicados no 5º grupo, estes casos formão excepções rarissimas e pode-se attribuir antes á austeridades mal reguladas do que ao celibato propriamente dito, como o provão os documentos que vamos apresentar.

VI.—Lê-se no «*Dictionnaire théologique*,» edição Migne, art. «Célibat»:

De 1º. de Janeiro de 1823 á 31 de Dezembro de 1842 verificou-se a morte de 751 ecclesiasticos, pertencentes á diocese de Paris, ou ahi residindo temporariamente.

A vida desses 751 ecclesiasticos elevou-se ao total de 47596 annos, o que dá uma *media*, para cada um, de perto de 64 annos (!!!). D'estes:—

para aquelles que á elle fossem submettidos á força, á maneira das vestaes e que não contassem para se manter na honra da virtude senão com as forças da natureza. Não nos causaria surpresa que estes viessem á soffrer ao menos physicamente. A' este numero pertencem os do 4º grupo. Que esses infelizes, quasi sempre homens relachados, lançados pela justiça humana nas privações de um carcere sejam victimas de molestia ou morte, por causa da privação dos gosos que a natureza já depravada exige, nada é para admirar.—E' ainda á sociedade e não á Igreja que se deve recriminar. Portanto nem mesmo destes se pode deduzir que o celibato é nocivo á saúde.

106	viverão mais de	60	annos
271	«	70	«
177	«	80	«
17	«	90	«

Em que outra profissão encontrar-se-ha igual longevidade? em nenhuma.

Esta mesma observação estatística fizemos na mesma Diocese, relativamente aos annos de 1879, 1880, 1881, e 1882.

O obituario do clero, indicado cada anno na ultima pagina do calendario ecclesiastico, marcava, termo medio, o fallecimento de 40 padres do numeroso clero d'aquella diocese, em cada um dos annos mencionados.

O termo medio da longevidade era de 63 á 65 annos !!!

Uma lista feita por Casper e reproduzida por Debreyne, dá um numero de pessoas sobre 100, que attingirão o 70º anniversario. Ei-la. Attingirão o 70º anniversario:

Profissão	sobre 100	Numeros relativos
Theologos		42
Agricultores	«	40
Commerciantes	«	35
Soldados	«	32
Caxeiros	«	32
Advogados	«	29
Artistas	«	28
Professores	«	27
Medicos (!!)	«	24 (!!)

E' singular que os medicos, sejam precisamente os que occupão o ultimo lugar e cuja saúde por conse-

guinte resiste menos; em quanto que os theologos, celibatarios como se sabe, occupão o logar de honra.

VII—Mas o claustro! bradão os adversarios, o claustro! a vida religiosa!

O claustro, a vida religiosa contão, em proporção, tantos anciãos veneraveis quanto o mundo—: S^{to} Antão falleceu com 105 annos de idade, S. Bento com 63, S. Bento de Aniane, S. Bruno e S. Romualdo com 74, S. Francisco de Paula na idade de 94 annos, S. Vicente de Paulo com 84, S. Ligorio aos 94 e S Theresa com 67 annos (1)

Sobre 302 religiosas Carmelitas, lê-se ainda no artigo supra citado, fallecidas em Paris, rua d'Enfer:

69	viverão mais de	60	annos
59	»	»	70
23	»	»	80

(E note-se que é uma das ordens religiosas mais severas que existe na Igreja.)

Os trapistas e os religiosos da Cartucha prolongão grandemente a vida. Ao abrigo das paixões que terião podido agital-os no mundo, a maior parte destes religiosos, propriamente fallando, não morre: extingue-se pacificamente. A morte tem para elles a doçura do somno.

VIII.—Lançae os olhos sobre o throno de Pedro, sobre a cadeira pontifical. Os papas morrem quasi todos carregados de annos como de virtudes. Gregorio IX attingio seu centenario.

Examinae as sédes episcopaes. Quasi sempre, sob a mitra de ouro, fluctuão os cabellos brancos.

Não ha talvez classe, cujos membros sejam mais for

(1) Précis de phisyologie humaine, par Debreyne.

tes contra a morte, nem classe que soffra menos epidemias e certos flagellos, embora seja a primeira á affrontal-os, sem reserva e sem fraquesa, do que a classe sacerdotal.

E depois destas provas como diser que o celibato é contra a saúde ?

Mas, si elle nem mesmo é contrario á saúde, como pode ser *contrario a natureza e impossivel* ?

Dest'arte este capitulo vem a confirmar o precedente; pois si nem mesmo a saúde soffre, mas ao contrario em muitos casos conserva-se e fortalece-se com o celibato, si a voz imperiosa e irrecusavel dos factos o prova, como ousar diser que o celibato de tal modo excede as forças da natureza, que a sua observação é impossivel ?

IX.—Quereis agora saber o que prejudica á saúde? O que prejudica á saúde são os excessos da volupia, a violencia das paixões, os costumes desregrados, os desgostos profundos, as vigílias loucas e incessantes dos bailes e espectaculos, os constrangimentos da etiqueta, e, de mais, nas mulheres, as rudes provações da maternidade e, porque não diremos ? Os vestuarios forçados, os *extractos* e perfumarias excessivas e estragadoras, pelos elementos que as vezes as compõem.

Quantas molestias não são o fructo do abuso e algumas vezes do uso immoderado dos praseres dos sentidos ? Quantas nevralgias, phthisicas, epilepsias, vertigens e enfermidades de todo genero não arrastão após si esses excessos ?

O celibato, tal qual o entendemos, está por si mesmo ao abrigo de tantos males, de tantas dores, de tantas causas de mortalidade.

A pratica de celibato não merece pois as censuras, que uma pretendida sciencia lhe dirige, nem as injurias com que inimigos despeitados o cobrem.

E tanto basta sobre esta materia. Passemos á uma outra ordem de objecções.

CAPITULO VI

A lei da igreja que obriga os padres ao celibato não é tyrannica.

1. — «A Igreja, faz os padres victimas de um jugo tyrannico, de uma dura escravidão, forçando-os ao celibato. Aconselhe, pois, a Igreja a continencia á seus ministros, deixando-os todavia livres de adoptarem, conforme a sua indole, o celibato ou o estado matrimonial.» Eis uma nova objecção verdadeiramente capciosa.

Aqui, como sempre, a incredulidade calumnía impudentemente, tomando uma linguagem fingida de dó e compaixão, em favor dos padres.

Quando foi que a Igreja forçou alguém á abraçar o celibato ou á faser um voto de castidade perpetua ? Nunca !

Nem ella pode, porque não tem direito de violentar a liberdade individual.

Por ventura pode a Igreja forçar, quem quer que seja, á seguir o estado religioso?

Por ventura pode ella obrigar alguém á ser padre ? Não o pode e nunca o fez. Nunca ! Repito sem medo de ser desmentido, porque quasi 19 seculos respondem commigo.

O voto de castidade (que cessaria de ser um voto, e por isso mesmo de ser obrigatorio, si não fosse livre) foi sempre e por toda parte, na Igreja, emittido sem sombra de violencia.

II.—A Igreja sabe que esse voto, uma vez emittido, não pode ser observado senão pela perseverança da vontade unida á graça divina.

E' por isso que a divina esposa de Jesus só faz apello ás almas generosas.

Ella diz e tem direito de dizer: — «Não quero como meus ministros senão sacerdotes virgens.

«O sacerdote deve offerecer constantemente o divino Sacrificio e a oração perpetua; elle é o representante de Jesus Christo virgem, e meu proprio representante, de mim que tambem sou virgem; deve pregar o evangelho e todos os conselhos de perfeição que elle encerra; é o administrador dos sacramentos, em particular do da penitencia; elle tem portanto necessidade de grande consideração e prestigio diante dos povos, e deve dedicar-se inteiramente á salvação das almas.

«Ora, continua a Igreja, o celibato, e só elle, parece-me corresponder ás exigencias de uma ordem tão elevada.

«Não forço ninguem á abraçar o sacerdocio, mas tambem não deixarei ninguem subir aos meus altares sem submettel-o ao celibato.

«Os que temem tão grande sacrificio:—casem-se. Eu consagrarei sua união.

«Os que teem a firme vontade de abraçar-o:—aproximem-se. Farei delles ministros de Jesus Christo.

«Aos bravos voluntarios da perfeição a honra e gloria de servir meus altares.»

Eis ahi a linguagem da Igreja. Será uma linguagem de violencia ou tyrannia ? Não. E' linguagem de precaução e de amor.

A Igreja não força portanto ninguém ao celibato, não obriga ninguém a fazer votos de castidade.

Limita-se simplesmente a receber em suas castas fileiras aquelles que, confiando na graça divina, sentem-se com coragem de viver celibatarios.

III.—Não só a Igreja não constrange ninguém a abraçar o sacerdocio e a sujeitar-se ao celibato, porem faz mais do que isso.

Cheia de timidez maternal, ella proporciona longos annos de preparação, de estudo e de reflexão aos que querem alistar-se sob o estandarte da casta milicia.

Ella obriga, e só então é que ella obriga, os jovens aspirantes ao sacerdocio a passar longos annos nesses asylos de paz e de virtude, e ao mesmo tempo de provações e de estudos, que se chamão—*Seminarios*,

«E' abi, nesse lugar d'apprendisado e de prova, diz um distincto escriptor por nós citado, é ahi nesse lugar d'apprendisado e de prova, que o joven candidato não só se inicia nas sciencias ecclesiasticas, senão que tem mais que sufficiente tempo para consultar-se a si proprio; para tomar bem o pulso á vehemencia dos seus instinctos e tendencias; para examinar detidamente a sua vocação e lançar a sonda á esse mysterio

tremendo de Deos, deposto no fundo de certas almas privilegiadas; para pesar e sopesar, á vontade, a proporção que existe no seu coração, entre as exigencias materiaes, que o chamão ao mundo, e a somma de virtude adquirida e de graça sobrenatural, que elle será capaz d'oppor-lhes, e virão á ser para o futuro a garantia segura da integridade do seu voto.»

Sim. E' ahi que, como em uma academia, christã, lhe são ensinadas as sciencias mais elevadas, as que tem por objecto Deos, o homem, e suas relações naturaes e sobrenaturaes; em outros termos, é ahi que se lhe ensina a theologia, rainha de todas as sciencias, da qual devem partir e á qual devem convergir todas as outras, pois que no universo tudo parte de Deos para reverter a Deus.

E' ahi que elle encontra o pensamento christão, estudando os grandes luminares da Igreja, Origenes, Tertuliano, Cypriano, Agostinho, Jeronymo, Ambrosio, João Chrysostomo, os trez Gregorios, e todos esses grandes genios catholicos que, pela elevação do pensamento e do sentimento, levão de vencida todos os escriptores profanos, seus predecessores ou coevos.

E' ahi que o joven aspirante purifica-se, reforma-se e edifica o homem novo sobre as ruinas do homem velho.

E' ahi que cultiva as virtudes, que devem salvar o genero humano, o amor de Deus, o amor de seus irmãos, aos quaes, desde logo, elle desejaria estender mão amiga para salvar do naufragio.

E' ahi que adquire o espirito d'oração, que deve ser o espirito do sacerdote, visto que a vida d'aquelle que tem por missão elevar a humanidade até Deus, deve ser uma aspiração continua ao Ceo.

E' ahi que, iniciado por graus, o futuro levita ensaia-se, pouco à pouco, nas funcções do ministerio e experimenta, pouco á pouco, as suas forças.

E' ahi enfim, e sobretudo, que o joven aspirante ao sacerdocio é provado por aquelles que a Igreja deulhes como directores e paes.

Muitas vezes elle é interrogado, examinado, e jamais será admittido á tomar parte nas ordenações sem que tenha merecido os suffragios de seus mestres, suffragios que nem á peso de ouro se lhe daria immerecidamente.

Não é senão depois de tantas precauções, de tanto estudo, de tanta reflexão, de tantas provas e n'uma idade em que todo homem é capaz de reflectir, de medir suas forças, de dispôr de sua pessoa e de seus bens, n'uma idade e que já se pôde ter sentido as tempestades do coração e o agulhão da carne, n'uma idade em que se pôde dár o justo apreço aos bens e males, ás penas e alegrias desta vida, só então, digo, é que a Igreja admitte seus ministros á ordenação *in sacris*, só então é que ella sanciona a consagração de seus ministros ao celibato, isto é, á castidade perpetua.

IV.—Isso não é tudo. Cada vez mais cheia de celeste timidez, e (si posso me servir desta expressão) tomada de um santo escrupulo, a Igreja quer, no momento mesmo dos solemnes compromissos, que os ligarão para sempre ao celibato, recordar, ainda uma vez, á esses corações generosos, que elles são livres e que podem voltar ao seculo.

Eis aqui as graves e solemnes palavras que ella põe nos labios do Pontifice, quando, assentado em seu throno, elle vê chegar á seus pés os jovens clerigos, que lhe pedem a ordem sagrada do *subdiaconato*:

«Deveis reflectir maduramente sobre a natureza do jugo que desejaes receber. Ainda neste momento sois livres, e vos é permittido contrahir as obrigações do seculo. Uma vez elevados á ordem de subdiacono, não vos será mais permittido mudar de resolução... Sereis obrigados á viver, com o soccorro de Deus, em uma continencia perpetua, e á permanecer ligados, por toda vida, ao serviço dos altares. Pensae, pois, ainda em quanto é tempo; mas, si perseveraes nas mesmas disposições, aproximae-vos, em nome do Senhor.»

Então o que hesita, retira-se; o que persevera dá um passo em direcção do altar; passo solemne que o separa para sempre dos commercios carnaes, e que o colloca na carreira da virgindade sem fim.

Eil-o morto para os gosos do seculo ! E' por isso que das profundezas do sanctuario parte uma voz que diz: — «*Prostrae-vos*»... E o clerigo deita-se na attitude de um morto sobre o chão do templo; e em quanto ao redor d'elle, ajoelhada, a Igreja ora, elle jura á seu Deus um eterno amor !

Momento sublime !... Qual é o subdiacono cujo coração não estremeceu, cuja alma não foi arrebatada até o céu, em quanto seu corpo cobria a terra ?

Elle cahiu fraco e levantou-se forte.

Tudo não está morto nelle. Seus sentidos vivem ainda, mas o frio do tumulto tocou-os.

Não sei que infiltração do sangue divino correu em suas veias.

A graça de Deus o fez um outro homem. Novo Jacob elle pode lutar com os anjos.

Pondo a sua virtude sob a salvaguarda de Deus, da Virgem Maria, da oração, da vigilancia, do recolhimento e da observação das regras canonicas, elle está

seguro de levar branca e pura até o tumulto a túnica da virgindade. O que é impossível aos olhos do homem é possível aos olhos de Deus.

Elle poderá encontrar no seu caminho numerosas seducções, mas tem a graça para evita-las; poderá encontrar occasiões de combates—tem a graça para triumphar; momentos de cansaço e de desgosto—tem a graça para vence-los; escandalos—tem a graça para ser insensível; provocações ao mal—tem a graça para repellil-as com desprezo.

E quando um dia elle ouvir dizer ao seu lado que o celibato é impossível bemdirá o Senhor pelo thesouro occulto que lhe deu.

Por vigança unica contra tal insulto, espalhará ao redor de si o exemplo da castidade, e multiplicará os adeptos do celibato, no qual elle encontra, com razão, sua felicidade e sua gloria.

V.—Depois de termos estudado deste modo a accção da Igreja, na formação sacerdotal, podemos, sem receio, perguntar:

Será tyrannica, será despotica a Igreja obrigando ao celibato seus ministros, depois de tão longa preparação, de tantas precauções, de tantos ensaios e de tanta condescendencia ?

Será uma escravidão forçada este jugo, imposto depois de tantos avisos, aos que á elle se querem submeter por uma oblação espontanea e livre ?

Ser escravo desta sorte não é precisamente ser senhor de sua vontade, não é ser verdadeiramente livre ?

Si aquelle que faz sempre, o que quiz uma vez livremente, si este, digo é escravo, onde está ? em que consiste o homem livre ?

Aquelle que imaginasse consistir a liberdade em seguir todos os seus caprichos, em mudar tantas vezes de vontade, quantas horas tem no dia, em querer, á cada instante, o contrario do que queria um momento antes, esse, digo, provaria que nada entende da liberdade. Tomaria por liberdade o que não é mais do que seu abuso, ou capricho.

VI.—Abaixo, pois, essa commiserção hypocrita da supposta infeliz condição do clero !

Abaixo essa calúnia que tacha de tyrannia e despotismo as leis santas da Igreja de Jesus !

Abaixo essa falsa sciencia, essa philosophia arrogante, que pretende corrigir a Igreja, essa instituição unica e divina á quem o Christo disse:

Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.
Ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.

Ainda uma vez digamos:

A Igreja não obriga ninguém ao sacerdocio, nem força ninguém ao celibato.

Ella recebe os que são chamados á este estado por uma vocação divina, mas só os recebe depois de mil provas, que tendem á impedir qualquer sombra de constrangimento, que possa occasionar um tardio arrependimento.

VI.—Para terminar este capitulo, accrescentemos a reflexão seguinte, que tem com elle intima connexão.

Em todos os tempos, nós vemos os papas e os bispos obrigados, como seus inferiores, á disciplina do celibato.

No meio das desordens dos seculos 10º e 11º, até na cadeira de Pedro penetrara a influencia perniciososa do ar infecto da sociedade.

Mas, (cousa admiravel !) porque esses papas, cu-

ja memoria nossos inimigos cobrem de opprobrios, aos quaes elles attribuem toda sorte de crimes, de desmandos e desordens de conducta, aos quaes por conseguinte a lei do celibato devia pesar, porque, digo, esses papas, tendo em suas mãos o meio facilimo de occultar as suas faltas, abolindo o celibato, todavia não aboliram ?

Certamente essa ideia não devia deixar de nascer-lhes no espirito. O poder de executal-a tambem não lhes faltava.

Tendo toda a auctoridade sobre a disciplina, elles podião bem supprimir este jugo, para substituil-o por uma lei mais commoda. Porque não o fizeram ?

Si elles não querião abrogar a disciplina, podião ao menos, na qualidade de legisladores supremos, se dispensar á si mesmos. Porque não o fizeram ?

Porque, entre todos estes papas, cuja conducta é denegrida pelos inimigos da Igreja, não apontão elles um só que se casasse ?

Nos seculos 10 e 11, muitos padres *fingirão* se casar (porque casar-se não podião) e se pretenderão casados, apesar da lei, cujo rigor suas paixões não podião quebrar.

A dispensa não era facil senão aos papas. E porque nenhum d'estes recorreu á essa dispensa ? Porque nenhum se casou ?

Os que attribuem a instituição do celibato ao despotismo dos papas, que nos digão si é proprio de um despota dar o exemplo de carregar o peso que impõe aos outros.

Si os papas impuserão o celibato ao clero, forão elles tambem os primeiros á dar o exemplo de obediencia e de inflexivel submissão á lei, apesar de ter

em suas mãos os meios de se desfazer desse jugo, apesar de suas proprias faltas pessoaes, apesar do mau exemplo que por vezes os rodeiava e da revolta de bom numero de seus subditos.

Onde já se viu um despotismo de tal sorte ? Onde já se ouviu dizer que taes sejam os predicados da tyrannia ?

Si isto é despotismo e tyrannia, então não sei o que se chamará rasão e justiça.

CAPITULO VII

Não foi Gregorio VII quem estabeleceu a lei do celibato ecclesiastico.

I.—Com o fim de attribuir á Gregorio VII o character de despota, os nossos inimigos se comprasem em consideral-o como o autor da lei do celibato, affirmando não ter existido, antes d'elle uma tal legislação na Igreja.

Nada mais ridiculo do que esta affirmacão mil vezes repetida.

Não se pôde commetter, em historia, erro mais revoltante, que só se explica por ignorancia grosseira ou por má fê e maldade, dignas da mais severa reprobacão.

E' o que vamos demonstrar provando: que Gregorio VII não foi o *instituidor* do celibato, mas simplesmente o seu *defensor e restaurador*.

Esses dois pontos farão o objecto deste capitulo e do seguinte.

II.—A disciplina ecclesiastica sobre o celibato resume-se no seguinte.

1.^o *Os clérigos, ordenados in sacris, não podem contrahir matrimonio depois de sua ordenação.*

2.^o *Elles não podem usar do casamento contrahido antes da ordenação.*

Ora esta disciplina *tinha sido geralmente aceita* (com pequenas modificações exigidas segundo os logares e os tempos) muito antes de Gregorio VII.

Provamo-lo, quer pelas decretaes de alguns dos seus predecessores, quer pelas disposições dos concilios geraes ou particulares.

Entre os Pontífices podemos citar S. Siricio, S. Innocencio, S. Leão Magno, S. Gregorio o grande (1), os quaes mais particularmente regularam a disciplina do celibato.

Examinemos a força de suas decisões.

A *decretal* mais antiga, que possuímos sobre o celibato dos clérigos, remonta ao anno 385. E' do Papa Siricio. Eis o seu motivo:

Na Hespanha era geralmente observada a lei do celibato, como consta pelo concilio de Elvira, que em breve citaremos.

Todavia alguns sacerdotes, máus observadores da lei da continencia, recusarão-se obedecer, em um momento dado, ás disposições desse concilio.

A causa foi levada ao Soberano Pontífice, que respondeu com admiravel força e sabedoria.

Elle combate vigorosamente o abuso, ordena aos

(1) S. Gregorio o grande bem differente de Gregorio VII que viveu 6 seculos mais tarde.

bispos que o reprimão, refuta os pretextos allegados pelos recalcitrantes e considera a sua conducta como *um crime, uma deshonra*.

Entre outras cousas elle diz: «*Nós todos, sacerdotes e levitas da nova alliança, somos obrigados, por uma LEI INVIOLAVEL, á datar de nossa ordenação, á guardar a continencia e a castidade, afim de que nossos corações e nossos corpos, desprendidos dos objectos terrestres, possam offerecer á nosso Deus sacrificios agradaveis* (1)

Note-se que em 385, S. Siricio já falla de uma *lei inviolavel; insolubili lege constringimur*, são suas palavras; lei que nossos adversarios, com presumptuosa ignorancia ou má fé, attribuem á Gregorio VII, aos papas e concilios da idade media e (é quasi incrível) mesmo ao concilio de Trento. (!)

Notemos bem que S. Siricio não promulga, não constitue uma lei. Elle a recorda simplesmente como uma das obrigações sacerdotaes. Elle a vinga e a mantém, como em differentes epocas mais tarde seus successores tambem fizeram, cada vez que novos abusos surgirão contra a disciplina do celibato.

S. Siricio não é pois o autor desta lei. Elle se apoia em toda a sua decretal sobre S. Paulo, e interpreta os canones do conc. de Nicea, que abaixo veremos.

No anno seguinte (386,) o mesmo pontifice respondendo á uma consulta dos bispos d'Africa, auxiliado de um conselho de 80 bispos, formulou suas respostas em canones. Em alguns destes, confirmou a doutrina que acabamos de ver, Elle condemnou tambem Joviniano monge apostata, adversario do celibato.

No seculo 5º, S^{to} Innocencio e S. Leão Magno reno-

(1) Decret. S Siricii, c. 7 Labb. t. II, 1019

varão, em varios decretos, as prescripções revindica-
das por S. Siricio.

Innocencio I, sobretudo, reproduziu a firmeza de Si-
ricio, quando Vigilancio renovou o erro de Joviniano.

Foi aos bispos da Gallia (França) que elle dirigiu
duas cartas, dignas de seu zelo e de sua sciencia.

Elle chama a disciplina do celibato uma legislação
divina; affirma que desde o principio o celibato foi
posto em pratica; invoca a autoridade de S. Paulo; re-
futa as objecções tiradas das Escripturas; ordena emfim,
como seus predecessores, a deposição dos clérigos re-
calcitrantes sobre este ponto, salvo se fizessem peni-
tencia e deixassem suas mulheres.

No seculo 6.^o, Pelagio II e S. Gregorio Magno in-
terveem na mesma questão, relativamente aos sacer-
dotes da Sicilia.

Estes exemplos historicos bastão para refutar, sem
mais commentarios, a affirmação do estabelecimento
do celibato ecclesiastico por Gregorio VII, com o fim
unico e manifesto de attribuir á este eminente ponti-
fice um character de despotismo incompativel com a
santidade, com a grandeza d'alma, com a rectidão
d'espírito deste augusto defensor da Igreja, cuja me-
moria foi tão cabalmente vingada pelo protestante
Voigt.

Entre os predecessores immediatos de Gregorio VII,
poderiamos ainda citar Benedicto VIII, que renovou a
antiga prohibição do casamento dos padres em um
concilio de Pavia, em 1012.

Gregorio VI, Leão IX, Estevão IX fizeram o mesmo.

Nicoláu II prohibiu aos fieis de assistirem á Missa
dita por um padre casado.

Alexandre II, em 1063, renovou esta prohibição.

IV.—Estamos na vespera do pontificado de Gregorio VII, na segunda metade do seculo onze. A legislação sobre o celibato está perfeitamente formulada.

Não foi senão nesta epoca, isto é, em 1073, que Gregorio VII subiu ao throno pontificio.

Estariamos pois, desde já, com direito de perguntar como se lhe pode attribuir o estabelecimento de uma tal disciplina.

—Antes porem de entrar nesse exame estudemos a *segunda fonte* dos documentos relativos ao celibato até essa epoca. Queremos fallar dos *concilios geraes ou particulares*, os quaes, sobre tudo nos primeiros seculos, erão tão numerosos e de tão grande influencia na Igreja.

V.—Si consultarmos as disposições conciliares, observaremos que, desde cedo, a disciplina do celibato formou um dos objectos principaes de suas decisões.

Os documentos que nos restão dessas respeitaveis assembléas, remontão mesmo á uma epoca bem anterior a do primeiro decreto pontifical sobre o celibato.

Todos os concilios, cujas actas chegarão até nós, á voz unanime, *recordão* aos clerigos ligados pelas ordens sacras, a lei do celibato como uma lei vinda dos apóstolos.

Nenhum d'elles julga introduzir coisa nova, preservando a observancia desta lei e decretando penas contra os que a violão.

Sentimos vivamente não poder citar *in extenso* as proprias palavras destes veneraveis concilios. Ellas são tão numerosas que depassarião os limites que nos traçamos.

(1) Goshler, *Dictionnaire Encyclopedique*, art. célibat. *conc. Tid.*; c. 1 e 2. Hardouin, *conc.* t. VI p. 1—coll. 813.

Limitar-nos-hemos á citar o nome e epoca de alguns e, em *notas*, a indicação dos canones disciplinares sobre a materia em questão.

O concilio d'Elvira na Hespanha, reunido em 305, e um dos mais notaveis, quer pela sua precisão, quer pela antiguidade de sua data, assim se exprime:

«Approuve ao Santo Concilio ordenar aos sacerdotes, aos diaconos e aos outros clerigos, collocados no ministerio, de privar-se de suas mulheres; todos os os contraventores desta prohibição serão degradados da clericatura.» (1)

Um pouco mais tarde, no Oriente, um concilio de Neocesaréa, (em 314) diz: Si um padre si casar seja deposto de suas ordens.

Si tal era a disciplina de Igreja, antes da decisão de um concilio universal, depois do concilio ecumenico de Nicéa muito menor duvida pode haver sobre esta materia.

Com effeito, em 325, a Igreja catholica, quer do Oriente, quer do Occidente, reuniu-se pela primeira vez, em concilio geral, na cidade de Nicéa

Ora, eis aqui a regra estabelecida por essa respeitavel assembléa:

«O grande Concilio prohibe absolutamente á qualquer bispo, padre ou diacono e á todo o que estiver alistado no clero, ter em sua casa qualquer mulher sub-introducta excepto mãe, irmã, tia, ou então pessoas isentas de toda suspeita.

VI.—O testemunho destes concilios, no Occidente e no Oriente, mostram que no terceiro seculo já o celibato sacerdotal era uma disciplina geralmente rece-

(1) Conc. Eliberit. Can. 33. Labb. 1. p. 208.

bida. Era impossivel que essas duas assembléas estabelecessem canones de tanto rigor, sem que uma protestação geral se levantasse.

Uma disciplina de tão alta importancia não se estabelece de um dia para o outro.

Si esses dois concilios servião-se de uma linguagem tão rigorosa, é que certamente a pratica do celibato no sanctuario, remontava á tempos muito anteriores, e ligava-se certamente á uma tradição apostolica.

Como dizem Tertuliano e Santo Agostinho, toda pratica universalmente recebida na Igreja, cuja primeira data é impossivel fixar, remonta aos apostolos: porque seria impossivel não encontrar ao menos indícios da innovação, da introduccão de uma tal pratica, em tal ou tal epoca, em alguma das numerosas Igrejas particulares de que se compõe a catholicidade.

Tudo o que conhecemos á este respeito vae sempre remontando e referindo-se aos tempos apostolicos (1).

VII.—Não precisaria mais do que estes tres documentos para derrotar nossos adversarios.

Mas, para mostrar que realmente a pratica do celibato era universalmente recebida desde muito na Igreja, continuemos a nomenclatura dos outros concilios que em differentes paizes se occuparão desta materia ao menos até o 6.^o seculo.

(1) Não temos aqui por fim mostrar que realmente o celibato é de instituição apostolica. Qual seja a nossa maneira de pensar á este respeito, já manifestamos na I part. cap. IV. pag. 37. O nosso fim no presente capitulo é simplesmente mostrar que a legislação sobre o celibato é muito anterior á Gregorio VII e que é um erro historico intoleravel ensinar ter sido elle o seu instituidor. Para isso não precisa remontar até os apostolos. Basta mostrar como temos feito, que muito antes de Gregorio VII a Igreja universal legislara sobre esta materia.

Na Hespanha: os diversos concilios de Toledo, em 400, 589, 597, 633, 653 e o de Girona em 517.

Na Italia: os concilios de Turim, 397; de Veneza, 465, e o de Milão, sob Santo Ambrosio, acolhendo e louvando, em sua resposta ao papa S. Siricio, a decretal que condemnava os erros de Joviniano.

Em França os Concilios d'Orange, Arles, Agde, Epone, Clermont, Orleans, Tours, Lyão, em 441, 452, 506, 517, 535, 538 e 544, 567 e 583.

Na Africa, emfim, os dous concilios de Carthago, em 390 e 398, formão, com os dos outros paizes, um concerto admiravel de doutrina e de disciplina, o mais completo que se possa imaginar sobre o celibato ecclesiastico.

Concerto esmagador para os que com leviandade incomparavel ousão attribuir ao celibato uma data recente, concerto consolador para os que amão as velhas glorias da Igreja e que se comprazem em apreciar as instituições contemporaneas, sob o ponto de vista de sua perpetuidade santa (1) !

VIII.—Depois de tantas decisões conciliares, de tantos canones disciplinares relativos ao celibato, publicados quer nos concilios geraes, quer nos concilios particulares, aos quaes participarão em differentes epochas milhares de bispos de todas as partes do orbe catholico; depois das decretaes de Siricio, de Innocencio Iº, de Pelagio II, de Leão Magno, e mais tarde de Benedicto VIII, de Gregorio VI, de Leão IX, de Estevão II, de Nicolao II, e emfim de Alexandre II, em 1063, depois de tudo isto, dizei-me o que foi que Gregorio VII poudé innovar ? o que foi que Gregorio

(1) Todos os decretos dos concilios que citamos se achão na colleção Labbe, na ordem das datas que assignalamos.

VII poudo introduzir ? o que foi que elle poudo impor de novo, em 1073, quando subio ao throno pontifical ?

«A resposta é simples, diz Goschler. Qual foi a inovação feita por Gregorio VII ? Nenhuma »

Fica por tanto provado o 1º ponto—*Gregorio VII não foi o instituidor do celibato.*

Mas donde vem então que os inimigos da Igreja se enraivecem tanto, em torno da memoria de Gregorio VII, e lhe attribuem a instituição do celibato de preferencia á tantos outros que effectivamente legislaram sobre esta materia ?

E' que Gregorio VII foi *o restaurador, o defensor e o revindicador* energico desta salutar disciplina, em uma epoca em que tudo conspirava, fóra e dentro do sanctuario, para destrui-la.

E' o que vamos ver no capitulo seguinte.

CAPITULO VIII

**Gregorio VII não foi o instituidor,
mas o defensor e restaurador
do celibato ecclesiastico.**

(Continuação.)

I.—A natureza humana é sempre e por toda parte a mesma.

A corrupção procurará em todos os lugares e em todos os tempos satisfazer-se.

E' essa a triste condição do homem, depois do peccado.

Mas, si á esta tendencia de prevaricação veem juntar-se circumstancias favoraveis, e, por assim dizer, provocadoras, então é bem para temer que as instituições austeras venhão á sentir a influencia perniciosa da atmosphera que as cerca, que se fação tentativas rebeldes para sacudir o jugo importuno á natureza, e

que emfim os escandalos arrebenhem mesmo nos logares mais santos.

O celibato, como todas as outras instituições, também está condemnado às suas vicissitudes.

No curso da historia, varias vezes, vimos os papas e os concilios voltar á este assumpto e reivindicar esta lei, ora com exortações, ora com ameaças.

Nos seculos 10 e 11, mais que nunca, o celibato foi ameaçado. Tornou-se objecto dos mais perfidos e perseverantes ataques.

Nada foi esquecido para abolil-o completamente.

Então, como hoje, comprehendia-se que a vida da Igreja funda-se nelle e que, ferida nesta veia, ella está, á julgar humanamente, ferida de morte.

II.—O desejo de honras e de riquezas, que impellia os grandes senhores á penetrarem no sanctuario, (afim de obter as dignidades ecclesiasticas) e a ingerencia dos principes e dos reis, que invadindo a esphera ecclesiastica distribuião as dioceses e abadias aos seus favoritos e ás suas creaturas, forão duas grandes causas da corrupção do clero, nos seculos 10º e 11º.

O *laicismo*, penetrando assim no sanctuario, fez entrar comsigo a simonia.

Desde que esta poudereinar como soberana, produziu-se a incontinencia do clero, e com ella todas as desordens que d'ahi decorrem.

O supremo fastigio da dignidade ecclesiastica não poudescapar á estas influencias geraes.

O throno pontifical não tardou á ser tratado pelo imperador da Allemanha, e sobretudo pelos principes e familias ricas e influentes d'Italia, como um feudo.

Por meios humanos elles fizerão occupar a cadeira de Pedro por alguns de seus favoritos.

Assim a Igreja tornava-se presa de quasi todas as soberanias avidas da epoca.

Felizmente, como sempre, ao lado do mal se achava o bem.

A pintura que acabamos de fazer do seculo 10 e do seculo 11 seria insufficiente e inexacta se não fizéssemos restricções.

Estes seculos, reputados tão tenebrosos, não forão sem luzes e sem consolações para á Igreja.

A corrente de bem era porem quasi insufficiente para deter a corrente de mal.

III.—Os religiosos, mais ao abrigo das doutrinas do mundo, oppunhão uma seria resistencia á corrupção.

A sua acção porém não bastaria, si do seio de seus conventos reformados não surgisse Hildebrando, esse monge incomparavel que, sob o nome de Gregorio VII devia restituir o esplendor exterior da Igreja.

Era preciso, com effeito, para tão grande empreza, a autoridade deste grande papa que a Igreja collocou sobre os seus altares, que os jansenistas, gallicanos e incredulos arrastarão na lama e cuja gloriosa memoria foi rehabilitada pelos historiadores protestantes.

Gregorio VII, diz o protestante Dr. Voigt, «era um genio vasto, rico, fecundo em recursos, igualmente versado nas lettras sagradas e profanas, forte e invencivel na adversidade, moderado na prosperidade, modesto, sobrio, casto, hospitaleiro, não devendo a sua elevação senão ao seu merito e á sua virtude; em uma palavra, é difficil dar-lhe elogios exagerados, porque elle lançou, por toda parte, fundamentos de uma gloria solida.»

«Pastor supremo das almas resgatadas pelo sangue de Jesus-Christo, diz o conde de Montalembert, elle

não devia soffrer que o seu numero fosse diminuido, que a santidade dos sacramentos e do sacerdocio fosse sacrificada á interesses humanos, que a torrente auxiliadora da graça fosse assim corrompida em sua fonte, por novidades profanas, e que o deposito da doutrina, dos costumes e da consciencia dos povos christãos fosse confiado á mãos impuras, avaras e servis.»

A' vista das desordens que reinavão no sanctuarios o seu coração partia-se. Elle sentia sua alma ralada de dôr e pedia á Deus de tirar-lhe a vida ou de torna-lo util á sua Igreja.

A empreza de regeneração fôra encetada pelos seus illustres predecessores, cujos nomes citamos: Leão IX, Nicolão II, Alexandre II e outros.

Ao antigo monge de Cluny estava porem reservada a grande e difficil missão de restituir á Igreja sua independencia e sua disciplina.

Passemos em silencio as suas lutas contra as usurpações dos soberanos, para não fallar senão do que elle fez para restaurar a honra e santidade do clero.

IV.—Apenas elevado ao throno pontifical, em 1073, Gregorio comprehendeu que a Igreja não podia ser libertada da escravidão dos grandes, senão libertando os padres da escravidão da mulher.

Com esse fim elle reúne concilios em Roma.

Renova e põe em *vigor os decretos* de seus predecessores.

Condemna os casamentos dos clerigos.

Extirpa a simonia, causa da incontinencia. Prohibe, sob pena de excommunhão, á todo secular, qualquer que fosse sua autoridade, de dar, e á todo clerigo de receber a investidura de um bispado ou de qualquer outra dignidade ecclesiastica.

Esses decretos erguerão opposições formidaveis na Italia, na Allemanha e na França da parte dos principes, que se consideravão lesados em seus direitos regalistas, e da parte dos numerosos bispos, padres ou abbades simoniacos e favoritos.

Mas Gregorio VII não era homem á ceder aos obstaculos.

Elle escreve cartas sobre cartas, multiplica os concilios; reitera as legações; accusa os bispos fieis de negligencia e pusillaniedade, anima os fracos, intimida os mais resolutos e ordena aos leigos de não reconhecer os bispos que permittissem aos seus clerigos ter concubinas. ⁽¹⁾

Diante de tal energia o mal recuou.

A independencia da Igreja e a dignidade do sacerdocio forão salvas, embora uma tal victoria custasse ao illustre pontifice, depois de onze annos de lucta, a morte no exilio.

V.—Eis ahi o que grangeou á Gregorio VII o titulo de despota da parte dos nossos inimigos.

Eis ahi o que fez que se lhe attribuisse a instituição primitiva da lei do celibato.

Tudo se reduz, em verdade, á uma reforma feita com energia e bom senso.

Em sua *Apologia* Gregorio não cessa de *reproduzir* a antiga lei.

Elle segue passo á passo a historia da tradição do celibato.

Cita os concilios e as decretaes de seus predecesores e não pretende de modo algum innovar. Elle protesta, pelo contrario, em diversos logares, contra

(1) Apol. Creg. VII, Labb. t. X, pag. 324 e s. *in*

toda ideia de innovação Gregorio VII restabelece, restaura.

Elle não estabeleceu o celibato dos padres. Salvou-o. E' esta uma das suas glorias.

VI.—Antes de exhalar o ultimo suspiro, longe da cidade eterna, elle poudo exclamar: — «Amei a justiça e odiei a iniquidade, eis porque morro no desterro.»

Assim, o amor do dever, o odio da iniquidade, o desejo de agradar á Deos e de salvar sua alma, salvando as de seus irmãos, a santidade, em uma palavra, tal foi o mobil de todas as acções do immortal campeão da Igreja.

O meio mais seguro de apreciar imparcialmente S. Gregorio VII é ler o *Registro* de suas *Cartas*.

«Nesses escriptos, feitos ás pressas e nas circumstancias mais diversas, não se encontrará jamais, diz o conde de Montalambert, uma só passagem, uma só linha, em que se revele o menor traço de egoismo, de ambição pessoal, de resentimento, em uma palavra, de nenhuma das paixões inferiores da humanidade.»

Querer pois attribuir á S. Gregorio VII a instituição do celibato ecclesiastico, e sob este falso supposto chamal-o despota, é não só um erro crasso em materia d' historia, mas ainda uma injustiça manifesta, uma parcialidade intoleravel contra a memoria deste venerando pontifice.

VII.—Ao que precede accrescentemos esta observação geral:

Si chamaes Gregorio VII despota, porque instituiu segundo dizeis, ou porque restaurou segundo affirmamos, o celibato ecclesiastico, evidentemente, como diz Mr. Pavy, é preciso remontar esta accusação aos primeiros instituidores do celibato.

Mas neste caso os despotas são os apóstolos, os primeiros papas, homens venerados pelos proprios hereges e que terminarão pelo martyrio seu apostolado de caridade; são enfim os grandes bispos do Oriente e do Occidente, cuja memoria é a mais bella perola do diadema da Igreja e da humanidade !»

Eis ahi quaes serão os verdadeiros despotas, o que é absurdo.

Demais, continua elle, «a idade em que imperou esse singular despotismo teria sido a idade das maiores glorias da Igreja e a da pureza dogmatica dos ensinos, segundo o diser dos mesmos protestantes.

Ora esses homens veneraveis e essa idade santa (demonstramos á saciedade) não pretenderam a gloria de ter estabelecido o celibato dos padres.

Vae-se sempre de concilio em concilio, remontando aos tempos apostolicos.»

Mas si esses não podem ser chamados despotas, muito menos ainda o é Gregorio VII, que não fez mais do que defender e restaurar as leis promulgadas por seus predecessores.

CAPITULO IX

Não se deve abolir o celibato sob o falso e ignominioso pretexto de melhorar a moralidade do clero.

I— Si o celibato fosse universalmente bem observado, continuão nossos adversarios, estamos certos que elle honraria a Religião, a Igreja e o sacerdocio, mas....ha tantas quedas, tantas infracções da lei, tantos escandalos, que o celibato deve ser abolido para maior honra e moralidade do clero.»

Vós esperaes talvez, que neguemos essas infracções, essas quedas, esses escandalos, para evitar a objecção. Não. Não precisamos recorrer á mentira para defender a verdade. Esta contem em si mesma seus elementos de defesa.

Aceitamos pois vossos gemidos, não fazendo senão um voto: é que esses gemidos sejam sinceros.

II.—Ah! sim. Seria bom que não se visse reinar no sanctuario nenhuma paixão ruinosa, grande ou pequena; seria bom que todo padre realisasse o idéal que o mundo faz, e com razão, de sua pessoa, mostrando-se doce e firme, digno e bom, casto e dedicado; seria bom emfim que não se visse o padre, senão á sombra do santuario, na cabana do pobre, á cabeceira do enfermo, em summa, onde o chamasse o dever.

Infelizmente nem sempre é assim. Infelizmente ha faltas bem deploraveis, comettidas por aquelles mesmos que deverião dar o exemplo de uma conducta illibada.

A corôa virginal nem sempre é a auréola gloriosa que illumina a fronte do sacerdote, mas o clarão sinistro, que redobra o horror do abysmo em que rola, de tempos á outros, algum padre infiel e infractor de seus votos.

No santuario surgem ás vezes novos Judas que, com osculo traidor, vendem de novo o divino Mestre, e o clero geme sob o peso de uma defecção deploravel e de escandalos graves da parte de algum de seus membros transfuga.

III.—Deus assim quer

Elle assim o permite para maior realce dos bons, para melhor provar a fé dos crentes, emfim, para melhor firmar a divindade de sua Igreja.

Optimamente o prova o Padre Marchal servindo-se da seguinte imagem:

«Vêde um navio que singra com rapidez a face do Oceano e chega ao porto, apesar das tempestades, depois de haver evitado todos os escolhos.

«O que direis de um tal phenomeno? Direis que

tal phenomeno nada tem de extraordinario, porque é perfeitamente natural que um navio com vento á pôpa, tripolação feita, piloto habil e bom leme chegue ao porto.

«Mas si o vento calhe, si o leme parte-se, si o piloto dorme, si os cordames cortão-se, e apesar disto o navio evita os arrecifes, triumphá da procella e chega ao porto; clamareis—milagre!

«Pois bem a santa Igreja é essa barca mysteriosa que, lançada pelo Christo sobre a face das ondas, affronta as tormentas e recolhe em seu transito todas as almas perdidas.

«Si em todos os tempos, ella não tivesse contado senão bons papas, santos bispos, sacerdotes sem macula, ter-se hia podido não ver em sua marcha átravez dos seculos, apesar de todas as conspirações da força, do genio e da carne, senão um phenomeno puramente humano.

«Mas, Deus não quiz assim.

«Elle não permittiu que provação alguma faltasse á sua esposa, nem mesmo a do escandalo

«De tempos á tempos, elle permite o vento contrario e deixa dormir a tripolação, afim de que a humanidade, vendo a arca santa navegar sempre, sem se quebrar contra os escolhos, possa exclamar: *Digitus Dei est hic*, o dedo de Deus está aqui.»

Eis ahí a conclusão que deveria tirar todo o homem rasoavel, na hypothese mesmo da veracidade de todos os escandalos inventados pela historia parcial ou pela imprensa impia, e attribuidos ao clero

Mas, como temos adversarios que não raciocinão deste modo, refutemos os erros contidos na objecção acima indicada:

—1.º Ha infracções e escandalos por causa do celibato.

—2.º Deve-se abolir a lei do celibato para por termo á essas desordens.

—3.º A influencia *moralisadora* do clero *casado* é superior a do clero *celibatario*.

Os dous primeiros pontos formarão o objecto deste capitulo, do terceiro, que é o principal, nos occuparemos no capitulo seguinte.

IV.—*Ha infracções e desordens, por causa do celibato, dizeis vós.*

Mas o que importa, si esses escandalos apparecem de longe em longe e como nuvens ligeiras em um céu sereno?

O que importa, si postos, em uma balança, de um lado os beneficios que o celibato produz e os males que elle impede, e do outro as desordens e escandalos que sua violação produz, quando ainda a somma de bem é mil vezes superior á somma de mal?

Ha quédas e escandalos no clero por causa do celibato! Mas apesar destas infracções e desordens, o celibato deixará de ser o que já demonstramos,—a instituição mais elevada, si consideramo-la em seus resultados?

Ha infracções e desordens! Mas são ellas tão *graves*, tão *geraes*, tão *communs* quanto pretendeis?

Não, não podeis apresentar-nos como prova senão *factos isolados*, quanto a epoca, quanto aos logares e pessoas.

Ora pergunto-vos: será licito julgar de uma corporação e das leis que a regem, e sobre tudo de uma corporação como o clero, será licito, repito, julga-la pelo retrato de meia duzia de seus membros infieis?

V.—O simples bom senso nos diz que assim como se pôde attacar uma corporação em geral, sem attacar seus membros em particular, (que podem ser excellentes) assim tambem se pôde fulminar a conducta de certos individuos, sem attacar á classe ou corporação á que pertencem, nem offender as leis que a governão.

Porque não applicar ao clero esta regra de tão facil intuição e de tão simples applicação?

Ha padres que deshonrão a pureza do seu estado, que violão a lei do celibato, admittimos. Si no pequeno numero de doze, escolhidos pelo Christo, houve um apostata, não é de admirar que, hoje, que a Igreja conta milhares de ministros, exista mais de um traidor.

Mas, dever-se-ha d'ahi estender a culpabilidade á todo o clero, ou antes corrigir os criminosos e sustentar a lei?

Tambem ha desertores no exercito e covardes nas batalhas, mas, culpar-se-ha o exercito da defecção de uns e outros, ou punir-se-hão os criminosos?

VI.—Ha quédas e escandalos por causa do celibato.

E' certo, ainda uma vez concedemos, por amor da paz.

O que porem é soberanamente mais certo ainda, é que a queda moral de um padre é sempre um grande acontecimento de dôr e de luto para a Igreja, de triumpho e alegria para os máos, porem é sempre um grande acontecimento.

Faz-se barulho; falla-se; exagera-se; commenta-se o facto; os jornaes o publicão; os livros o registrão; muitas vezes o theatro pernicioso o reproduz.

Mas, porque? E' porque as manchas só se veem e

sò se contão bem sobre um fundo branco. E' porque as defecções dos ministros da Igreja são raras, rarisimas e sem proporção alguma com as defecções nos outros estados, mesmo no estado conjugal...

Voltaire, que por certo não amava os padres, dizia:

«A vida secular foi sempre mais viciosa que a dos padres, mas as desordens destes são sempre mais notadas por causa do *contraste* com a regra» (1). Isto significa que as desordens dos padres são mais notadas, não porque sejam mais numerosas, mas porque são mais raras, e porque os que as notão com tanto cuidado reconhecem por isso mesmo, que ellas são a excepção, a pequena excepção.

Deste modo fica respondido o primeiro ponto da objecção. Passemos ao segundo

VII.—Ha violações do celibato. E' certo Mas d'ahi vós concluis com uma logica inexoravel que *é preciso destruil-o*?

E porque?

«Singular raciocinio, exclama Mr. Pavy, que consiste em dizer que è preciso arrancar uma arvore por que tem algumas folhas mortas, destruir uma casa porque uma pedra cahiu do muro, destruir um estado porque houve um ministro prevaricador!

Porque um astro empalidece no Céu, querer-se-ha extinguir estas myriades de fachos, que brilhão com uma claridade tão pura debaixo de sua abobada.

Porque um caniço verga e torna-se a zombaria dos ventos, querer-se-ha derribar essas antigas e verdes florestas, que affrontão altivamente as procellas?

Porque algumas vergonteas de joio misturão-se com as espigas, por-se-ha fogo á colheita?

(1) *Essai sur les mœurs*, t. II, p. 112.

Nunca houve porventura negociantes improbos, magistrados indignos, juizes iníquos, chefes injustos, empregados insolentes ou depredadores, esposos e esposas infieis ?

Ir-se-ha por isso destruir as instituições, onde se paixão taes desordens ?»

Não seria preciso, com taes principios, destruir tudo o que ha de mais sagrado sobre a terra, porque se abusa de tudo ?

Não seria preciso destruir o poder porque ha tyrannos, a virtude porque ha hypocritas, a logica porque ha sophistas ?

A rasão menos esclarecida nos ensina que os abusos devem ser imputados ao prevaricador, que se revolta contra a lei. Seria clamorosa injustiça imputa-los á propria lei que os condemna.

Ella nos diz ainda que não compete ao delicto neutralizar a lei, mas que compete á lei corrigir e reprimir o delicto.

Fazer o contrario, é authorisar a desordem, e a anarchia.

A immoralidade dos ecclesiasticos, que violão a lei do celibato, prova tanto contra o celibato, quanto o adulterio contra as leis que regulão os deveres do matrimonio.

VIII.—Sabei, vós, que vos compraseis em apontar essas desordens, sabeis que si ha apostatas, a Igreja é a primeira á condemna-los e fulmina-los com suas penas, assim como é a primeira á gemer sobre o desvario desses filhos prodigos.

Sabei ainda que si ha quédas e deserções nas fileiras do clero, estas se explicão por um certo numero de vocações que o Espirito de Deus não dictára; pela

fragilidade inevitavel de alguns homens sobre um tão grande numero de puros e de fortes; pelas seducções do mundo; e a maior parte das vezes por um concurso de circumstancias delicadas, circumstancias que do primeiro golpe, sem resistencia e sem remorsos, terião derribado todos os que nos ultrajão, circumstancias contra as quaes um pobre padre lutou talvez annos inteiros, para se condemnar, depois de alguns instantes de fraqueza, á uma vida de arrependimento e de lagrimas. Eis ahi porque ha quédas.

IX.—*Mas, si os padres se casassem*, insistem nossos adversarios, *não haverião infracções do celibato*, não haverião por conseguinte os escandalos; d'ahi maior honra, respeito e moralidade para o clero.

E' claro, como trez e dois são cinco, que *si os padres se casassem não violarião a lei do celibato*.

Ninguem pode violar uma lei que não existe ou á qual não está sujeito

Mas, si como é mais certo, o padre casado não infringisse as leis do celibato, não estaria sujeito á infracções de outro genero?

Não poderia scandalisar os povos, violando as santas leis de matrimonio?

Não poderia tornar-se mau pae, marido brutal, esposo infiel e violar os juramentos, que tivesse feito ao pé dos altares?

E aquelle que calca aos pés os seus votos de subdiacono, respeitaria melhor os seus compromissos de esposo?

Vós nos fallaes do estado matrimonial, como si tudo ali se passasse segundo a santidade e segundo o dever.

Mas... não é verdade que este estado não é santo

senão para os santos, e não é puro senão para os puros ?

Não é verdade que pode também haver infracções contra o matrimonio como contra o celibato ?

Infelizmente essas infracções são mil vezes mais numerosas do que se pensa, assim como as infracções contra o celibato são mil vezes mais raras do que se diz.

A differença entre umas e outras é que as violações do celibato *não se podem occultar, em quanto as violações do matrimonio tem o leito conjugal para encobrir.*

X.—Tu mesmo que, sob um ignominioso e falso pretexto, offereces o matrimonio como um abrigo á moralidade do clero, tu mesmo que exprobras os escandalos do clero, que bradas contra a fraquesa de um ou outro padre que cahe, estiveste sempre na altura de esposo fiel ? Sim ou não ?

Como ! tu trahes cem vezes, em proveito de teu egoismo, uma esposa que recebeu teu juramento, que te offerece com a satisfação dos sentidos as alegrias do coração, e ousas depois lançar gritos esfarripados, sabendo que um infeliz padre se pareceu contigo uma hora, imitando tua frouxidão ?

Como ! Tu te espantas que todo padre não bque ao cume do seu ideal de perfeição, quando tu mesmo não attinges ao cimo do teu, que não passa de uma colina comparada á uma montanha ?

As almas cerrompidas farão sempre um brino sacrilego das mais santas instituições.

Ellas serão infieis aos compromissos do matrimonio, tanto quanto aos votos do celibato.

Em um e outro estado é preciso sinceridade pureza de intenção.

Depois destes argumentos, que podemos chamar theoricos, desçamos aos factos.

Respondamos á terceira parte da objecção, a saber: si a moralidade e prestigio do clero casado são superiores a do clero celibatario.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CAPITULO X

**Não se deve abolir o celibato sob pre-
texto de moralisar o clero. Despres-
tigio do clero russo por causa do ca-
samento.**

(Continuação do precedente.)

1—Vós batalhaes pelo casamento dos padres.

Suppondo que o clero casado seria mais mora-
lisado, mais digno de imitação, mais cheio de presti-
gio, de respeito, de consideração, mais digno da con-
fiança dos povos.

Pois bem, esse clero existe. Existe em diversos
paizes, e em numero assaz crescido.

Realisa elle o ideal que formaes de um clero ca-
sado ?

São os seus membros mais respeitados ? Fornecem
elles o typo de moralisação, que desejaes encontrar no
padre, que é ao mesmo tempo ministro da Igreja e
chefe de familia ?

Ah ! infelizmente uma decepção cruel vem responder á vossa injusta e ignominiosa presumpção.

A voz dos factos, mil vezes mais eloquente que todas as nossas palavras, vae responder por nós e provar que o clero casado está, e estará sempre, abaixo e muito abaixo do nivel moral do clero catholico celibatario.

Ora, despreza-se o ministro por causa da mulher orgulhosa, activa, leviana, maldizente, caprichosa, prodiga, ciumenta, indiscreta, talvez mesmo infiel. (1)

Ora, despreza-se o homem da Igreja por causa dos filhos libertinos, insolentes, prodigos, maliciosos, desobedientes.

Ora, emfim, despreza-seo padre casado por causa de sua propria conducta.

A historia vae contar-nos qual é o estado do clero, nos paizes, onde apagou-se a chamma da virgindade clerical, e onde uma esposa veio partilhar o leito do padre.

Bem longe de poder ao menos attingir o mesmo grão de moralisação de que gosa o clero celibatario, a historia nos diz que o casamento dos padres, nos paizes em que elle foi admittido, tornou-se uma causa perenne de desprestigio, de desconsideração, em uma palavra, de desmoralisação para o clero.

II.—E' tristonha a pintura, é sombrio o quadro que vamos desenhar aqui.

Elle servirá porem para mostrar quanto é culpada,

(1) Nem sempre todas estas *excellentes qualidades* se reúnem na consorte do padre, mas o que é indubitavel é que sobre essa multidão innumeravel de padres casados (mais numerosos ainda pela liberdade do casamento) um certo numero não poderia deixar de cahir em um ou outro dos laços, que offerece tantas vezes o casamento.

para não dizer absurda, a conducta de um clero que rompe com a Santa Sè, sob pretexto, de liberdade e de independencia, e para provar peremptoriamente o erro em que laborão os adversarios do celibato clerical.

Sendo importante esta materia, faremos objecto de mais de um capitulo o estudo comparativo do clero catholico celibatario com o clero casado das communhões dessidentes.

III.—A Russia nos dará assumpto para o presente capitulo.

«Si quereis conhecer,» diz o Padre Perreyve, professor da Sorbonna, em Paris, «si quereis conhecer á que grão de baixesa e aviltamento pôde cahir o pobre padre despojado da corôa virginal, é na Russia que convem considera-lo (1)

«Nada pôde ser comparado á desmoralisação do clero russo, cuja ignorancia iguala aos vicios, diz-nos Xavier de Hell, autoridade reconhecida pelo ultimo mperador.

«A maior parte dos monges e dos *popes* (assim são chamados os padres russos) passa a vida em um estado de embriaguez vergonhosa, que os torna incapazes de preencher decentemente suas funcções religiosas.

«Perderão toda ideia de uma missão sagrada,—este autor falla sobretudo do clero das parochias ruraes;—só a presença dos *popes* inspira tédio e espanto.

«Ao vêr esses homens com a barba inculta, com as faces entumecidas pelo vinho, com as roupas sujas (provas evidentes de uma ausencia total de respeito

(1) Entrétiens sur l'Eglise catholique, tom. II, chap 8

para comsigo mesmos), não se póde conceber que elles sejam os apostolos da verdade.» (1)

«Não tendo sombra de influencia e de poder no imperio, (attesta um escriptor inglez, defensor caloroso do Czar) elles não teem rivaes, em materia de ignorancia de grosseria, e posso dizer, de degradação, em nenhuma religião do mundo, sem exceptuar a Grecia, cujos indigenas considerão os membros do baixo clero como os individuos mais debochados do globo». (2)

«Em todas as canções das ruas e obscenidades populares, asségura um auctor russo, o padre, o diacono, e suas mulheres, são sempre decantados como exemplo de absurdo e de ridiculo» (3)

«Em quatro annos, de 1836 á 1839, segundo o relatorio feito pelo pretenso *santo synodo* á seu presidente, official de cavalaria, e ajudante de campo do imperador, (!) *trese mil quatro centos e quarenta e trez ecclesiasticos*, ou um sexto de clero russo, havião sido condemnados por crimes e infamantes.» (4)

Tourgeneff descreveu «a condição abjecta dos *popes* e o altivo desdem com que são tratados pelas classes superiores dos camponeses. (5)

(1) *Les Steppes de la mer caspienne* por Xavier Hommare de Hel., Chevalier de l'ordre de St. Vladimir; tom. I, chap. 8, pag. 120, 1843. Varshall:—*Les Missions chrétiennes*, tom. II, chap IX, pag. 136.

(2) *Personals Adventures in Georgia, Circassia, and Russia* pelo official Poulett. Cameron vol. II cap. v. (1845).—*Marshall*—oco citato.

(3) étado por Doellinger.

(4) Theiner—*L' Eglises schismatique russe*, chap. VI.—*Marshall*—l. c.

(5) *La Russie et les Russes*, por M. A. Tourgeneff, tom. III pag. 10.

Segundo de Hell, já citado, «quando convem aos senhores infringir ao *pope* algum *castigo corporal*, este curva humildemente a cabeça para receber a pena.» (1)

Um secretario da embaixada austriaca junto á côrte de Pedro o Grande da Russia, pinta d'este modo os costumes dos *popes*:

«Os *popes*, diz elle, não se comportão melhor do que a populaça.

«Muitas vezes se os vê ebrios e cambaleando nas principaes ruas da cidade.

«A cruz, preciosa imagem de nossa redempção, que esses vis scelerados trazem comsigo, muitas vezes rola com elles nos regatos em que cahem, depois de suas copiosas libações. (2)

IV.—Somos obrigados á restringir as citações para ganhar tempo e espaço. Ellas abundão nos escriptos de homens de todos os paizes e de todas as crenças.

Esta circumstancia não deve passar desapercebida.

As accusações feitas contra o clero catholico sobre vida e costume são ordinariamente filhas de odio entranhado contra a Religião e contra a Igreja.

Os testemunhos que acabamos de exhibir e que ainda exhibiremos sobre o clero russo e outros que, rompendo com a Santa Sé, adoptarão o casamento, são pelo contrario hauridos em autores insuspeitos.

Embora devamos pôr termo aos documentos sobre o clero russo, não convem entretanto fazel-o sem re-produzir aqui algumas passagens da descripção que

(1) Mémoires d'un prêtre russe, par M. Ivan Galovine ch. X pag. 202.

(2) Diary of an Austrian secretary of Legation, vol. I, pag. 161, ed. ingleza.

nos faz do triste estado de aviltamento desse clero, um de seus membros:—o *pope* Belustino, que tornou-se celebre na Russia. (1)

V.—Eis aqui primeiramente como elle julga as casas de educação clerical, e os jovens aspirantes ao sacerdocio:

«Si os homens que receberão verdadeira educação se informassem do que se ensina e como se ensina nos seminarios (falla dos seminarios russos) não sei verdadeiramente qual seriam os seus sentimentos.

«Ririam á vista d'essa ridicula caricatura de educação, ou encher-se-hião de afflicção, á vista desta pobre mocidade condemnada á uma ignorancia sem sahida ?

«Seria um sentimento de indignação, vendo perder-se de um modo completamente inutil, o tempo, as forças e o trabalho dos alumnos ?

.....
«Desde o archijerez (bispo) até o ultimo director, todos não teem senão um fim: o de fazer tremer diante de si os alumnos.»

(1) O *pope* que aqui citamos, escreveu e mandou publicar fora de seu paiz uma obra anonyma com o titulo—*Descripção do clero do campo*.

Tendo por fim sido descoberto o autor do livro, o *synodo* condemnou-o á ser exilado para as margens do mar Branco.

Entretanto seu livro penetrou na Russia e causou grande impressão.

O *pope* tinha porem um poderoso protector. Graças á sua intervenção o Czar recusou confirmar a sentença do *synodo*, e em lugar de desterrar o autor para as margens do mar Branco, mandou-o para as margens do Mediterraneo, em Nissa, como capellão da igreja russa, sem exigir d'elle retractação alguma. Elle não acceitou e ficou na Russia.

O governo mandou mesmo remetter um exemplar á cada um dos bispos.

Foi publicado, em francez, um resumo por M. Deliére com o titulo de—*Tableau d'une Eglise nationale*—(Paris, 1862).

«Quanto aos logares mediocres um joven pretendente pode alcançar um, com a condição de pagar. Para um emprego se apresentam até dez e mais aspirantes. O eleito não é o que possui melhores attestados, porém o que offerece mais dinheiro » (Aqui se achão detalhes, que repugna transcrever.)

O seminarista, que tem em mira uma parochia, começa por procurar uma mulher, por duas razões: primeiramente porque não seria ordenado padre sem ser casado; em segundo lugar trata-se de achar uma mulher que tenha dinheiro, para comprar a ordenação e a parochia.

D'ahi resultão casamentos infelizes, e além d'isso uma profunda miseria.

O dote da mulher em pouco tempo vae devorado por essas exacções simoniacas. Felizes os que não precisão pedir emprestado.

Quando um *pope* se acha impossibilitado de continuar seu ministerio, quer por velhice, quer por molestia ou outra qualquer causa, si tem uma filha para casar, o moço que a esposa vae morar com o sogro, e exerce o ministerio em seu logar, sem ser obrigado a comprar um curato.

Muitas vezes por motivos de disputas entre o sogro e o genro, entre o *pope* e sua mulher, sobreveem processos, censuras, em uma palavra, tudo o que forma um lar desordenado

D'ahi resulta que o padre toma odio até das paredes da casa em que mora. . . Começa a beber, primeiramente para abafar seus pesares; depois a bebida torna-se uma necessidade, uma paixão.

Si trata-se de exercer alguma funcção, antes de tudo é preciso beber. . .

«Muitas vezes acontece que elle se entrega à outros vícios.

«Por todos estes motivos, continua o auctor citado a viuvez é frequente entre os *popes*. Ha quatro ou cinco viuvos, sobre dez.

«A morte da mulher do *pope* é para elle o prenuncio de uma queda completa.

«Elle procura então na *garrafa*, não já as consolações, mas o esquecimento total de si mesmo, torna-se habitualmente ebrio.»

VI.—Julgamos ter multiplicado bastante as citações, para dar uma ideia das importantes revelações consignadas na—*Descrição do clero russo*.

O leitor que tiver coragem de penetrar mais adiante nestes mysterios de iniquidade, poderá estudar o pope em suas relações com os nobres, com os membros inferiores e superiores do clero, com o consistorio, com o bispo, e com o santo synodo. Não verá por toda parte senão baixeza, e simonia.

Para dar mais precisão á seu pensamento, nosso auctor, o traduz assim em algarismos:

«Sobre 100 padres, diz elle, ha bem 60, á quem se applica completamente o que dissemos; 20 são um pouco melhores; 5 realmente melhores que estes ultimos, e 5 cuja perversidade excede tudo quanto podemos dizer.»

VII.—Apesar de toda a perversidade, apesar de todas as calumnias, adrede formuladas, e de todas as mentiras forjadas contra o clero catholico romano, pelos inimigos da Igreja, nunca estes poderam (ainda mesmo com a clamorosa parcialidade e injustiça de que usão) quando querem attacar os padres, nunca poderam, digo, lançar sobre elles tão graves recriminações,

nem dizer tantos horrores como os que acabamos de ver.

Entretanto o clero catholico romano é *celibaturio* e o clero russo é *casado*.

O que dirão depois d'isto os inimigos do celibato e os apologistas do casamento dos padres ?

VIII. — A dolorosa perspectiva do clero russo sugeria, não ha muito, á um fiel russo, o principe Delgowroukow, observações e votos dignos de menção.

«Seria bom, diz elle, voltar aos principios da *Igreja primitiva* e de não impôr mais aos padres do culto oriental *ortodoxo* a obrigação de contrahir matrimonio. Porque não lhes será permittido o celibato ? (1)

«Pedimos ao governo russo que lance séria attenção sobre o estado deploravel do clero, estado cuja responsabilidade diante do tribunal do Eterno não incumbe ao clero, mas ao governo. Nós o supplicamos de tirar enfim o clero russo da penosa e humilhante situação á que está reduzido, e de colloca-lo em uma posição conveniente digna dos ministros de Deus.» (2)

Triste supplica que faz comprehender melhor, que todas as recriminações, o abysmo em que cahe o padre, sobre cuja fronte já não fulgura a aureola do sacrificio virginal.

(1) Principe Delgorowkow: *=La vérité sur la Russie.*

(2) Doellinger: *L'église et les églises*

CAPITULO XI

Não se deve abolir o celibato sob pretexto de moralisar o clero. Desprestígio do clero grego, do clero armênio e de outros das igrejas scismaticas.

(Continuação)

1.—Os valiosos documentos que apresentamos no capitulo precedente, as tristes pinturas que auctores tão diversos, quanto as crenças e nacionalidades, nos fizeram da situação do clero russo, dispensavão-nos perfeitamente de addusir novas provas, para mostrar que é um erro grosseiro querer abolir o celibato, sob o falso e ignominioso pretexto de moralisar o clero.

Si este exemplo tão frisante não basta aos nossos adversarios, não temos senão á passar em revista a conducta dos outros cleros que sacudirão o jugo salutar do celibato religioso.

II.—Passemos do clero russo ao clero grego e ao das outras Igrejas scismaticas em que foi abolida a disciplina do celibato ecclesiastico. Vae fallar por nós um testemunho occular, Eugenio Boré, citado por Mr. Pavy.

«Em quanto a Igreja romana, diz elle, tira do celibato a força, a regularidade e a dignidade de seu clero, o casamento rebaixa o sacerdocio, no Oriente á um estado de domesticidade e inferioridade degradantes

«Tomemos por exemplo os gregos, os nestorianos, os jacobitas, os armenios, e os coptas.

«O clero destas seitas partilha-se em duas classes bem distinctas: a dos padres *casados* e a dos padres *não casados*.

Os primeiros formão o clero chamado *inferior*, incapaz de elevar-se jamais ás dignidades de bispo, primaz ou patriarcha.

«O clero *casado*, cujo tempo é absorvido pelos trabalhos do ministerio ou pelo *officio* que deve servir de sustentaculo da familia, não tem tempo para estudar.

«Toda a sua sciencia consiste, muitas vezes, em saber ler os textos liturgicos, em uma lingua antiga, que nem elles mesmos comprehendem.

«Quantas vezes, continua o mesmo escriptor, quantas vezes não fizemos a experiencia com os *papas* gregos ou com *derders* armenianos !

«O clero *regular*, sempre mais instruido e mais respeitado dos povos, trata o clero *inferior* com um ar de superioridade sensivel, que vae, por vezes, até o desdem. Assim, em uma reunião o padre casado se collocará bem longe e bem abaixo dos dignatarios ou dos simples religiosos celibatarios.

«Estes ultimos são considerados como revestidos de um ministerio santo, os outros como exercendo antes uma profissão ou um officio rendoso

«A mulher do padre, que passa muitas vezes, com razão, por governar o marido, é objecto de mofas interminaveis ou de desconfianças, que prejudicão a liberdade das confissões.

«O *filho do padre* tem um appellido particular, que como tambem o observa de Maistre, entre os Russos, é synonimo de *bronco* ou imbecil, appellido muitas vezes justificado pelo character ou pelo natural do individuo.

A *causa da profunda ignorancia dos padres casados*, entre os maronitas sobretudo, e da especie de *degradação moral e social em que infelizmente encontramos alguns*, é o *proprio casamento*.

Elles mal teem tempo de ler o officio, absorvidos e fatigados pelos trabalhos dos campos.

«Ficamos profundamente afflictos, (é sempre E. Boré quem falla), pelo espanto manifestado pelos chefes de uma aldeia do Libano, (onde estavamos hospedados) quando lhes testemunhamos desejo de visitar o vigario da localidade. Elles não podião comprehender esta attenção, nem esta delicadesa e dizião-nos ingenuamente: *Como ! incommodar-te por causa delle ? nós vamos mandal-o chamar*.

Querendo dar-lhes uma lição de respeito, eu fui à casa do khouri (cura), que encontrei fumando caximbo, em uma choupana, que continha a mulher, os filhos, as vacas e as galinhas. Elle estava então preocupado com uma operação importante: a venda de sua colheita de fumo.

«Em outro logar, não longe desta aldeia, um outro

imputava á sua pobreza, a nudez e immudicia de sua igreja; duplo defeito mais ou menos geral á todas as parochias dos padres casados. Mas o cura ficou envergonhado da observação que eu lhe fiz á respeito de sua mulher, cuja cabeça (segundo um costume local que remonta á idolatria de Tyro e Sidon) estava ornada com um enorme chifre de prata, cuja materia teria abundantemente servido para a confecção de um ciborio que faltava á Igreja. Pois bem ! elle nunca tinha pensado nisso.»

«A' um outro tinha sido enviado um ornamento para sua Igreja. Alguns dias depois o doador, indo visitar o padre, encontrou sua mulher occupada em descoser o ornamento para d'elle fazer um vestido (!!!)»

III.—Eis ahi, bellissimos *exemplos* de um clero casado ! Eis ahi a grande *moralidade*, o gráu de prestigio, de consideração e respeito á que pôde chegar um padre com mulher e filhos. E' á esse *cume de perfeição* e á esse *incomparavel gráu de moralidade* que quereis elevar o padre catholico, casando-o ?

São estes os bons exemplos que quereis que elle vos dê e ás vossas familias ?

Oh ! não. A Igreja catholica antes quer, de tempos á tempos, chorar sobre a ruina de algum de seus ministros decahidos, do que dar esposas á seus castos soldados, para vê-los em breve villipendiados, desprestigiados, desconceituados, desmoralizados emfim.

Citemos mais alguns factos testemunhados por protestantes inglezes e americanos

IV.—Os padres da Igreja grega teem uma triste reputação, observa um sabio viajante protestante, á

proposito das provincias austriacas em que reina o scisma.

«Accusão-os de se appropriarem dos objectos que não lhes pertencem, quando são recebidos nas casas das classes superiores.

«Accusão-os tambem de exercerem por vezes de uma maneira immoral, sua influencia sobre o sexo fraco.

«Poucos d'entre elles teem instrucção mais do que é preciso para lêr com difficuldade os officios necesarios. (1)

«Nas ilhas jonicas, diz o mesmo ministro protestante, muitas vezes são apenas superiores á gente da mais baixa classe

«Um d'elles me fazia um dia atravessar o lago de Calichiopulo; elle estava tão sujo e exhalava tal fetido que era preciso guardar-me á uma certa distancia.

«O infeliz fazia por ganhar alguns vintens em ausencia de seu amigo o bateleiro. (2)

«O clero grego não comprehende mesmo a lingua de sua liturgia

«Nós os vimos vender orações á mulheres que vinhão secretamente beber agua de alguma fonte milagrosa.

«Vimo-os vendendo bebidas alcoolicas nas portas das igrejas, transformando o sanctuario em taverna, aos olhos dos mahometanos justamente indignados de tal profanação (3)

(1) *A Trip. in Hungary and Transylvania*, por J. D. Ansted, cap. I

(2) *The Ionian Islands in 1863*, cap. I.

(3) M. Boré cf. Ubicini. *Letters ou Turkey*, vol. II, lit. 2.

«A ignorancia grosseira do clero inferior, não sómente no que diz respeito a theologia, mas tambem acerca dos primeiros elementos de educação; os costumes dissolutos de um grande numero de dignatarios do alto clero e as infamias praticadas nos mosteiros, tornarão-se proverbias em toda Grecia, diz Spencer. (4)

«O patriarchado, diz um auctor americano, é o centro de uma corrupção sem pejo.

«Nove decimos do clero grego são ignorantes, vulgares, ebrios, debochados... São por conseguinte desprezados pela grande maioria dos membros d'essa religião. (5)

«Todo viajante que tiver visitado Jerusalém, diz Joaj Morris, deve ter sido tocado pelo contraste entre a intelligencia, o espirito e a sciencia dos religiosos do convento *latino*, e a ignorancia grosseira e embotamento dos monges *gregos*, cujo fanatismo supersticioso é apenas superior ao nivel dos musulmanos.» (6)

O Dr. Thompson põe tambem em relevo o contraste entre «o decoro e dignidade» dos religiosos *latinos*, e a grosseria dos—«gregos e armenios.» (7)

V.—A avareza, a inveja, a hypocrisia e mesmo uma immoralidade grosseira são vicios communs no *clero armenio*, segundo um autor bem ao corrente dos negocios dessa Igreja. (8)

(4) *Travels in European Turkey* vol. II, c. XV.

(5) Correspondence de Constantinople, do *New-York Herald*,

(6) *Tour Through Turkey*, vol. I, e c.

(7) *The hand and the Book*, cap. XVII, p. 650.

(8) Haxthausen cap. IX, p. 313.

«Uma ignorancia grosseira, a estupidez, a avareza e a immoralidade são traços característicos do clero armenio, segundo o Dr. Moriz Wagner.

«Elles tomão facilmente, continua elle, um ar de virtude e de abnegação, mas em segredo entregão-se livremente ao vicio.

«A inveja e o ciume reinão em gráu supremo entre elles. Parece que não teem sombra de caridade fraterna, de amor do proximo, de bondade e de cortesia, no sentido christão d'essas palavras. (9)

«Toda a communidade *armenia* inclusive «seus bispos e seus monges» é representada pelo Dr. Bodensedt, que com elles viven, como uma sociedade morta á todo sentimento nobre e gasta por excessos contra a natureza.» (10)

O Dr. Friedrich Parrot explica assim a profunda e universal ignorancia do clero armenio:

«Todo leigo, com tanto que seja escolhido pelos fieis e que tenha passado quatorze dias em uma igreja observando os mandamentos e jejuns prescriptos pelo ritual, pôde receber a ordenação de um bispo, sem preparação ou sem educação subsequente. (11)

VI.—E depois disto ainda ousareis dizer que o casamento é um principio de moralidade para o clero? que o padre casado daria melhor exemplo á familia e a sociedade? Ainda ousareis desejar o casamento ao padre catholico para faze-lo crescer em prestigio e estima?

(9) *Travels in Persia*, vol. III pag. 51

(10) *Life in the caucasas and the East* vol. I pag. 221.

(11) *Tourney Ararat*, cap. IV e V.

Mas então como explicareis a ignorancia, a ignominia, do clero grego oriental? como explicareis o servilismo nojento do clero russo e do clero armenio, que cahindo no scisma aboliu o celibato?

Todos estes são casados, mas, porque, longe de espalhar a benefica influencia de uma moral sem macula, esses infelizes cleros gemem sob o peso de tão doloroso aviltamento?

Como explicar pelo contrario a influencia moralisadora, a acção energica, a independencia nobre, digna e santa do clero catholico, que resiste á toda perseguição, vence em todas as lutas, triumpho de todas as usurpações?

A razão é simples; é que o casamento neutralisa a acção do primeiro, e que o celibato fortifica a generosidade do segundo.

VII.—O casamento é nobre, é digno, é santo, é uma instituição divina, é um sacramento da Igreja, mas o casamento, geralmente fallando, não foi feito para o padre

A este pertence abençoar-lo, mas não contrahi-lo.

O celibato é mais digno e mais adequado á sua situação.

Casae o padre catholico e velo-heis ignorante, rebaixado como o padre grego oriental; rasteiro, servil dependente, despresado como o russo *orthodoxo* (*scismatico*.)

E desde então que influencia moral terá elle sobre aquelles que a Providencia collocou sob sua direcção?

O casamento, pois, bêm longe de ser uma condição de moralisação do clero, é pelo contrario uma causa de desmoralisação que se manifesta de um ou de outro modo.

Si os exemplos tirados dos cleros que apontamos, cujos membros se casão ainda não bastão, passemos á um outro.

CAPITULO XIII

**Não se deve abolir o celibato sob o falso pretexto de moralisar o clero.
Desprestigio dos ministros protestantes.**

(Continuação)

I.—Pugnaes pelo casamento dos padres, com o fim de melhorar o clero,

Pois bem, o *clero anglicano* é casado; os ministros do culto protestante são casados.

Mas o que são os ministros protestantes da Allemanha, da Suissa, e da Suecia ?

Uns faustosamente ridiculos, outros miseravelmente servis e emfim, o que é mais para espantar, alguns verdadeiros incredulos, embora sejam os órgãos das crenças das differentes seitas que representam.

A forma de desmoralisação pôde variar, mas o desprestigio, a degradação, o servilismo do clero é sempre

o mesmo, onde o celibato não acompanha o sacerdote.

«Na Suecia a occupação dos pastores é pela maior parte do tempo, profana. São os melhores *financeiros*, os melhores homens de negocios, muitas vezes mais capazes de tirar-se bem de qualquer empreza do que de exercer o ministerio pastoral.

«Depois do sermão, o ministro desce do pulpito e durante meia hora deve fazer o officio de pregoeiro, para dár conhecimento á seu auditorio das cousas, algumas vezes, as mais banaes.

«Um pernicioso formalismo prevaleceu por toda parte.»

II.—Na Dinamarca o clero abateu-se tanto que a sua acção já não apparece, diante da usurpação dos negocios ecclesiasticos.

«Do fim do seculo passado, diz Doellinger, não somente o povo das classes medias, mas o *proprio clero em massa tornou-se incredulo*, sob a influencia do racionalismo importado da Allemanha.

«Os candidatos ás parochias simulão ainda ortodoxia, na occasião do exame, mas na prégação que teem de fazer depois da ordenação mostrão-se, em presença do bispo, racionalistas decididos.

«Segundo o testemunho dos proprios dinamarquezes, a grande maioria do clero cahiu na incredulidade tão completamente quanto o *clero Allemão* da mesma confissão.» (1)

(1)Doellinger *L'église des églises*. Nesta obra Doellinger analisa o clero protestante nos diferentes paizes da Europa e por toda parte n'ó-lo mostra servil e sem influencia moral, apesar dos favores de que gosão os ministros, em alguns paizes.

III.—Triste condição a de um clero, que não crê naquillo mesmo que, por vocação, por dever de consciencia, deve ensinar !

Infeliz o povo, que tem á sua frente taes ministros !

Mas, o que foi que reduzio á tão deploravel estado os ministros da Igreja dinamarqueza, assim como de outras suas iguaes, que proclamão professar as mesmas crenças ?

Póde haver outras causas, porém uma das mais evidentes é o casamento dos seus pastores.

O casamento trouxe-lhes a dependencia, a dependencia facilitou o servilismo, o servilismo accarretou a usurpação e a invazão completa do poder civil na esphera da religião e dos negocios ecclesiasticos.

Forão escolhidos pastores á guisa de um governo que, proclamando uma religião de estado, é ao mesmo tempo racionalista.

As consequencias não podião ser mais desastrosas, mas tambem não podião ser mais logicas.

IV.—A Suissa com toda a sua liberdade poderá nos apresentar um clero casado, mais honroso e mais honrado ? Não

A reforma protestante demolindo na Suissa, como por toda parte onde ella penetrou, o celibato ecclesiastico, collocou inevitavelmente a Igreja e o clero suisso sob a acção arbitraria do poder civil.

A Igreja não é mais que uma corporação civil, os pastores não são mais do que empregados do governo, participando de todas as suas ideias, perniciosas ou não, e commungando todas as suas vicissitudes, attenta a estreita dependencia que liga os pastores ao governo.

E' ainda Doellinger quem vae nos contar o que se passa nesse paiz:

«Na Suissa a situação da Igreja protestante é peor que nos outros paizes. Ella é victima de duas enfermidades funestas: o *radicalismo* do povo e a *incredulidade* dos pregadores...

Mais adiante:

... «Infelizmente para os ministros, em varios cantões, são elles escolhidos por via de escrutinio, e no fim de um certo numero de annos, devem submetter-se á nova eleição

«Elles dependem pois do favor dos membros mais influentes e mais ricos da igreja á que pertencem; d'ahi succede que teem á lastimar-se de sua situação material que é sempre a mais lamentavel.

«Ella o é á tal ponto, que não ha muito discutia-se nos jornaes esta questão: *é justo que publicamente se fação annunciios para achar um emprego de criada, para as filhas dos pastores?*

Que vergonha! que desmoralisação para taes pastores, que decepção para os fieis!

V.—Cheguemos emfim ao *clero anglicano*.

O que é clero anglicano?

Si quereis saber o que elle é e o que vale, lêde as cartas do protestante Cobbet, que faz passar bispos e ministros de sua Igreja pelo acontre da historia, atravez de mil sarcasmos; lêde a obra de Robichon que os mostra, ora faustosamente ridiculos, ora pobremente servis; lêde a obra do P. Margotti, composta quasi inteiramente de documentos e confissões tiradas de jornaes inglezes e das obras dos protestantes; lêde as «*Missões christãs*» de Marshal, e o livro de Doellinger — «*A Igreja e as igrejas*». Lêde todas estas obras de

vulto desses autores de nota, e então tereis uma ideia exacta do que é o clero anglicano.

—Pelo character, ou antes pelo instincto de individualismo britannico, pela protecção official concedida á Igreja da Inglaterra, o clero inglez conseguiu não cahir no estado de miseria ou degradação *material* do clero protestante de outros paizes, ou do clero oriental e russo.

Aqui o quadro muda de aspecto e a desmoralisação vem por outro lado.

O clero anglicano, pela sua educação, pelas suas pretensões, pelos seus habitos de vida, pelas prebendas enormes e rendimentos pingues que possui, pouco á pouco affastou-se das classes pobres, ás quaes tornou-se como estranho.

Que differença entre o obreiro das manufacturas de Londres ou Manchester e esse *homem da moda*, que vem lèr no pulpito um discurso bem limado !

Mas, vêde, apesar das altas posições que occupão esses *lords* espirituaes, apesar da altura social em que os põe o ouro que recebem, apesar disto, digo, vêde que servilismo em face do poder civil, de quem dependem os ministros e suas familias.

Que nullidade na influencia religiosa, que exercem !

Quantas usurpações aceitas, quantos passos retrogrados em materia de jurisdicção, quanta ignorancia em doutrina, mas, sobretudo, quanta riqueza accumulada nas mãos de um pastor, que só pensa em si e em sua familia, enquanto o povo á elle confiado morre de fome !

E' isto o que chamaes um clero e um clero digno de imitação, mais digno e mais exemplar que o clero catholico ?

Não; isto não é um clero.

E' uma reunião de elegantes *sine curistas* e ricos paes de familia, que vivem e trabalham, não para os fieis que lhes forão confiados, mas para a familia, mulher e filhos, que a natureza lhes deu.

Si a Igreja nacional da Inglaterra não subsistisse senão pela vida que o seu clero lhe communica ha muito que já não existeria igreja anglicana, assim como, si o governo supprimissem o apoio que concede á esses senhores aristocratas, e retirasse a gorda congrua, que lhes fornece cada anno, o clero anglicano não tardaria á cahir em uma miseria physica, igual á seu desprestigio moral.

VI.—Alguns documentos vão provar o que dissemos: elles são tirados da obra de Margotti—*Rome et Londres*. (1)

«O «Times» dizia não ha muito: (2) A quarta parte de nossos bispos não faz nada ou, si faz alguma coisa, melhor seria que não fizesse.»

O «Times» era indulgente em seu julgamento, limitando-se á quarta parte dos bispos, mas concebe-se bem que os jornaes anglicanos não digão tudo.

«Os jornaes de Londres, de 24 de Maio 1857 publicarão a carta de um bispo anglicano, que declarava-se impedido de cumprir certos deveres em tal dia. porque era dia de corridas á cavallo e elle não podia deixar os cavallos para se occupar de negocios episcopaes.» (!!)

Sentimos não poder dispor de espaço para transcrever aqui algumas paginas dos testemunhos irre-

(1) Mornotti—*Rome et Londres*, traducção em francez, edição de 1859.

(2) Junho de 1854.

fragaveis apresentados pelo P. Margotti, por Marshal, e por Dollinger, para mostrar o *espírito de indolencia, de moleza, de mercantilismo e de ambição*, que reina no clero anglicano, segundo as expressões do marquez de Blanford, na camara dos lords em Maio de 1852.

Basta diser, com o *Weekly-despach*, do principio do anno 1857, que o aspecto geral da Igreja estabelecida em Inglaterra é tão mundano, que se dá ao pastor o titulo de *rendeiro*, á uma parochia o titulo de *vivenda* e ao cargo do pastor o nome de—*goso*.

«Pode-se ainda dizer, continua o mesmo jornal, que a missão clerical é, em certo sentido, um puro *offício*, um trafico honesto, que nossos pastores mercadejão em theologia como o droguista em chá, ou então que elles dão aviso sobre a alma como o medico sobre o corpo e o advogado sobre o processo, isto é, á troco de dinheiro: são as ovelhas que fazem as offertas e o culto é o *artigo de compra*. O cargo pastoral (ou antes o *goso*) é cada dia posto em *leilão*, comprado e vendido (!!)

Dá-se por preço baixo, segundo a apreciação do comprador, que avalia segundo o numero do rebanho, a grandesa das rendas, a amabilidade da sociedade, a commodidade da casa e das terras parochiaes.»

Aqui apresenta elle uma lista de grande numero de parochias postas á venda *publica*.

VII.—Sentimos verdadeiramente não poder continuar a serie de documentos dados pelo P. Margotti, sobre tudo concernentes ao espirito de mercantilismo e simonia que reina no clero anglicano.

Mas, o que temos dito até aqui basta para mostrar

que um clero casado nunca poderá estar na altura do prestígio, consideração e moralidade, que são o apannagio do clero celibatario.

Si no clero casado não se notão certos desmandos moraes, certa relaxação de costumes, certas infracções que se notão nos padres celibatarios, a rasão é muito simples e nós já a mencionamos anteriormente:

Primeiramente os padres casados não poderão nunca infringir a lei do celibato, quando não estão obrigados á ella;

Em *segundo lugar*, estas faltas não se notão no padre casado, precisamente porque fazendo elle parte da *condição ordinaria* dos outros homens, a sua conducta já não está tão exposta á observação, á malicia e á calunnia dos outros.

Quantas vezes o proprio casamento não é justamente a capa que encobre maior numero de delictos do que se imagina ?

Não queremos suppor que assim seja, mas os proprios que desejão o casamento dos padres, para evitar certos escandalos que de longe ao longe apparecem, mettendo a mão na consciencia, talvez se reconheção, por mais de uma vez, infractores desta santa união.

VIII.—Não devemos terminar este capitulo sem uma observação.

Attacando o clero grego oriental, o clero russo, e protestante de differentes seitas não desconhecemos, seria injustiça, que ha entre elles homens dignos de respeito, homens de grande merito em virtudes sociaes, homens distinctos, elevados pelos sentimentos, homens *humanamente admiraveis*, cheios de talentos e de excellentes qualidades, optimos chefes de familia, mari-

dos extremosos e paes carinhosos, mas isto não basta á um padre. Nem é preciso ser padre para reunir todas estas qualidades, que se podem encontrar á cada passo nos homens do mundo.

«Ha sem duvida entre elles, diz Mr. Pavy, fallando dos ministros protestantes d'Allemanha e Suissa, homens respeitabilissimos e honrados como taes, mas esta homenagem é muito pequena e nem se deve recusar á esses, quando se concede á outros; mas, não procureis entre elles nem os legados de Christo, nem os dispensadores dos seus mysterios, nem os medianeiros do Altissimo, nem as columnas da Igreja, nem os homens de Deos e do povo:

«Casando-se, elles abdicarão tudo isto; debalde se revestirão de uma tunica para subir á tribuna. . .

«O povo está acostumado á vel-os de *frack preto*, e seu respeito para com os ministros não excede jamais a medida do talento, ou do valor do character pessoal do ministro. Não ha nem grandesa, nem poder, nem prestigio, nada de sagrado ! Os proprios ministros protestantes o confessão !

Já ouviu-se dizer cousa igual do padre catholico ?»
Nunca.

IX.—Diante da doutrina que expendemos e dos exemplos que apontamos, não pode mais restar duvida que o casamento é a ruina e a morte do clero. causa de desprestigio, aviltamento e desmoralisação para seus membros.

Por toda parte onde o padre honra com seus castos exemplos a virgindade do seu estado, elle recebe em troca de sua vida regular, homenagem, veneração e filial amor da parte dos povos.

Casae pelo contrario o padre e nada mais o distinguirá.

Perfeitamente semelhante aos que o cercão, vestido como elles, esposo como elles, pae como elles, mundano como elles e, salvo riquezas pessoas ou salarios consideraveis, agricultor, agente de negocios, e infeliz como elles, todo o prestigio do ministerio desfallecerá e com elle a gloria da Igreja, e a honra do sacerdocio.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

CAPITULO XIII

**E' falso dizer que o padre celibatario
nãopode servir de modelo às pes-
soas casadas.**

I.—Vós dizeis que o padre casado serviria de modelo aos *casados*, eu vos pergunto: — quem serviria de modelo ao *solteiros* ?

O padre casado serviria de modelo aos casados, e sua familia de modelo às familias dos fieis.

Vós o dizeis, mas quem sabe ?

Os casamentos nem sempre são felizes,

Não é raro vêr-se esse recinto de paz e de amor, que se chama a familia, convertido em fóco de desordens e de lutas vergonhosas.

Ora, não poderá tocar á um pobre padre esta infeliz sorte ?

Não póde elle ter tambem uma mulher orgulhosa, activa, leviana, maldizente, caprichosa, prodiga, ciu-

menta, indiscreta e talvez mesmo infiel, cuja conducta, embora com grande escandalo dos fieis, lhe seria impossivel supportar ?

Não pode elle ter filhos libertinos, insolentes, prodigos, maliciosos, desobedientes ?

Não pôde escandalisar os povos, violando as santas leis do matrimonio ?

Não pôde tornar-se máo pae, marido brutal, esposo, infiel ?

E um homem d'este character com uma familia desta ordem, que exemplo poderia dar aos fieis casados e ás suas familias ?

Daria o mesmo que nos dão o clero russo, o clero grego, o clero armenio e o clero protestante.

II.—Como teria coragem para pregar aos outros a união, a concordia, a paciencia, o soffrimento mutuo e calmo dos dissabores domesticos, o padre que visse a discordia, a antipathia e as lutas em seu proprio lar ?

Que efficacia poderião ter, neste caso, seus discursos sobre o povo, que conhece as miserias conjugaes do seu chefe espiritual ?

Não seriam estereis, que digo ? não serão o objecto da mofa publica e paralisados pelo ridiculo, que os acompanharia ?

O sacerdote, pronunciando-os, não pronunciaria a sua propria condemnação ?

Não terião os outros direito de dizer-lhe: «Antes de fazer reinar a ordem na familia de outrem, comece por fazel-a reinar na vossa ?

«Sois o modelo do rebanho; comece por dar o bom exemplo e vinde depois prega-lo aos outros.

«Si sois incapaz de conter ou fazer entrar vossa familia nos limites do dever, como quereis que recor-

ramos á vosso ministerio, para corrigir as nossas, sobre as quaes tendes muito menor autoridade?»

III.—Admittamos porem que o padre casado podesse servir de modelo aos casados, mas repito, quem serviria de modelo aos *solteiros*?

Ha duas especies de solteiros ou celibatarios: Uns que o são por motivo de religião e de virtude, outros por motivo de depravação e de vicio.

O padre casado, fosse embora o mais virtuoso, não poderia servir de modelo para os primeiros, nem de correctivo para os segundos.

Primeiramente.—O padre casado estaria privado de pregar sobre a *virgindade absoluta e perpetua*, privado de expor aos fieis o preço e vantagens desta virtude, e de attrahir á sua pratica as almas puras e generosas, que em todos os tempos e logares Deus tem suscitado.

Que influencia poderião ter sobre esses corações, as palavras de um homem que fosse propor aos fieis uma perfeição, á qual elle mesmo não tem nem coragem, nem força para se elevar?

Como poderia elle propor-lhes a escolha de um estado, que elle mesmo, sacerdote de Christo, parece julgar impossivel?

E que graça teria, com effeito, ver um padre mergulhado nos cuidados da carne e do sangue, isto é, da familia á exhortar, á dirigir e á confessar virgens?

Em segundo lugar, o padre casado estaria impossibilitado de pregar mesmo a observancia do sexto mandamento da lei divina, a simples guarda da castidade, á essa multidão de pessoas que não podem se casar ou que por depravação e por vicio *não são casadas, ou não querem se casar*, para melhor entregar-se á devassidão.

O padre casado, prégando a guarda da castidade á esta classe de pessoas, expor-se-hia á zombaria e ao desprezo.

Cada um se julgaria naturalmente com direito de dizer ao padre:

«E' a ti facil pregar a castidade e a continencia, tu que achas no matrimonio, satisfação legitima á tua paixão.

«Dá-nos o *exemplo* da castidade e da continencia e tambem as praticaremos.

«Emquanto não o fizeres, as consideraremos alem de nossas forças e nos deixaremos arrastar pela inclinação natural.»

O *padre casado* permanecerá mudo á taes discursos, porque não poderá responder: «O que me é possível não vos é impossível.»

Elle não terá forças para lutar contra a libertinagem, sem duvida alguma, um dos maiores flagellos da humanidade.

O *padre celibatario* ao contrario, oppondo a sua conducta virginal ao freio da libertinagem, poderá dizer com coragem e independencia, do alto da cadeia sagrada:

«Sim, a castidade com o auxilio da graça divina, que não falta ao sacrificio voluntario, é possível.

«A prova é que, fraco e indigno como sou, eu mesmo a ponho em pratica »

Elle poderá dizer aos esposos:

«Sabei-vos moderar; vós o podeis; pois que eu mesmo sei me abster.»

Dest'arte a vida do padre celibatario será uma refutação permanente de todos os sophismas com que o libertino procura justificar-se á seus proprios olhos:

ella será a condemnação de todos os seus excessos: deíxal-o-ha sem desculpa, excitar-lhe-ha os remorsos; e lá, onde o remorso falta, existe ainda uma taboa de salvação.

IV.—Para terminar accrescentemos o seguinte:

Vós diseis que o padre casado serveria de modelo aos *casados*, mas, si fosse preciso ser casado para servir de modelo aos casados, seria necessario procurar, não no ceu, mas sobre a terra e sob algum tecto domestico, o modelo das virtudes que os esposos têm de praticar.

Jesus Christo, é o modelo apresentado pelo Evangelho aos virgens, como aos casados, podendo uns e outros imital-o; ora Jesus Christo não foi casado. Logo, segundo a doutrina de nossos adversarios, Jesus não poderia servir de modelo aos casados; o que é absurdo.

E' a santidade, é a verdade, é a caridade, é a pureza que a vida conjugal deve reproduzir, sob as formas appropriadas á esta condição, como é outra qualquer.

Ora um padre grave, piedoso, desinteressado, dedicado, caridoso, exercerá sempre, pelo celibato, mais influencia sobre os costumes conjugaes que um padre casado.

Alem disso é preciso considerar que os deveres mais delicados do casamento são os que o mysterio da consciencia encobre; ora, não vemos em que o segredo da vida intima de um padre casado possa servir para dirigir o segredo da vida de um esposo secular.

Esta objecção não é seria.

CAPITULO XIV

O celibato não é injurioso ao estado conjugal.

Depois de tudo o que acabamos de dizer sobre o celibato ecclesiastico, nossos adversarios se suppõem com direito de affirmar que *a lei do celibato é um ultraje a santidade conjugal.*

I. — *A lei do celibato ecclesiastico é um ultraje á santidade conjugal, dizem mais alguns inimigos da Igreja.*

Como?! A Igreja ultrajar a santidade conjugal! E quem é então que a defende?

Quem foi que honrou, defendeu, e protegeu o matrimonio contra os sophistas de todas as cores, de todos os tempos e de todos os paizes senão a Igreja?

Quem foi que o salvou contra os gnosticos, contra os manicheos, contra os excessos dos grandes da idade-media, contra os protestantes, emfim contra as abo-

minações do communismo, senão a Igreja, que sustentou sempre com firmeza a santidade e indissolubilidade do sacramento matrimonial ?

Quem é que despreza e ultraja o matrimonio ? os que venerando nelle um sacramento, grande em Jesus-Christo e na Igreja, consagrarão por um artigo de fé a sua unidade e indissolubilidade absolutas e querem que se o receba com o coração purificado pelo arrependimento e santificado pela graça, ou os que proclamão o divorcio, os que tentarão transforma-lo em alliança polygamica, para agradar à um principe debochado, e os que o tem rebaixado á simples condição de um contracto civil ?

Sem duvida os primeiros são seus protectores, os segundos seus inimigos.

II.—A Igreja não faz mais do que seguir o exemplo de seu proprio fundador.

Jesus-Christo foi virgem; recommondou vivamente a virgindade, e considerou-a um estado superior à todos os outros, quando é abraçado por amor de Deus.

Entretanto Jesus-Christo foi tambem quem elevou o matrimonio á altura de sacramento, quem estabeleceu sua dignidade primitiva, destruindo o divorcio e a polygamia.

Nem elle rebaixou a virgindade, santificando o casamento, nem ultrajou o casamento, considerando-o inferior á virgindade.

Pois bem; a Igreja faz o mesmo que o seu divino fundador.

A' exemplo de Jesus-Christo ella *prefere* a virgindade ao casamento.

A preferencia é uma homenagem para aquelle que é o objecto sobre o qual ella recae, mas não é um ul-

traje para o que não vem senão em segundo lugar.

Despreza-se a prata porque se prefere o ouro ? ou despreza-se o ouro porque se prefere o diamante ? despreza-se um talento distincto porque se dá preferencia ao genio ? ultraja-se uma irmã porque se escolhe para esposa a outra irmã ? Certamente não.

Uma classificação é uma justiça e uma necessidade de ordem, não é um ultraje.

A Igreja prefere pois a virgindade sem offender o o matrimonio.

Pelo contrario o defende, venera e prêga aos que não podem elevar-se até o sacrificio heroico do celibato.

Pela sua pratica quotidiana a Igreja ensina o respeito de que é digno o matrimonio bem como a santidade desse estado.

Assim a Igreja abençoá o casamento pelo ministerio do padre celibatario; á frente dos objectos veneraveis ella colloca a paternidade, e a maternidade; e por uma tocante analogia de funcções espirituaes com as funcções da natureza, ella dá o titulo de *pae ou padre* á seus sacerdotes, á seus bispos, á seus grandes doutores, á seus soberanos pontifices, e confere o titulo de *mãe* ás virgens que exercem sobre outras virgens a autoridade da direcção.

A Igreja condemna o orgulho dos que acham, na superioridade moral de sua condição virginal um pretexto para elevar-se acima de seus irmãos que vivem em condição menos elevada, mas não menos respeitavel; ella não cessa de repetir-lhes que a propria castidade sem as boas obras nada vale, que não é a profissão que sanctifica o homem, mas o homem quem sanctifica a profissão: que se pôde ser um santo no

estado conjugal e um reprobado no estado virginal, que feliz é a mulher forte, que no temor de Deus sabe dirigir os seus; e que infeliz é a virgem louca, que deixa apagar-se sua lampada, indo ao encontro do esposo celestial.

Eis como a Igreja comprehende o celibato relativamente ao casamento e o casamento relativamente ao celibato.

Ella prefere um estado ao outro respeitando, venerando e defendendo a excellencia de cada um em seu respectivo grão.

CAPITULO XV

O celibato religioso não é contrario á população dos estados

I.—Uma falsa sciencia, que se proclamava altamente a sciencia da economia politica, fazia outrora grande alarma com uma objecção contra o celibato. Ella produziu echo principalmente no seculo passado.

Os auctores da *Encyclopedia*, esse vasto receptaculo de todos os erros e sophismas de um seculo em delirio, fizeram-se os seus principaes propagadores.

«O celibato, dizem elles, prejudica a população dos Estados, diminuindo a reproducção da especie humana, porque, afinal de contas, essas multidões de homens e mulheres que se consagram á virgindade são outras tantas fontes estereis, que privão o corpo social de membros á que tem direito.»

Eis ahí a objecção tal qual foi formulada pelos philosophos do seculo dezoito e é a moda hoje repetida pelos economistas atrasados ou pretensos economistas do seculo dezenove.

Será justa? Não. E' falsa.

Felizmente sobre a questão da população temos hoje luzes que faltavam para a defesa do celibato nos seculos passados.

A sciencia, mas a verdadeira sciencia economica, veio em nosso auxilio para pulverisar as asserções e reduzir ao silencio a escola de Voltaire no seculo ultimo e os seus continuadores, no presente.

Antes de lançar mão desse argumento, apresentemos alguns outros.

II.—O celibato prejudica a população, diseis vós. Expliquemo-nos:

O celibato é *contrario a população* no sentido que elle *não concorre directa e immediatamente para a reproducção da especie*, concedemos; mas tambem que elle é *favoravel á população* no sentido que o celibato *dá, pela sua influencia, que o faz perder pela abstenção dos que o praticão*, eis o que ninguem pode negar sem clamorosa injustiça.

A razão é bem clara: Ninguem pode, séria e conscienciosamente, contestar que os *maus costumes* e a *immoralidade* são eminentemente *desfavoraveis* ao desenvolvimento e á conservação da especie humana, e que a *moralidade* e *bons costumes* são eminentemente *favoraveis* á esse desenvolvimento e conservação.

Com effeito, não é certo que onde reina a libertinagem, o deboche, e a devassidão, ahí tambem reina a *esterilidade*, e pelo contrario onde os costumes são mais puros os casamentos são mais fecundos?

Não é verdade que quando os esposos não considerão o matrimonio senão como um estado de prazer e de volupia, elles fassam um jogo sacrilego das santas leis da natureza e não teem senão raros filhos, em vez de familias patriarchaes ?

Não é verdade que as mulheres voluptuosas, ou temem ser mãe, ou accelerão o nascimento dos filhos por meio de bebidas venenosas e causativas do aborto ou dão a morte ás crianças recém-nascidas, como se vê em todas as paginas da historia antiga ?

Não é verdade que, cada dia, a libertinagem ceifa na primavera da vida uma multidão de jovens, conduzidos pela corrupção e pelo vicio á uma decrepitude prematura, os quaes se não fôra o vicio terião podido educar uma familia ?

Sim tudo isto é verdade.

Mas o que podemos d'ahi concluir em favor do celibato ?

Podemos concluir que si de um lado os bons costumes são favoraveis e necessarios ao desenvolvimento da população, e si do outro a immoralidade, o vicio, a depravação são contrarias á esse desenvolvimento, resta-nos. digo, concluir que o celibato sendo pela influencia que exerce, o antidoto contra a immoralidade e a alma da moralidade, é duplamente favoravel a população.

III.--Podereis perguntar-nos: como esta influencia pode ser exercida pelo celibato ? A resposta é facil.

O homem é naturalmente imitador e, como diz Buffon, o homem é o unico verdadeiramente imitador, pois *só elle pode querer imitar*.

O homem inflamma-se á vista das grandes cousas, á vista das acções brilhantes. Elle se compraz em encon-

trarnos seus semelhantes modelos que lhe sirvão de guia.

O exemplo é para elle um movel poderoso, capaz de indusi-lo á virtude, como tambem de arrasta-lo ao vicio.

Isto é um facto que a experiencia dos seculos nos affirma pela historia e pela sciencia.

Pois bem: represente-se a Igreja catholica enviando pelo mundo seus sacerdotes virgens para pregar a moral de Jesus-Christo. Não é evidente que em face desta aptidão dos homens para a imitação, o exemplo da virgindade absoluta, dado pelos ministros da palavra divina, deverá exercer uma influencia notavel sobre as populações?

E' incontestavel que as massas populares vivem antes pelo coração que pela intelligencia, diz o Dr. Dufieux. Ellas sentem mais o poder do exemplo do que a força do raciocinio. Si ellas não virem planejar, em uma esphera superior, uma virtude sublime que as domine e dirija, perderão de vista o proprio dever.

Mas quando os povos vêm diante de si, homens virgens que lhes ensinam as grandesas ineffaveis da santa virtude, não deverão sentir com mais facilidade nascer em seus corações a coragem de pol-a em pratica?

Não serão elles naturalmente levados á dizer como S. Agostinho: *Não poderemos nós o que outros homens podem? Elles poderam ser virgens, não poderemos nós ser castos? Elles poderam fazer a Deus o sacrificio de todos os praseres dos sentidos, não poderemos nós fazer o sacrificio de ser sempre dignos no cumprimento dos deveres conjugaes? Elles tomaram com coragem o caminho da perfeição, não poderemos nós tomar o do dever?*

Dest'arte a ideia do dever substitue a dos prazeres.

O homem, indignado de se ver tão longe de seu semelhante, tenta approxima-se e a virtude destronisa o vicio

O mancebo, tocado pelas palavras e exemplo do sacerdote virgem, procura no casamento a correccão de suas desordens.

O abuso desaparece do casamento e o leito nupcial multiplicado e respeitado torna-se, graças á influencia do celibato, uma fonte fecunda, d'onde surgem novas gerações.

Isto não é uma utopia, diz o distincto Dr. Dufieux, é uma verdade de facto que surte naturalmente do estado comparado das sociedades orientaes e das sociedades christãs.

Suprimi o celibato dos padres e as sociedades christãs, como as outras, fanadas pelo sopro impuro das paixões, embrutecidas pelo habito do vicio, entregues á volupia e ao abuso do casamento, *darão somente ao estado, os filhos que o deboche não tiver podido decorar.*

IV.—Assim a virgindade, *esteril* em si mesma, torna-se *fecunda* em seus resultados. Sua maternidade tem por corôa todos aquelles que não nascerião sob a influencia da immoralidade, que, é por natureza esteril.

Guardando o celibato, o padre suprime, é verdade, por seu lado uma geração, mas, ficae certos, e vereis no dia das manifestações universaes, que a sua virgindade faz germinar um grande numero de familias.

Sua palavra no pulpito, suas exhortações no santo tribunal fortificadas pelo exemplo virginal, á isso concorrem com grande efficacia, já corrigindo os abusos,

já prevenindo os maus costumes da infancia, já impedindo a mocidade de se corromper e de consumir seu vigor e innocencia, já enfim recordando-lhe obrigações, cuja infracção e esquecimento são a mais dolorosa chaga de nossa epoca.

V.—Deste modo o celibato possui uma *fecundidade moral* que é de uma alta importancia social e christã, e que só por si bastaria para justifica-lo.

Mas, alem disso, o celibato possui tambem uma *fecundidade physica*, que supre de certo modo a paternidade ou maternidade, segundo a ordem natural da geração, e cõmpensa, até certo ponto, o prejuizo verdadeiro ou supposto que elle causa ao augmento das populações.

Queremos fallar das obras de caridade e de zelo realizadas pelo celibato, isto é, pelos seus representantes:—padres, religiosos ou religiosas—em favor das crianças enjeitadas, dos orphãosinhos sem abrigo e sem pão, em favor de velhos sem arrimo e de enfermos indigentes.

O celibato não só os salva quasi sempre da morte moral, peor que a morte physica, mas ainda os salva muitas vezes mesmo da morte physica, para restitui-los de novo á sociedade, sãos, vigorosos, honestos e aptos á prestar-lhe ainda serviços, para os quaes estariam talvez para sempre inutilisados, si essas almas caridosas não viessem soccorrel-os.

VI.—«Vós dizeis que o celibato priva de cidadãos o estado; exclama o P. Berseaux, mas, não foi e não é ainda cada dia o celibato, que arranca á uma morte certa uma multidão de crianças abandonadas pelos proprios auctores de seus dias ?

«Não é ainda o celibato, isto é, os seus represen-

tantes, continua elle, que, depois de os ter recolhido, educa esses meninos, e ensina-lhes os principios de religião e de moralidade, sem os quaes tornar-se-hião monstros e com os quaes transformão-se em operarios honestos ?

«Não foi ainda elle que construiu a maior parte desses hospitaes, palacios soberbos da indigencia, nos quaes o obreiro enfermo e o pobre abandonado encontram os cuidados, os remedios e o repouso que lhes são necessarios e que os tornão capazes de reatar depois o curso de seus trabalhos, trabalhos que são a fonte da riqueza publica, e os quaes, sem o soccorro preparado pelo celibato, elles serião obrigados a renunciar para sempre ?

Sim; todos estes servicios se devem quasi exclusivamente ao celibato.»

VII.—Pois bem, contaes todas essas crianças que abandonadas por miseria ou por crueldade dos paes e condemnadas á miseria e á morte certa são salvas pelo celibato; contaes todos esses moços e moças feridos de esterilidade pelo vicio e pela corrupção em que vivem, e que, convertidos á moralidade, contrahem casamentos e offerecem gerações ao estado, graças á acção do clero; contaes todas essas pessoas que, desesperadas da vida, procuraríão a morte pelo suicidio, se não fosse a vigilancia incrível dos ministros da Igreja; contaes o numero considerabilissimo de enfermos curados nos hospitaes ou na choupana dos pobres, graças mil vezes mais a dedicação, aos cuidados, á attenção, á assistencia assidua dos padres ou religiosas que os ladeavão, do que aos remedios de que usarão; contaes tudo isto, digo, e vereis que mesmo physicamente o celibato possui uma fecundidade real, que supre,

até certo ponto, a paternidade ou maternidade segundo a ordem natural da geração.

VIII.—A Providencia permittiu que, no momento em que escrevemos estas linhas, deparássemos em um numero dos *Annaes da Obra da Santa Infancia* (1) com um interessante artigo relativo á questão que nos occupa.

E' um documento irrefragavel que prova, com toda a evidencia, que existe, além da grande influencia moral, exercida pelo celibato, uma compensação physica real, compensação sempre inferior quanto ao numero porém superior quanto ao modo.

Eis aqui o artigo extrahido do numero 208 dos *Annaes da Santa Infancia*, de setembro á outubro de 1881:

A Obra da Santa Infancia em 1881.—Não duvidamos da alegria dos amigos e bemfeitores da Santa Infancia ao saber a boa nova que vamos communicar-lhes.

«No anno findo receberam a graça do santo baptismo 440,000 meninos infieis (!!)

(1, «*A Obra da Santa Infancia*,» uma das prodigiosas invenções da caridade christã, é a associação dos meninos christãos para o resgate das crianças infieis no Oriente e na Africa, por meio dos missionarios.

Ella consegue o baptismo de uma multidão de crianças, desamparadas por seus paes ou condemnadas miseravelmente á morte.

Como mãe caridosa, a *Obra da Santa Infancia* recolhe os meninos engeitados e lançados nas ruas como pasto aos porcos; compra aos paes os que são condemnados a morte, colloca-os em orphanalatos e escolas, onde são vestidos, nutridos e educados.

Destarte todos esses meninos, que devem a existencia á fé e caridade dos missionarios catholicos e á Religião de Jesus Christo, deverão um dia ser os apóstolos destinados á conversão de seus paes.

Santa religião de meu Jesus, quanto és bella e admiravel em tuas obras !

milhão. Que magnifica seára de anginhos offerecidos a Jesus Infante ! E notae que no anno anterior, a taboa que contem o resumo dos diversos relatorios das differentes missões, não contava senão 434,000 baptisados.

«Presentemente, pelos cuidados da *Obra da Santa Infancia* vão se educando 100,000 meninos (!!) os quaes devem por isso á *Obra* o beneficio inapreciavel da fé e da educação profundamente christã que recebem.

Esta cifra é tambem superior á do anno precedente, a qual não subia senão á 94512.

Ora já vêdes, caros amigos, que esses meninos, que agora se podem chamar vossos, tornão-se os apostolos de suas familias, nas quaes são instrumentos de numerosas conversões, e que são as premissas dos nucleos christãos que formão a alegria dos missionarios. Que bellas esperanças ! Que bellos fructos já se mostram nas flores ! !

«Além d'isso a *Obra* do resgate dos *pequenos mouros*, já emprehendida na Africa, se estende muito, e bem depressa, se a socorrerem as esmolas da *Santa Infancia*, se desenvolverá cada vez mais.

«Lestes, certamente, caros meninos, as particularidades ingennamente descritas, nos ultimos numero de hossos annaes relativamente ás condições dos *mouro-sinhos* escravos, e não tereis esquecido aquella carta do missionario da costa occidental da Africa, onde elle pintava aquellas pobres crianças amontoadas nas *pirogas* d'aquelles monstros em forma humana (negociadores de escravos) e vendidas á vil preço; e quando não se achava quem os quizesse comprar, abandonadas no fundo das florestas, para serem presas dos

tigres, ou dos crocodilos se são expostas na beira dos rios.

«Ha pouco tempo, um missionario, voltando d'aquellas pobres regiões, contava que trez mouros, por uma pequena culpa tinham sido, por ordem de seus senhores, atacados á pesos e afogados, e que um outro, por uma leve falta, tinha sido morto á cacete.

«A Obra da Santa Infancia é chamado pela providencia a subtrahir vossos irmãos d'Africa á estes horrores, á restituir-lhes a liberdade e obter-lhes um bem mil vezes superior: a santa liberdade dos filhos de Deus.»

IX. — Eis como o celibato religioso compensa mesmo physicamente, o numero de nascimento de que elle priva as populações, segundo a ordem natural da geração.

E' sem duvida á pequena esmola, ao abolo dos fieis, que reunido forma grandes sommas, que se deve o dinheiro com o qual se resgatão essas infelizes crianças na China, na India, ou nas Costas d'Africa.

Mas quem é instrumento desse resgate? quem vae expôr a sua saude e mesmo a vida para salvar aquellas innocentes creaturas senão o missionario catholico?

Sem a sua intervenção, nós vimos pelo artigo citado, qual é a sorte d'aquellas creanças; por seu intermedio ellas tornão-se christãs, recebem a vida da alma e muitas vezes a vida do corpo!

Pelos algarismos fornecidos no artigo acima citado, em conta redonda forão baptisados 440,000 crianças, no anno de 1881, das quaes 100,000 estavam sendo educadas.

Que bella fecundidade, que bella geração produzi-

da pela generosidade desses apostolicos celibatarios !
Essas creanças estavam condemnadas á uma morte certa e deshumana

Graças aos serviços dos missionarios, obteem a salvação da vida, a graça da fé e os beneficios da educação.

Ignoramos qual seja o numero de missionarios empregados nesta parte das missões, porém sem duvida não excedem á 8,000 Partindo desta hypothese façamos um calculo.

Si existe nesta parte das missões catholicas 100,000 meninos, salvos da morte e educando-se sobre a direcção de 8,000 missionarios, segue-se que 2634 missionarios possuem, como termo medio para cada um, uma familia de 13 *meninos*, e 5366 teem uma familia em termo medio de 12 *meninos* por cada missionario.

X. — Certamente não podemos servir-nos de tal argumento senão quanto aos paizes de missões nas regiões infieis, querer, applica-lo ás cidades christãs, onde existe o clero catholico, seria o maior dos absurdos.

Mas, não é verdade que, para compensar o numero de cidadãos, de que priva os estados, o padre celibatario não podesse apresentar senão esse numero prodigioso de crianças baptisadas cada anno ou educadas nos paizes infieis, esse serviço inimitavel não seria bastante poderoso para justificar o celibato dos padres ! ?

Como ! vos é mais facil ver esses milhares de pobres meninos morrerem pagãos, devorados pelos crocodilos nos rios ou morrendo de fome nos desertos, do que admittir o celbato dos padres ! ?

Si tendes um coração de ferro, a Igreja tem um coração de mãe.

Ella sabe que jamais nação alguma extinguiu se por causa do celibato dos padres; sabe que o padre casado é inapto para as obras heroicas de zelo; sabe enfim que o que faz a felecidade dos Estados não é tanto uma população numerosa, mas uma população vigorosa, sã, robusta, e honesta.

Ora nada é tão adaptado á obter taes resultados como o celibato, pela incrível influencia que exerce sobre os costumes e moralidade dos povos.

E' por isso que em vez de vergar á sua disciplina ao peso de uma reclamação, que a primeira vista parece justa, a Igreja mantem o celibato.

Depois desta consideração, temos pleno direito de perguntar: por ventura não haverá nesta influencia *moral exercida pelo celibato sobre os costumes e nos serviços materiaes* por elle operados em favor dos povos, uma compensação sufficiente, senão mesmo superior ao augmento mais ou menos crescido de população, que resultaria do casamento destes padres e religiosos celibatarios? Sim.

XI.—Quereis agora saber o que concorre para á destruição das populações?

São essas guerras sangrentas e essas conquistas ambiciosas com esse magico talisman de gloria que faz bater tantos corações. Adquire-se uma folha de louro na guerra, sem juncar a terra de cadáveres?

O que aniquilla as populações são essas revoluções, que de um seculo á esta parte se fazem com tão deploravel facilidade.

O que arruina as populações são as pestes e os

flagellos physicos que de tempos á tempos assolão cidades, provincias, e paizes inteiros.

O que devasta ainda as populações são os duellos e suicidios tão frequentes em nossa epoca, e cuja estatistica cresce de uma maneira assustadora. O que prejudica emfim as populações é a corrupção da mocidade, a profanação do casamento, e a prostituição, que toma proporções horrorosas sobretudo nos grandes centros, nas grandes capitães.

Porque pois dirigir unicamente ao celibato religioso uma recriminação que tantas outras causas com mais justo titulo merecem ?

Porque fazel-o solidario de todo o peso da accusação, quando é elle o que menos influencia exerce no decrescimento das populações ?

Os argumentos que até aqui apresentamos provão á saciedade que o celibato não é nocivo, e sim favoravel ao desenvolvimento da população.

IV.—E' assim que no seculo passado se teria podido victoriosamente refutar sobre varios pontos de vista, as objecções do philosophismo. Mas, começando esse capitulo, dissemos que a sciencia veio tambem em nosso auxilio para pulverisar as asserções e reduzir ao silencio a escola de Voltaire.

E' tempo de servir-nos de seus dados.

CAPITULO XV

O celibato ecclesiastico não prejudica a população.

(Continuação.)

I. —Outr'ora se considerava que o augmento da população estava em rasão directa do numero de nascimentos, e o numero de nascimentos em rasão directa do numero de casamentos.

D'ahi a guerra ao celibato que, diminuindo os casamentos, diminue os nascimentos, e, diminuindo os nascimentos, prejudica a população.

Os que assim entendião não pensavão, porem, que a questão não é somente de multiplicar os nascimentos, mas de prover á subsistencia da população nascente ou crescentê.

Elles não pensarão que a questão não é simples-

mente produzir e produzir sempre, mas é também de educar a geração que nasce.

Os economistas modernos (fundados sobre a experiência e observação dos factos e mais bem avisados do que os que julgão as cousas pelas apparencias) os economistas modernos ensinão que, bem longe de depender do numero indefinido de nascimentos, o *desenvolvimento e bem-estar das populações depende e é principalmente subordinado aos meios de formação e subsistencia fornecidos á geração nova* (2)

Elles ensinão que quando estes meios não forem proporcionados ás necessidades da população, isto é, quando o numero dos individuos exceder aos meios de subsistencia, ou por outra, quando o *consumo* for maior que a *produção*, quando se encontrarem, como diz Mr. Pavy, vinte braços para uma hora de trabalho e cem para um logar, seguir-se-ha naturalmente que em vez de progredir a população, tem de ficar estacionaria ou antes deve forçosamente diminuir.

Neste caso o numero dos nascimentos não fará mais do que augmentar o numero das mortes prematuras, ou multiplicar as difficuldades que já occupão o solo.

Elles não ensinão ainda que, por si mesma, e sem ter necessidade de ser activada, a população tende á crescer desmedidamente: que a nação menos numerosa bastaria para povoar inteiramente a terra, em tempo relativamente curto, si os meios de existencia podessem se multiplicar tão rapidamente quanto a população; ensinão enfim que o maior obstaculo ao de-

(2) Ricci *Collezione* t. XII, citado por Mr. Bernardin Cassiat, sustenta com fortes argumentos o principio que o crescimento da população não consiste na multiplicação sem regra do casamento.

desenvolvimento da população nascente é a população já existente (1)

D'onde a economia politica moderna conclue que o crescimento deve ter limites e que o instincto cego da reproducção, podendo acarretar resultado exorbitante, o homem deve collocar esse instincto, como todas as outras inclinações, sobe o imperio da razão.

II.—Mas, si as populações tendem sempre a ultrapassar os limites, que lhes são impostos pelos meios de subsistencia fornecidos pela natureza, porque não consideram como uma garantia para as nações a manutenção de um estado como o celibato, que sabendo alliar a pureza da moral com os interesses da sociedade, tiver por fim reprimir essa tendencia perigosa e manter um equilibrio que não se pode alterar sem causar funestos resultados?

O celibato estabelecendo esse equilibrio, que em muitos casos ainda não é bastante, concorre á conservar a justa proporção nos resultados exorbitantes que o instincto cego da reproducção traz consigo, segundo as palavras do grande e insuspeito economista Malthus (1)

III.— Os grandes mestres bem comprehenderão esta verdade.

E' por isso que, longe de fazer do celibato um ponto de accusação contra a igreja, elles encontrão nessa disciplina uma prova de sua divina constituição

(1) A prova desta verdade é que, quanto mais um paiz é povoado, menos cresce relativamente a população, menos fecunda é a geração, e as familias são em geral pequenas; em quanto que nos paizes onde a população ainda não está accumulada a população sobe com uma rapidez extraordinaria e as familias são verdadeiramente numerosas.

1 Rossi.—*Oeuvres de Malthus*, préface.

«A religião de Mahomet, diz Malthus, estabelecida pela espada, não sem grande destruição de fieis setarios, apresentou como um de seus primeiros deveres a *obrigação de fazer nascer meninos* destinados á glorificar o Deus que adoravão.

A religião christã préga-nos outras maximas e *nisto se reconhece o cunho de uma religião divina e bem adaptado ao estado adiantado da sociedade humana etc., etc.* (2)

Sismonde foi ainda mais longe e chegou ao ponto de accusar a Igreja catholica de animar muito o desenvolvimento da população.

«O ardor dos *casuistas*, diz elle, pregando o casamento, para corrigir uma falta ou mesmo para precavel-a, a facilidade com que recommendão aos esposos de fechar os olhos sobre o futuro, e confiar seus filhos á Providencia, tem sido sem cessar, causas ac tuantes para destruir a proporção que se estabeleceria naturalmente entre a população e os meios de existir » (1)

IV.—Dest'arte a economia politica, que no seculo XVIII exprobrava a Igreja de pôr obstaculos ao desenvolvimento da população, com suas exhortações ao celibato, no seculo XIX a recrimina de têt-a por demais favorecido, com suas exhortações ao casamento.

No meio destas contradições o Christianismo prosegue sua marcha recolhendo, por ser a verdade eterna, as palmas da victoria.

As objecções do seculo XVIII lhe servem de resposta contra as objecções do seculo XIX e vice-versa.

2 Malthus Liv. VI. cap. II, IV, cap. IX.

1 Nouveaux principes d'économie politique, liv. VII, cap v

Guardando o justo meio-termo, sem cahir em excessos entre os systemas que o accusão ou de favorecer demais o celibato ou de favorecer demais o casamento, elle triumpho de todos.

V.—Não digão os adversarios do celibato que os principios acima estabelecidos são meras hypotheses irrealisaveis, e que jámais e em paiz nenhum a população crescerá tanto ao ponto de exceder aos meios de subsistencia fornecidos pela natureza.

Ahi está a historia com o facto da verdade para desmentir tão gratuita affirmação e para mostrar em realidade que a população pode chegar ao excesso, que a população excessiva é o flagello das nações e que enfim o desapparecimento de alguns estados tem sido antes pela exuberancia de população do que pela escassez de habitantes,

• Ter-se-hão já esquecido as horriveis caças aos escravos e os abominaveis infanticidios, pelos quaes os spartanos e os romanos desembaraçavão-se do excesso de população?

E os chinezes não lanção ainda por este motivo milhares de crianças para pasto dos porcos?

Quando foi que os barbaros do Norte incendiarão a Europa depois de ter devastado a Asia, senão quando, incapazes de viver em seus estreitos limites, tiveram de abrir caminho por entre chammas e sangue?

Nos paizes civilisados a emigração varre cada anno o excedente da população desfavorecida.

A Inglaterra e a Suissa, a Italia e Allemanha (1) são exemplos notaveis.

(1) Eis aqui segundo a *Gazete du Peuple* de 2 de outubro de 1883 os algarismos da emigração allemã feita *sómente* para os Estados-Unidos, sem fallar, nos outros paizes:

As estatisticas officiaes contão por milhares os subditos britannicos alojados em plagas estrangeiras para ir procurar, debaixo de um outro céu, o pão que a mãe patria não lhes pôde dar.

A Suissa despeja em paizes estrangeiros seus naturaes, convertendo em mercenarios seus industriosos habitantes, porque as margens de seus formosos lagos, as fraldas de suas bellas montanhas ou seus pittorescos e risonhos valles não podem mais sustenta-los.

Quanto á emigração da Italia e da Allemanha, um dos depositos é mesmo o Brazil, por vezes nós o sabemos.

Taes exemplos estão livres de qualquer contradição.

VI.—Si pois é exacto que os povos abandonados sem equilibrio providencial, á toda sua feiva e fecundidade naturaes, tendem sempre á ultrapassar os limites que lhe são marcados pelos meios de subsistencia, e si tristes exemplos teem confirmado, e confirmão ainda, que a população excessiva é o flagello dos imperios, porque não considerar-se, repito, como uma segurança para os povos e prosperidade

Annos	De 1 de janeiro a 31 de agosto.
1883.....	119,201
1882.....	145,436
1881.....	155,039
1880.....	68,288
1879.....	22,212
1878.....	17,539
1877.....	15,708
1876.....	20,174
1875.....	22,618
1874.....	33,097
1873.....	77,848

para as nações, a manutenção de um estado que, sabendo alliar a pureza da moral com os interesses da sociedade, tiver por effeito reprimir uma tendencia perigosa e manter um equilibrio que não se póde alterar sem causar funestos resultados ?

E não é o celibato, no plano do auctor da natureza, uma das instituições destinadas á fazer o contrapezo necessario ao fogo dos instinctos e das paixões do homem ?

Assim notae a differença dos ensinos dados pela revelação no começo do mundo e no começo do christianismo.

Nos primeiros tempos Deus disse ao homem « *Crescei e multiplicaes-vos.* » «E' que então tratava-se de povoar o universo e essa benção vinha por assim dizer fortificar o dom de fecundidade. Para ainda mais facilitar essa multiplicação da especie, então, a polygamia foi tolerada mesmo sob o tecto patriarchal e sob a lei mosaica.

Mas depois de quatro mil annos, o mundo não tendo mais necessidade dessa propagação sem limites, foi uma palavra bem diversa que sahiu dos labios do Filho de Deus.

Em vez de dizer á seus apostolos: « *Crescei e multiplicaes-vos,* » Jesus disse-lhes: Aquelle que deixar por meu amor esposa... filhos... neste mundo, receberá o centuplo, e no outro, a vida eterna.

Outros tempos, outros costumes, outras leis.

Parece que nossos adversarios de proposito esquecem taes exhortações, que de facto não se dirigem senão ás almas de escolha: *Qui potest capere capiat.*

Estas almas de escolha, formão e formarão sempre uma minoridade imperceptivel, sobre o grande nume-

ro dos que são chamados ao casamento por Deus ou pela natureza.

Querer pois casar os padres em interesse da população, é como lançar uma gota d'orvalho para augmentar o peso das aguas do oceano.

Não se assustem nossos adversarios. Os estados não ficarão desertos, nem as cidades se converterão em conventos de celibatarios porque os padres não se casão.

Não tenham receio; o estado conjugal terá sempre maior numero de adeptos que o estado celibatario.

CAPITULO XVII

E' falso dizer que si os padres se casassem muitos ricos e sabios entrarião no sacerdocio.

I.—Para nada omittir do que se diz mais communmente contra o celibato, apresentemos ainda neste capitulo uma difficuldade que se faz contra este estado.

Será esta a ultima objecção, si mesmo objecção se pôde chama-la.

Si os padres se casassem, dizem os adversarios do celibato, muitos RICOS e muitos SABIOS entrarião no sacerdocio, que hoje quasi não conta mais em seu seio nem ricos nem sabios.

Muito bem; concordamos. E' muito possivel que si os padres se casassem assim acontecesse.

Mas, a questão não é esta; a questão é de saber si a Igreja deve sacrificar á este interesse sua austera e salutar disciplina.

A honra da Igreja estará por acaso na riqueza do seu clero, no ouro e na prata de seus ministros?

Não; não é o ouro que torna o sanctuario respeitavel, embora seja verdade que elle possa dar-lhe um maior brilho exterior, maior influencia no mundo e mais recurso para as obras de caridade.

Jesus-Christo não escolheo doze ricos, mas doze pobres para fundar sua Igreja.

Entretanto elle não excluio os ricos, e a historia ahi está para dizer que em todos os seculos christãos, os ricos e os nobres do mundo fornecerão seu tributo á milicia sacerdotal.

O celibato não lhe servio d'obstaculo

II.—Entraí no sanctuario vós que sois ricos dos dons da graça mais do que dos dons da fortuna.

Applaudiremos vossa dedicação e generosidade.

Ficae no mundo vós que procurariéis na Igreja outra cousa, não á Jesus-Christo e as almas.

O clero não precisa de vosso dinheiro, si com elle traseis vossos vicios para o sanctuario.

Nada accresentareis á seu esplendor e o manchareis com vossos exemplos.

Ficae tambem no mundo vós, ricos, que não tendes força para abraçar o celibato. Si piedosos sentimentos vos animão e si a caridade vos vivifica, mesmo do mundo podeis auxiliar as obras da Igreja e os trabalhos do clero com vossas esmolas, sem precisar que ao vosso ouro a Igreja sacrifique a sua disciplina.

De mais, em falta de grandes fortunas, a Igreja

pode se contentar com grandes virtudes. Virtude vale mais que riqueza. Eis ahí quanto aos ricos.

III.—Mas os *sabios* ! os *sabios* !

Ah ! graças à Deus os sabios nunca faltarão à Igreja, e não precisa, para que ella os tenha, demolir a lei do celibato, quando tem sido precisamente o celibato a fonte fecunda de toda a sua sciencia.

Sem duvida a Igreja prima, e é natural, pela sciencia sagrada de seus ministros, á quem muitas vezes falta o tempo necessario para o estudo de outras sciencias.

Mas, apesar de ser este ramo especial em que ella deve soberanamente dominar e em que nunca será offuscada, apesar de que a Igreja não precisa distrahir a attenção de seus ministros com o estudo de outras sciencias estranhas (muito uteis sim, porem menos necessarias ao seu clero); apesar de que a Igreja conta com o auxilio, com a dedicacão e com a illustracão de seus filhos extremosos, os seculares catholicos, quando attacada em outro terreno ella precisa deffender-se; apesar de tudo isto, digo, a Igreja nunca deixou de ver em suas fileiras sacerdotaes, um numero infinito de verdadeiros sabios, não só nas sciencias e lettras sagradas (que são de sua competencia propria) mas ainda um numero tão consideravel, ao menos de tanto merito e tanto peso em todos os ramos de conhecimentos humanos, quanto poderião ser esses sabios que se farião padres (segundo vossa previsão) si o casamento fosse facultativo.

IV.—Quem foi que lançou no mundo essas obras colossaes de theologia dogmatica, moral, ascetismo, philologia, philosophia, historia, archeologia, diplomacia, senão padres celibatarios ?

Quando nos achamos em face desses innumeraveis volumes escriptos por Origenes, S. Epiphany, S. Ephrem, Eusebio, S. Gregorio, S. Ambrosio, S. Agostinho-Alexandre Halés, Alberto o Grande, S. Thomaz d'Aquino, S. Boaventura, Scott, Suarez, Montfaucon, Mabillon, Petau, Cornelio a Lapide, Huet, Bossuet, Calmet, Maï e tantos outros, perguntamos á nós mesmos: como a vida de um homem, algumas vezes assaz curta, pode chegar para tantos trabalhos, tantas pesquisas, tanta precisão e tanta exactidão? tal é a abundancia, variedade e plenitude de conhecimentos que n'elles se encontra.

Pois bem, génios desta ordem, alguns dos quaes derão nome ao seculo em que viverão, não encontrarão no celibato um obstaculo que os impedisse de abraçar o sacerdocio.

E' antes pelo celibato mesmo, pela facilidade que proporciona ao estudo, que se explicão todos esses prodigios de trabalho scientifico, que sem elle não poderíamos explicar.

A Igreja não tem pois necessidade, ainda uma vez repetimos, de sacrificar sua santa disciplina, de demolir o celibato para engrossar suas fileiras com uma meia duzia de sabios, que o casamento dos padres lhe poderia grangear.

V.—Si os sabios de que nos fallaes (e cuja vocação prophetisaes,) forem virtuosos e christãos, nos prestarão mesmo do meio do mundo um apoio tanto mais util, quanto parece mais desinteressado e independente.

Seremos felizes de congregar-nos com elles e de acceitar de seu prestigio, tudo o que poder contribuir a desenvolver ou engrandecer a alta missão do sacerdocio e a gloria da Igreja.

Si pelo contrario vossos sabios são frivolos, levianos, mundanos, Deus preserve para sempre o sanctuario de taes flagellos.

Ficæ porém certos de que assim como os nascimentos mais illustres não offuscarão jámais, entrando no sacerdocio, o pobre e humilde Vicente de Paulo, assim tambem os mais bellos astros litterarios, que nos prometteis com a abolição do celibato, não apagarão jámais os nomes de Agostinho, Thomaz d'Aquino, Boaventura ou Bossuet, verdadeiros genios, que para se fazerem padres não recuarão diante do celibato.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO



INDICE

Dedicatoria	IV
Approvação Episcopal	VII
Prefacio da primeira edição	IX
Duas palavras sobre a segunda edição	XVII

PRIMEIRA PARTE

O celibato ecclesiastico justificado pela tradição de todos os povos.

Capitulo I—O celibato antes do Christianismo	pag.	1
“ II—O celibato entre os Judeos	”	4
“ III—O celibato entre os povos pagãos	”	15
“ IV—O celibato no Christianismo. Jesus-Cristo e a Virgem Maria	pag.	24
“ V—Os Apostolos	”	36
“ VI—Os martyres, confesores e doutores da Igreja	”	46

SEGUNDA PARTE

O celibato ecclesiastico justificado pela natureza mesma das funcções sacerdotaes.

Capitulo I— O Padre	55
“ II— O Padre é sacrificador: Necessidade do celibato para oblação decorosa do sacrificio eucharistico	64
“ III—O Padre é juiz: Necessidade do celibato	

	ecclesiastico para o ministerio do confessional.	73
•	IV.—O Padre é medianeiro: Necessidade do celibato ecclesiastico para o exercicio tranquillo da oração	79
“	V.—O Padre é doutor e mestre: Necessidade do celibato ecclesiastico para independencia, energia e bons fructos na pregação das verdades da religião	84
“	VI.—O Padre é pastor: Necessidade do celibato para o ministerio parochial	96
“	VII.—O Padre é apostolo: Necessidade do celibato ecclesiastico para heroico ministerio das missões	112
“	VIII.—O padre é soldado de Christo: Necessidade do celibato para defeza dos interesses religiosos e direitos da Igreja, contra as invasões e usurpações dos poderes do mundo.	117

TERCEIRA PARTE.

Resposta ás objecções vulgarmente apresentadas contra o celibato clerical.

Capitulo	I.—Observações geraes.	125
“	II.—O celibato não é contrario á lei divina positiva. Futilidade da objecção tirada das palavras biblicas: Crescei e multiplicaes-vos (Genesis, cap I)	128.
“	III.—O celibato não é contrario á natureza humana	142
“	IV.—O celibato não é impossivel	155
“	V.—O celibato não é causa de enfermidade nem de mortes.	165
“	VI.—A lei da Igreja que obriga os padres ao celibato não é tyrannica.	176
“	VII.—Não foi Gregorio VII quem estabeleceu a lei do celibato ecclesiastico.	186
“	VIII.—Gregorio VII não foi o instituidor, mas o restaurador do celibato ecclesiastico.	195
“	IX.—Não se deve abolir o celibato sob o fal-	

	so e ignominioso pretexto de melhorar a moralidade do clero.	202
"	X.—Não se deve abolir o celibato sob o falso pretexto de moralisar o clero. Os padres russos scismaticos são casados. Seu desprestigio.	212
"	XI.—Não se deve abolir o celibato sob o falso pretexto de moralisar o clero. Os padres gregos, armenios e outros scismaticos são casados. Seu desprestigio.	221
"	XII.—Não se deve abolir o celibato sob o falso pretexto de moralisar o clero. Os ministros protestantes são casados. Seu desprestigio.	230
"	XIII.—E' falso dizer que os padres celibatarios não podem servir do modelo às pessoas casadas.	240
"	XIV.—O celibato ecclesiastico não é injurioso ao estado conjugal.	245
"	XV.—O celibato religioso não é contrario á população dos estados.	249
"	XVI.—O celibato religioso não é nocivo ao desenvolvimento das populações (continuação).	262
"	XVII.—E' falso dizer-se que com a abolição do celibato muitos ricos e sabios se farião padres	269

